

TESTEMUNHAMOS EM TODOS OS CONTINENTES O SUCESSO  
DAS LUTAS POPULARES

—PRESIDENTE SAMORA MACHEL A MEMBROS DO CORPO DIPLOMÁTICO  
NO NOSSO PAÍS QUE APRESENTARAM SAUDAÇÕES AO CHEFE DE ES-  
TADO POR OCASIÃO DO ANO NOVO

**O Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, pro-  
nunciou ontem um importante discurso, ao receber saudações do Corpo Diplomático  
acreditado na RPM, por ocasião do Ano Novo. No seu discurso que publicamos a  
seguir, o Presidente Samora Machel faz referência, às vitórias alcançadas pelo nosso  
País, à situação na África Austral, particularmente no Zimbabwe, e a diversas outras  
questões internacionais.**

Sua Excelência Titus Sikasula  
Embaixador da República da Zâmbia e  
Decano do Corpo Diplomático

Senhores Embaixadores

Membros do Corpo Diplomático

Minhas Senhoras  
Meus Senhores

Bem-vindos.

A vossa presença vem uma vez mais testemunhar o apreço e consideração que através de vós, os Estados e os ilustres dirigentes de que sois dignos representantes, têm para com a República Popular de Moçambique.

Sensibilizam-nos os bons votos e as amáveis palavras de encorajamento que nos dirigiu Sua Excelência o Decano do Corpo Diplomático acreditado na República Popular de Moçambique.

É-nos particularmente grato assinalar nesta cerimónia o número cada vez maior de representações diplomáticas no nosso País. Este crescimento do Corpo Diplomático na República Popular de Moçambique, que tanto nos honra, traduz o interesse que outros Povos e Estados do mundo demonstram em relação ao nosso País e ao papel que nos é reconhecido na solução do conjunto de problemas que afectam esta zona do mundo.

Na medida das nossas capacidades temos sempre procurado prestar o nosso contributo para a realização também nesta zona dos nobres ideais da Humanidade — a Liberdade, a Independência, a Justiça, o Progresso e a Paz.

Senhores Embaixadores

Durante o ano de 1979 desenvolvemos e aprofundámos as nossas relações de amizade e cooperação com vários países, particularmente com aqueles que se encontram engajados na luta contra o colonialismo, o sionismo, o «apartheid», a injustiça, na luta contra o imperialismo. Foi neste contexto que recebemos no nosso País, em visita de Partido e Estado, Sua Excelência Erich Honnecker, à frente de uma importante delegação do Partido Socialista Unificado da Alemanha e do Governo da República Democrática Alemã. Esta visita permitiu reforçar os nossos já tradicionais laços de solidariedade fraternal e militante e estabelecer novos instrumentos para o desenvolvimento da nossa cooperação.

Apraz-nos igualmente referir o sucesso da visita que ao nosso País efectuou Sua Excelência Nicolae Ceaucescu, Secretário-Geral do Partido Comunista Romeno e Presidente da República Socialista da Roménia.

Em visita de amizade, recebemos também Sua Excelência Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde. Esta visita inseriu-se no quadro da permanente troca de experiências que desde o tempo da luta armada de libertação nacional mantemos com o PAIGC.

Visitou também o nosso País Sua Excelência Michael Manley, Primeiro-Ministro da Jamaica, para mais um frutuoso contacto de coordenação de esforços comuns na luta pela libertação e emancipação dos povos.

A visita da delegação de alto nível da República Popular da Bulgária, chefiada por Sua Excelência o Vice-Presidente Peko Takov, permitiu acelerar os mecanismos já estabelecidos de cooperação económica, científica, técnica e cultural entre os nossos dois países.

A amizade entre o Povo moçambicano e o Povo chinês foi reforçada com a visita de Sua Excelência o Vice-Primeiro-Ministro da República Popular da China, Li Sien-Nian.

Durante o ano transacto, tivemos ocasião de receber no nosso País e trabalhar com outras delegações, de diferentes níveis, representando os vários Estados com quem mantemos relações diplomáticas.

Tivemos a honra de acolher diversas reuniões de carácter internacional, como a reunião extraordinária do «Bureau» de Coordenação do Movimento dos Países Não-Alinhados, a 29.ª Assembleia da Organização Mundial da Saúde para a África, a Reunião do Comité de Ciclones Tropicais para o Oceano Índico e o 8.º Congresso da Associação Internacional para o Desenvolvimento de Documentação, Bibliotecas, Arquivos e Museus para África.

Sabemos de modo particular a reunião extraordinária do «Bureau» de Coordenação do Movimento dos Países Não-Alinhados, realizada em Maputo, especialmente convocada para analisar a situação na África Austral. As importantes decisões e resoluções desta reunião foram posteriormente ratificadas na Cimeira de Havana.

A convite de Sua Excelência Saddam Hussein, Presidente da República do Iraque, realizámos uma visita de Estado àquele país amigo.

Sensibilizou-nos o calor com que o Povo iraquiano nos recebeu, a elevada compreensão e os pontos de vista comuns que sobressairam nas conversações mantidas. Os acordos estabelecidos representam uma plataforma sólida para o desenvolvimento das relações fraternais existentes entre os nossos Povos e Estados.

No ano que findou, reforçámos as relações fraternais e a coordenação de acções com os países da Linha da Frente e realizámos passos importantes para o desenvolvimento da cooperação económica e comercial com países vizinhos como o Lesotho, Suazilândia e Malawi.

O ano de 1979 assistiu a uma intensa actividade internacional marcada pela busca de soluções para os problemas fundamentais dos povos.

A República Popular de Moçambique fez-se representar ao mais alto nível e tomou parte activa nos trabalhos da Cimeira da OUA em Monróvia e da Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados em Havana.

Também seguimos com atenção especial a 34.ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Nestas importantes reuniões, ao mesmo tempo que foi reafirmada, como objectivo principal, a libertação dos últimos bastiões do colonialismo e racismo, foram já estabelecidos os primeiros passos para a libertação económica dos países.

#### Senhores Embaixadores

Foi com particular emoção que saudámos ao longo de 1979 a vitória dos povos de Kampuchea, Nicarágua, Granada, Irão, Uganda, Guiné Equatorial e da República Centro-Africana sobre os regimes despóticos e genocidas, cuja permanência no poder constituía um insulto à dignidade humana.

Estamos certos que a breve trecho serão também coroadas de êxito as lutas heróicas do Povo palestino sob a direcção da OLP, do Povo saharauí, sob a direcção da Frente POLISARIO. Apesar das grosseiras manobras tendentes a provocar a divisão no seio da Nação Árabe, são muito significativos os avanços já registados na luta contra o sionismo e expansionismo.

A nossa simpatia e a nossa solidariedade estendem-se igualmente para o Povo maubere, que sob a direcção da FRETILIN, trava uma luta corajosa pela libertação da sua pátria ocupada.

Em todos os Continentes testemunhamos os sucessos das causas justas, os sucessos da luta dos povos pela Liberdade, Independência, Democracia e Paz.

No entanto, apesar das vitórias crescentes dos povos surgem novos focos de tensão no mundo. Preocupa-nos em particular o reforço da presença militar do imperialismo no Oceano Índico.

A República Popular de Moçambique, em coordenação com outros Estados ribeirinhos, continuará a enviar os seus esforços para que o Oceano Índico se transforme efectivamente numa zona desnuclearizada e de paz.

#### Senhores Embaixadores

A África Austral continua a constituir uma das maiores fontes de preocupação da Comunidade Internacional.

A existência de regimes coloniais, as manobras tendentes a perpetuar o odioso regime do «apartheid», as agressões permanentes de que são vítimas os Estados da Linha da Frente, conduzem-nos a uma situação de perigosa instabilidade que ameaça a segurança e a paz mundiais.

Na Namíbia, apesar dos esforços desenvolvidos no sentido de se encontrar uma solução justa — aquela que reconheça o direito do Povo namíbio à autodeterminação, independência e integridade territorial — o ocupante estrangeiro prossegue a sua política anexionista, divisionista e de agressão.

A África do Sul quer transformar a Namíbia num bantustão, donde continuará a lançar acções de agressão e de desestabilização contra os países independentes da zona.

Os sucessos da luta armada do Povo namíbio, dirigido pela SWAPO, o aumento da pressão internacional sobre a África do Sul vão frustrar todas as tentativas de estabelecimento na Namíbia de um Estado fantoche, satélite do «apartheid». A justiça, a liberdade e a independência sempre triunfarão.

A nossa posição em relação à África do Sul é clara. Trata-se de um Estado independente. Contudo, apoiamos resolutamente a luta do Povo sul-africano contra a política criminosa e desumana do «apartheid», política universalmente condenada.

O regime racista de Pretória, com a simplicidade do imperialismo, continua a realizar acções militares contra países soberanos. Condenamos energicamente as violações e as agressões de que são vítimas a República Popular de Angola, a República da Zâmbia e o Reino do Lesotho.

Chamamos a atenção da Comunidade Internacional para a ingerência sul-africana no Zimbabwe. A África do Sul está no Zimbabwe para intimidar o Povo zimbabwano, neutralizar as vitórias da luta armada e impor os seus agentes locais. A presença sul-africana tem como objectivo impedir que o processo eleitoral seja livre e democrático.

A conclusão da Conferência de Londres, com a assinatura dos acordos sobre a Constituição da Independência, e dos mecanismos de transição é do «cessar-fogo», abre perspectivas sólidas de solução do problema do Zimbabwe.

Dois factores conduziram à realização da Conferência de Londres: a luta armada de libertação nacional e a aplicação integral das sanções.

Queremos, no entanto, saudar a Grã-Bretanha por ter sabido assumir as suas responsabilidades e pelo papel que desempenhou na Conferência de Londres para o sucesso das negociações.

Os acordos assinados em Lancaster House constituem uma vitória comum de toda a África e de toda a Humanidade.

Saudamos esta vitória.

Estamos conscientes das dificuldades que podem surgir na implementação dos acordos assinados.

Continuam intactas as estruturas repressivas do regime rebelde. As tropas especiais de agressão aos países vizinhos, que enquadram mercenários de diversas nacionalidades e origens, não foram ainda desmanteladas.

Alguns aspectos restritivos da actividade política da legislação do regime rebelde são mantidos em vigor.

É com preocupação que vemos a fragilidade da estrutura do poder estabelecido e a importância das forças de observação da Commonwealth perante as acções de provocação que diariamente se registam. Entretanto, em abusiva violação dos acordos de Londres, as forças sul-africanas continuam a alluir ao Zimbabwe com a intenção declarada de atentar contra o processo eleitoral democrático.

Constitui dever e responsabilidade da Comunidade Internacional assegurar que a fase final de descolonização do Zimbabwe se processe de acordo com o estipulado na Conferência de Londres.

A República Popular de Moçambique, tal como no passado, continuará ao lado do Povo do Zimbabwe na sua luta por um Zimbabwe livre, independente, democrático, estável, pacífico e unido.

No seio dos Países da Linha da Frente continuaremos a desenvolver os nossos esforços para o estabelecimento de uma paz duradoira na África Austral.

Queremos recordar neste momento a figura do incansável lutador pela Paz na África Austral, grande dirigente da causa da libertação e estadista ilustre, o Presidente Agostinho Neto.

Curvamo-nos perante a memória deste companheiro querido cuja obra constituirá fonte de inspiração para todos aqueles que lutam para a construção da Paz, da Liberdade e da Independência.

Senhores Embaixadores

Refizámos ao longo de 1979 um exaustivo levantamento da nossa realidade económica.

tamento da nossa realidade económica.

De forma sistemática estudámos as medidas que irão permitir não só a solução de problemas imediatos, como também a liquidação do subdesenvolvimento.

As imensas riquezas naturais do nosso País, a abundância de água, de fontes energéticas e as grandes potencialidades do nosso subsolo, permitem-nos encarar com optimismo a luta que vamos travar contra a fome, a nudez, a doença e a ignorância.

Anima-nos a mesma determinação e coragem que nos permitiram combater vitoriosamente o colonialismo. Estamos abertos à cooperação leal, séria e mutuamente vantajosa com todos os países do mundo. Dentro do princípio de soberania, não ingerência e vantagem mútua, estamos prontos a desenvolver relações de cooperação com países de sistemas políticos diferentes.

Dedicaremos também particular atenção ao desenvolvimento das relações que derivam da complementariedade económica e contiguidade geográfica tendo em conta a vocação dos nossos sistemas ferro-portuários e rodoviários de ligação do «interland» com o mar.

A aplicação da nossa estratégia de desenvolvimento económico dá-nos a certeza de que faremos do nosso País, nesta década, um exemplo da luta e da vitória sobre o subdesenvolvimento.

Faremos com que o nosso Povo viva próspero e feliz.

As crianças, futuro luminoso da Humanidade, de quem acabámos de celebrar o Ano Internacional, serão na República Popular de Moçambique crianças com olhar feliz, crianças com sorriso franco e aberto.

Senhores Embaixadores

Em nome do Povo moçambicano e do Governo da República Popular de Moçambique peço que transmitam aos vossos Povos, aos vossos Governos e aos vossos respeitados Chefes de Estado, os nossos sinceros votos de um Feliz Ano Novo de 1980.

Aos Senhores Embaixadores e suas famílias, e outros membros do Corpo Diplomático acreditados no nosso País, desejamos também um Feliz e próspero Ano Novo, e muitos sucessos no desempenho da vossa tarefa de estreitar e reforçar a amizade entre os nossos Povos.

Proponho que todos se juntem a mim num brinde.

À Amizade entre os Povos.

Feliz Ano Novo.

Muita Saúde e Felicidade a todos os Presentes.

A LUTA CONTINUA!

(De: "Notícias", Maputo, 1980-01-08)



Com a ampla participação do povo

FAZER DA BEIRA PONTO DE PARTIDA PARA UMA OFENSIVA

ORGANIZACIONAL

-Discurso do Presidente Samora Machel no comício realizado na capital de Sofala

**O Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, proferiu na semana passada, num grande comício realizado na cidade da Beira, um importante discurso em que traçou a orientação de «fazer da Beira o ponto de partida de uma grande ofensiva organizacional, ideológica, económica e cultural».**

**Publicamos a seguir, na íntegra, o texto do referido discurso:**

A nossa luta, a Luta Armada de Libertação Nacional, foi parte da luta para libertar a Humanidade. Foi uma luta para estabelecer a igualdade entre os homens, foi uma luta para liquidar a discriminação entre os homens; discriminação social, discriminação económica, discriminação cultural, discriminação racial e discriminação com base no sexo. A nossa luta essencialmente foi para estabelecer a paz, o respeito, a dignidade, criar a personalidade em cada um de nós. Criar o amor entre os homens, o amor entre os povos de todos os continentes, o amor entre todos os homens — homens de todas as raças, de todas as cores. É isto que continuamos a defender.

A nossa luta foi para estabelecer a solidariedade entre os homens, entre os povos, a solidariedade contra a exploração do homem pelo homem, contra a humilhação.

A experiência do Povo moçambicano é uma experiência comum do Rovuma ao Maputo. Tivemos de passar por Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Zambézia, Tete, Sofala, Manica, Inhambane e Gaza para chegarmos ao Maputo. Assim criámos uma experiência comum.

A luta começou do Rovuma. No seu percurso, pelo caminho, foi-se consolidando, foi criando amor entre os homens, foi liquidando o racismo, o tribalismo, o regionalismo. Foi liquidando a intriga, o boato, a calúnia, a difamação. Foi liquidando o desprezo entre as pessoas, entre os grupos étnicos. Foi liquidando os valores decadentes da burguesia colonial.

Mas para liquidar esses valores teve que liquidar os seus agentes. Os seus agentes eram a tropa portuguesa. Os seus agentes eram os sipaios, os administradores, os capatazes do algodão. Os seus agentes eram os da PIDE, os da ANP, partido de Marcelo Caetano, os do Movimento Nacional Femi-

nino. Os seus agentes eram os GEs e GEPs, os Comandos e os Flechas que vos abusavam. Os seus agentes eram os régulos.

Eles aí estão libertados.

A nossa luta, à medida que ia avançando, ia liquidando a mentalidade pequeno-burguesa, a ideologia do inimigo. Nas escolas, a característica do colonial/fascismo era a corrupção, a imoralidade; era o medo em vez de admiração, o medo em vez do respeito, o medo em vez da disciplina. As escolas do tempo colonial/fascista eram assim.

A nossa luta foi liquidando o chicote, a machila, o chibalo, foi liquidando a palmatória. Esta foi a nossa luta.

**O PROCESSO DE INFILTRAÇÃO**

Desde o tempo do Governo de Transição, Sofala, e em particular a cidade da Beira, foram o centro de agentes renitentes, representantes fiéis, filhos espirituais do colonialismo.

Quando chegámos à Beira, logo após a assinatura do Acordo de Lusaka, fomos recebidos pelos aflhados dos administradores, pelas comadres do Movimento Nacional Feminino, pelos membros da ANP, pelos agentes da PIDE. Aqui na Beira foram eles que receberam a FRELIMO. Ofereceram carros, residências, organizaram festas e organizaram também a «boa moça» para os comandantes da FRELIMO.

Tudo isto para estarem a bem com a FRELIMO. Era preciso acomodar os comandantes, «coitados», que viveram no mato, enchendo-os de convites, de jantares, bons carros, alojando-os nos melhores hotéis, levando-os à esplanada.

Foi assim que tomaram a direcção e prepararam o terreno para conduzir o processo em Moçambique. Prepararam condições para conduzir a opção política do Governo da República Popular de Mo-

cambique. A Beira era uma cidade racista, discriminatória, mas quando receberam os comandantes da FRELIMO todos se apresentaram como verdadeiros moçambicanos e combatentes consequentes contra o racismo. Eram os mentores do racismo quem ofereciam as filhas para conduzir os comandantes da FRELIMO, procurando mostrar assim até que ponto chegava o seu anti-racismo.

A «bela moça» de voz suave... como o zumbir da abelha no ouvido... a voz preparada para falar ao comandante que estava habituado a ouvir canhões, bombas de «napalm», bazucas e bombardeamentos. Uma voz bela que pergunta ao comandante o que gosta de beber, que música prefere ouvir. E o comandante diz: Toda a música. Como não conhecia nenhuma música ele tinha que dizer que gostava de toda a música. E a menina tocou toda a música...

No dia seguinte quando a população diz: aquele era da PIDE, ele responde: Não, você não conhece, eu é que conheço. Então a população pergunta-se: Tu não estavas aqui; eu conheço-o, ele matou o meu primo, torturou o meu marido, prendeu o meu irmão, violou a minha filha, sendo agente da PIDE.

A Beira é isto. E se nós não conhecermos em profundidade todos os aspectos da Beira, havemos de disparar com os olhos fechados e atingir os nossos amigos.

Façamos uma breve análise.

No Governo de Transição começaram os Grupos Dinamizadores. O seu mérito é grande. Mas encontraram muitas dificuldades na Beira, especialmente por causa do racismo que se manifestava nos hotéis, nos machimbombos, nos restaurantes, nas pensões, nas praias, em toda a parte.

A população viu a sua iniciativa totalmente destruída. A sua resistência, a sua capacidade de se organizar como força, também foram destruídas. Havia ausência de consciência da situação, incapacidade de analisar os fenómenos da Beira e de encontrar a solução correcta. Então surgiram manifestações de populismo, esquerdismo, liberalismo, indisciplina. Isto significava para eles liberdade, que se manifestava pela violência de linguagem, desorganização, falta de pontualidade, falta de programação, falta de definição clara das tarefas. E então o inimigo aproveitou-se disso. O inimigo instalou-se.

A Beira era centro de preparação de criminosos. Os agentes do Jardim humilhavam a população, brutalizavam a população, abusavam das mulheres. Esta era a tarefa especial dos GEs.

### **AINDA NÃO OS DESALOJAMOS MAS SEREMOS IMPLACÁVEIS**

Quando proclamámos a independência, há a debandada de colonos. Então estes antigos agentes do inimigo infiltram-se nas estruturas do Governo, das empresas, das fábricas, infiltram-se em toda a parte, tomam as rédeas. E até hoje ainda não os desalojámos. Estão identificados, vivem no nosso seio.

Com a saída em debandada dos colonos, os agentes do inimigo ocuparam grandes responsabilidades nas estruturas da FRELIMO, nos Grupos Dinamizadores. Alguns daqueles que ontem foram assassinos do povo chegaram a ser nossos administra-

dores. Como podiam ser bons administradores da FRELIMO?

Por isso, nas cooperativas, nas Lojas do Povo, há roubos de dinheiro. E quando nós perguntamos onde estão os 400 contos que roubou? Responde: Eu já os gastei, critiquem-me lá. Roubou dinheiro do Estado, roubou dinheiro do povo com que podíamos construir estradas, escolas, maternidades e hospitais e ele quer que nós o critiquemos. Contudo, nunca tinha roubado o dinheiro do colono.

Ao proclamarmos a Independência demos responsabilidades, mas não demos a responsabilidade de roubar. Se um administrador, ou um secretário do Grupo Dinamizador, ou um director de fábrica, ou os membros de uma Comissão Administrativa roubam, então não são representantes do nosso Poder. O crime feito pelo inspector da polícia nunca é descoberto porque é ele que nomeia aqueles que vão investigar. Ele manda arquivar o processo e assim continuam os crimes, os abusos, as violações, as agressões ideológicas, físicas e morais.

Todos conhecemos aquela história dos animais que se reuniram para escolher o seu chefe. Escolheram o leopardo que passou a ter uma cadeira grande e passou a andar vestido. A noite, com a sua corte, o próprio chefe saía para caçar os outros animais. Os parentes vinham apresentar queixa ao chefe e este respondia sempre: Vigla as características do animal que comeu o teu filho. O queixoso respondia: A única característica que temos visto é que esse animal tem cauda. Mas o chefe tinha a cauda dentro das calças e estava sempre sentado. Por isso não era possível identificá-lo.

Assistimos a isto na Beira. Quando ocuparam lugares de responsabilidade, os antigos PIDE, ANPs, Comandos, GEs, implantaram a Injustiça na Beira e isto criou confusão no seio da população.

Eles utilizaram o nosso poder para violentar o povo. Porque eles estão habituados à corrupção, não podem viver a nossa vida, não podem ter o nosso comportamento. E a isto que nós estamos a assistir no nosso País, com maior incidência na Beira.

A nossa escola é a estufa da nova mentalidade, mas é lá onde estão também os parasitas. E onde estão os formadores e ao mesmo tempo os deformadores da nova mentalidade. Desviando os objectivos essenciais da educação, os próprios professores fomentam a corrupção, alimentam a indisciplina dos alunos em relação aos pais. A aluna que conhece o professor e aceita ir com ele ao baile, tem boas notas sem estudar. No entanto, a que estuda mas não aceita tocar toda a música, tem más notas. Vivemos isto na Beira em 1976. Tivemos então de tomar uma série de medidas contra esses professores corruptos. Antigos desertores da FRELIMO, traidores da causa do Povo, tinham-se instalado em escolas secundárias desta cidade.

Com eles estavam os agentes potenciais do inimigo, insultando a República Popular de Moçambique, denegrindo a política do Estado, caluniando os seus dirigentes, classificando de incapaz o Povo moçambicano.

Nós somos implacáveis para com eles. Derrubámos o colonialismo. Se os patrões deles não conseguiram vencer, quanto mais estes agentes fabri-

cados à última hora. Ficou-lhes só a mania da imitação. Pensam que são civilizados, conhecedores da sociedade, mas apenas se limitam a imitar os gestos do colono.

Sabemos a história do macaco que viu o seu dono a fazer a barba com uma navalha. O macaco achou que era bonito. Então preparou uma navalha comprida, arranjou um espelho e sabem o que fez? Cortou o pescoço e morreu, pois pensava que era assim que se faz a barba. Estes desgraçados são como esse macaco.

É esta a situação na Beira.

**CRIMINOSOS TREINADOS NA RODÉSIA**

Em 1976 aplicámos as sanções contra a Rodésia e então desencadeou-se uma onda de violência, de criminalidade, de desrespeito, de pânico e intranquilidade geral na cidade da Beira.

Os antigos criminosos encontraram terreno na Rodésia e passaram para lá. Encontraram a zona de que estavam à procura durante o Governo de Transição. Quisemos reeducá-los enviando-os para o Niassa porque somos generosos e respeitamos a vida das pessoas. Embora fossem criminosos, não os matámos. Prendemo-los e enviamos-los para os campos de reeducação. De lá fugiram para a terra do tio deles, o Ian Smith.

Tio porquê? Porque é primo dos colonos que estavam aqui. Foram-se embora os colonos mas o tio ficou. Então fugiram dos campos de reeducação e foram para a Rodésia. Muitos são de Sofala, Manica e Tete, onde a guerra colonial foi mais acesa e onde a repressão criou mais criminosos. Não podemos esquecer os massacres de Inhaminga, de Wiriamu, de João e de Mucumbura. Quem foram os autores? Somente a tropa portuguesa? Não, foram também os Comandos e esses GEs moçambicanos.

Estou a falar de moçambicanos, brancos e pretos, que estavam no exército colonial e que durante o Governo de Transição foram encontrados com caveiras como cinzeiros. Foram encontrados com frascos de álcool contendo orelhas humanas lá dentro. São dementes, vivem matando. Alguns estão nas administrações, nas empresas, nas escolas, como agitadores. São eles que colocam constantemente a população em estado de alerta dizendo: Qualquer coisa vai acontecer... Beira vai ser bombardeada... à noite passaram aviões... à noite ouviram-se tiros. São os antigos PIDEs, policiaes, sipaios, régulos, GEs, Comandos e Flechas que lançam o pânico entre a população.

Também estão envolvidas as senhoras comadres do Movimento Nacional Feminino que só participavam para aprender a fazer bordados e bolos e só cozinhavam quando havia festas da ANP. E por isso que dizemos que só conheciam o gosto da comida quando experimentavam o sal. É esta gente que está aqui na Beira, gente alienada, pequenos assimilados que até hoje olham a população como população indígena, de cima para baixo.

Então foram para a Rodésia para poderem continuar este tipo de vida. Foram treinados e receberam armas: granadas, morteiros, minas e balas para vir caçar em Moçambique. É assim que na Beira assistimos a tiroteios, lançamento de granadas em lugares públicos, ataques contra alvos económicos, tanques

de combustível, estradas, provocando perda de vidas humanas e prejuizos materiais.

**QUEM COMETE ESTES CRIMES?**

Quem são os que cometem estes crimes? Eles vivem e conversam com a população. Utilizam o tribalismo como sua base social. Utilizam o regionalismo, a familiaridade, o localismo e muitas vezes o racismo atacando os da cor branca para criar estado de pânico. Nós somos contra o racismo mas essa luta contra o racismo tem de ser uma prática quotidiana, tem de ser vivida por cada um. Não basta dizer-se que se é contra o racismo. Se nós fôssemos racistas não teríamos razão de condenar os sul-africanos.

Os tribalistas, os racistas, servem o imperialismo internacional; o imperialismo não tem cor. A sua cor é a exploração, é a opressão, a sua cor são os assassinatos e os massacres das populações.

Nem sequer servem os seus próprios interesses. São simples instrumentos, homens de mão do imperialismo. Foram eles que conduziram os rodesianos para virem bombardear Dondó, Nhangau e os quartéis das FPLM. E entre eles encontramos a indisciplina generalizada e a preguiça. São essas as características do inimigo e não do Povo moçambicano. Vêm para a República Popular de Moçambique, pátria nascida do sangue e do sacrifício do povo, pátria solidária com todos os povos oprimidos, e querem construir a sua base de intranquilidade na Beira, cidade libertada por nós com o nosso sangue e suor, cidade libertada com o nosso sacrifício e determinação, com a nossa coragem e heroísmo. Seremos implacáveis para com eles.

Os actos de terrorismo na cidade da Beira são apoiados por actos de sabotagem económica e desorganização deliberada dentro do processo industrial. A sabotagem na pedreira de Inhaminga, por exemplo, tem muitos reflexos negativos na produção de cimento e lusalite, tanto para o consumo interno como para a exportação. São esses bandidos que estão a destruir a nossa economia para sermos pobres.

Estes actos de sabotagem reflectem-se não só na cidade da Beira como também na provincia de Sofala e noutras provincias do centro e do norte do País. O cimento, a pedra, a lusalite, que saem daqui vão para outras provincias e eles destroem.

Destroem também os circuitos de comercialização, destroem as nossas viaturas. Vêm da Rodésia para aqui, destroem os camiões, matam os condutores, os motoristas e por isso os produtos da população não saem, não são escoados.

Atacam as cooperativas e Lojas do Povo, destroem as vias de comunicação como fizeram na estrada de Gorongosa para Amaringue. Por isso não escoamos os produtos da população, particularmente o milho, o algodão e o girassol.

Também há acumulação ilegal e açambarcamento de produtos de primeira necessidade como vimos hoje no jornal «Notícias da Beira»: 15 toneladas de feijão apodreceram nos armazéns das Lojas do Povo. E fazem isto quando as bichas estão grandes.

## A NOSSA LUTA MATOU A TRIBO

Estamos infiltrados. E há muitos que assistem e não actuam porque esses bandidos fazem apelo à tribo. Mas a nossa luta matou a tribo. Foi a primeira coisa que matámos porque a força do inimigo é o tribalismo. Por isso não temos dúvidas em disparar contra os tribalistas, os racistas e os regionalistas. Nós matámos a tribo para que nascesse a nação. Esta não é uma nação de tribos, não é uma nação de raças. Portanto, quando o piolho chega a tomar a roupa inteira é preciso ferver água e meter toda a roupa lá dentro.

Já falámos da corrupção nas escolas secundárias. Nelas também há distribuição e consumo de drogas. Há os professores da droga que ensinam aos vossos filhos como se fuma. É normal isto? É normal, sim, num estado colonial, num estado capitalista. As características são essas. Mas nós não somos capitalistas. Nós queremos o socialismo. O socialismo significa saúde e educação, comida boa e em abundância para todos, roupa com qualidade, cobertores, lençóis, sapatos, transportes rodoviários, ferroviários, aéreos e marítimos. E também a bicicleta. Em países como a Holanda, a China e Vietname a bicicleta é o maior meio de transporte. Mas nós queremos o avião antes de termos a bicicleta. Há quem tenha mais possibilidades e há quem tenha menos possibilidades.

Boas estradas, boa água para todos, alojamento para o povo inteiro, para os doze milhões, cada um com a sua casa, e também desporto para todos: É este o socialismo que nós queremos.

Socialismo significa sociedade organizada: Combater a doença; respeitar a família, educar os filhos, ter responsabilidade. Temos que ter escolas para todos, ter hospitais para todos. É a isso que chamamos socialismo.

Agora, os bandidos o que é que querem? Destroem as poucas e pequenas infra-estruturas que nós temos no País. Está claro o objectivo deles. Promovem a indisciplina e a falta de respeito nas escolas. Tratam o professor por tu e por «camarada professor». Não queremos isso. Não há «camarada professor». Não há «camarada chefe». O tratamento correcto é «senhor»: «senhor João», «senhor António», «senhora Amélia», «senhora Deolinda». Antigamente havia senhoras e mulheres. Senhoras eram as brancas, mulheres eram as pretas. É por isso que eu digo «dona Margarida», «dona Deolinda», «dona Gertrudes». Esse é o respeito que nós queremos. Por vezes estamos a falar de bandidos, de criminosos e muitos dizem: este camarada roubou... na minha casa quando entrou o camarada ladrão... Um camarada rouba? Outros dizem na minha casa chegou aquela mulher de má vida, aquela camarada de má vida... A prostituta é camarada? Chama-se camarada a qualquer um. Não queremos nada disso. Devemos dizer senhora e senhor: senhor enfermeiro, senhora enfermeira, senhor doutor, senhora parteira, senhor professor, senhor administrador, senhor governador, senhor director. Todos têm categoria.

Na Beira há distribuição de panfletos do inimigo; inscrição de palavras de ordem do inimigo nas paredes, palavras obscenas, imorais. E isso acontece também nas escolas. Nós não vamos continuar a assistir passivamente a isto.

Isto acontece na Beira porque os valores do tempo colonial ainda não foram eliminados. E quais são esses valores? Repetimos: o racismo, o tribalismo, a corrupção, o regionalismo, o banditismo. A Beira já era cidade de bandidos e nós não fizemos uma ofensiva contra eles para os desalojar. Há marginalidade, consumo de droga, boatos e calúnias para denegrir a República Popular de Moçambique.

## É NECESSÁRIA UMA DIRECÇÃO FORTE E PARTICIPAÇÃO POPULAR

Por isso quero dizer que as nossas estruturas no Partido e no Governo têm de ser reforçadas. Mas a nossa força é o Povo. Se o povo não participa, se apenas assiste, as nossas estruturas são incapazes de enquadrar e definir as tarefas para o povo e explicar como actuar contra os bandidos.

É necessária uma direcção forte, é necessário fazer participar o Povo pois foi a participação popular que nos levou a ganhar a guerra. Se este Povo participar na perseguição, busca e captura dos bandidos, em menos de seis meses a Beira será a cidade mais pacífica do nosso País.

Temos estruturas que não operam, que não trabalham. Temos a OMM que é uma força porque a mulher moçambicana é corajosa e tem espírito de heroísmo. A mulher moçambicana não teme sacrifícios, não teme dificuldades. Manifestou isto ao longo da resistência contra o colonialismo, na Luta Armada de Libertação Nacional e hoje no apoio ao Zimbábue. A mulher moçambicana quer tarefas claras. Se dissermos às nossas mulheres «liquidem os bandidos», elas liquidá-los-ão. A mulher moçambicana é forte e portanto a OMM deve ter como tarefa restabelecer a ordem, a tranquilidade e o sossego na cidade da Beira. Queremos que a Beira seja exemplo para outras cidades. Não há lugar para perturbações e distúrbios na República Popular de Moçambique.

Também a Organização da Juventude Moçambicana tem de ser operante. Temos alguns Grupos de Vigilância que não vigiam nada, talvez estejam comprometidos também e então os infiltrados aproveitam-se do facto de pertencerem aos Grupos de Vigilância para fazerem aquilo que fazia o chefe dos animais na história que vos contei. Temos as Milícias, temos os Conselhos de Produção ao nível dos trabalhadores. Têm de ser mais eficazes para que não haja indisciplina, para que não haja preguiça e cumpramos as metas.

Todos os nossos instrumentos, o Governador, os administradores, os tribunais, a polícia, o Serviço de Segurança, devem ir até ao Povo. O Povo está a albergar inconscientemente bandidos. E albergar significa acolher, dar-lhes de comer. Nós queremos que liquidem a intriga, o boato, a indisciplina, a corrupção para levarmos avante a nossa Revolução. Para criarmos um futuro feliz temos que liquidar a fome.

Hoje é a primeira vez neste ano de 1980 que nos dirigimos ao Povo. Começou uma nova década, a década de 80. O que queremos fazer ao longo destes dez anos? Vamos continuar assim? Para semear e ter boa colheita é preciso primeiro desbravar o mato. É preciso revolver a terra, é preciso sarchar, regar e então teremos uma boa colheita.

Para a nossa casa ter um bom ar, habitável.

cheio de vida, é preciso lavarmos a casa todos os dias, tirarmos a poeira que vai afectar os nossos pulmões, vai afectar a nossa vida, porque não preparamos as condições boas para a nossa saúde.

Quando decidimos falar na Beira fizemo-lo porque esta é uma cidade com características especiais, onde existem o tribalismo, o racismo, o regionalismo e uma população cheia de complexos. Foi por esta razão que não partimos ontem quando acabámos a reunião com os países da Linha da Frente e decidimos ficar aqui para vos falar. O nosso combate tem de partir daqui, do centro do País, ponto de partida para desalojarmos os bandidos.

### A MENTALIDADE ESCRAVA AO ESTRANGEIRO

Há outro assunto de que vos quero falar. É dos religiosos católicos. O seu centro é a Beira. É a partir da Beira que difundem insultos contra a República Popular de Moçambique, é a partir da Beira que difundem o seu antipatriotismo; é a partir da Beira que difundem a sua fidelidade à educação portuguesa; é a partir da Beira que difundem documentos mostrando o saudosismo do tempo colonial.

É a partir da Beira que difundem documentos que mostram a mentalidade escrava ao estrangeiro, que difundem a falta de personalidade, a falta de orgulho patriótico. É a partir da Beira que difundem documentos que mostram claramente o espírito de servilismo. Os bispos não vão fazer mais da Beira o seu centro. Quando se reunirem na Beira terão que discutir os problemas da Igreja. Não podem discutir nada que diga respeito à Constituição da República Popular de Moçambique.

Não foram eles que conquistaram a independência. Mantiveram-se do lado do colonialismo até ao fim. Pretos de nacionalidade moçambicana mas de mentalidade pequenos portugueses. Nenhum deles veio ajudar-nos a libertar o Povo. Nós é que lhes ensinamos o que é o Povo. Eles têm de ser alunos do nosso Povo. Carregados de complexos de inferioridade, inculcados durante o seminário, agora querem encontrar, através da nossa República, tubos de escape. Repetimos que não lhes pedimos nada a não ser que sejam primeiro moçambicanos, que não sejam estrangeiros. Primeiro, antes de serem padres, antes de serem bispos, antes de serem arcebispos, devem ser moçambicanos, devem defender a nação moçambicana e não se juntarem aos seus inimigos. É através de vocês, crentes, que também estão aqui, que eles andam a agitar. Foram eles que vos libertaram? Estavam do lado do exército colonial como capelães. Chegaram a receber galões, condecorações, aceitaram a farda que simboliza o crime. Abandonaram as zonas afectadas pela guerra e entregaram as capelas para serem casernas do exército colonial onde massacravam o Povo.

### PONTO DE PARTIDA DA NOSSA OFENSIVA

Estamos de acordo que a Beira deve ser ponto de partida da nossa ofensiva organizacional, ideológica, económica, cultural. Deve ser também ponto de partida da ofensiva social, de justiça, de respeito pela legalidade revolucionária e de combate para desalojarmos as mentalidades escravas ao estrangeiro; ponto de partida da ofensiva contra o bandi-

tismo, a corrupção e a contra-revolução, contra a reacção.

E esta batalha vai produzir heróis e vai produzir traidores, vai produzir capitulacionistas e oportunistas. Mas nós seremos sempre os vencedores em qualquer batalha, quer no campo político, ideológico, económico, social, cultural ou militar. Quando nós partimos para o combate levamos no nosso olhar a certeza da vitória. Quando nós partimos para o combate levamos a convicção de que já vencemos. Fizemos isto com o colonialismo português e com a Rodésia.

Por isso todas as estruturas democráticas de massas devem cooperar com as estruturas do Governo. Somos um todo, somos a força e a nossa força é o Povo. Venceremos.

Aqui na Beira os bandidos são apenas um pequeno punhado. São poucos. Talvez nem cheguem a cem. O Povo da província de Sofala não é indisciplinado. Indisciplinado é o punhado que vamos eliminar pois são a erva daninha. Assim diremos com orgulho «somos da província de Sofala, somos da cidade da Beira»; cidade bonita e limpa. Nós é que a devemos cuidar.

### SAUDAMOS A POPULAÇÃO QUE ACEITOU SACRIFICIOS

Queremos finalmente saudar a população da província de Sofala que participou activamente na Luta Armada de Libertação Nacional, que suportou sacrifícios impostos pela guerra e que hoje, de novo, aceitou sacrifícios para participar na Luta de Libertação do Zimbabwe.

Saudamos o apoio dado pela população de Sofala, e em particular da Beira, à luta do Povo do Zimbabwe através de diversas manifestações, contribuindo até com dinheiro apesar do desemprego.

Saudamos o apoio activo prestado à aplicação das sanções contra a Rodésia, sanções que criaram desemprego, particularmente nos portos e caminhos de ferro da cidade da Beira. Inúmeras famílias ficaram sem ganhar o pão, muitas famílias ficaram sem as suas casas e bens que foram destruídos pelas agressões rodesianas e pelos bombardeamentos, pelos soldados criminosos do regime ilegal e racista do tabaqueiro Ian Smith.

Saudamos os operários dos sectores que souberam suportar com coragem o peso económico principal das sanções.

Saudamos em especial aqui, os operários dos Portos e Caminhos de Ferro onde cerca de cinco mil trabalhadores e cerca de trinta mil familiares foram afectados pela aplicação das sanções.

Saudamos os que souberam isolar e neutralizar os agitadores e reaccionários, os preguiçosos e vadios e todos os que a soldo do imperialismo procuravam desmobilizar os trabalhadores dos Portos e Caminhos de Ferro dizendo «não vamos ganhar a guerra no Zimbabwe, queremos não matar à fome». Agora digo: ganhámos a guerra no Zimbabwe. Criámos condições para que possamos viver melhor do que vivíamos.

Saudamos os trabalhadores que souberam continuar o trabalho nas zonas em que o inimigo atacava e assim assegurar a vida económica e social. Em

muitos sectores foram destruídos meios de produção.

Saudamos os trabalhadores que souberam compreender a importância de continuar a reconstrução nacional e se engajaram na produção apesar de todas as dificuldades resultantes das agressões.

Em muitos sectores, os abastecimentos, os transportes, estão fortemente abalados. Por isso, a partir de agora, todas as estruturas do Governo, as organizações democráticas de massas que nós já enumerámos, terão de fazer do Porto da Beira, o Porto mais belo do nosso País. Isto significa que nos vamos organizar para irmos aos Portos e Caminhos de Ferro dar-lhes uma nova face. Agora há a face do abandono. Nós vamos dar-lhes a face do futuro, do amanhã. Por isso estamos a dar tarefas às estruturas do Governo para que enquadrem e organizem a população da Beira a fim de ajudar os Caminhos de Ferro a colocar cada peça no seu lugar.

Saudamos, finalmente, os que souberam compreender as verdadeiras dificuldades, souberam denunciar erros, souberam participar na busca de soluções correctas para cada problema, para cada dificuldade.

É isto que eu queria dizer à população da Beira. Libertarmo-nos dos complexos e dos elementos que nos dividem e identificarmo-nos como moçambicanos para podermos vencer o nosso inimigo. Organizemo-nos para a vitória. A vitória é o bem-estar; é criarmos postos de emprego para que em 1990 haja falta de mão-de-obra na República Popular de Moçambique.

Por isso obrigado, província de Sofala. Obrigado população da cidade da Beira.

(De: "Notícias", Maputo, 1980-01-18)

## "É PRECISO DESCALÇAR A BOTA E LIMPAR O MATOPE"

ESCANGALHAR AS ESTRUTURAS E MÉTODOS DO ESTADO  
COLONIAL — CAPITALISTA

### **★ Discurso do Presidente Samora Machel no encerramento da Sessão Alargada do Conselho de Ministros**

*É o seguinte o texto integral do discurso proferido pelo Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, no encerramento, ontem ao princípio da noite, da Sessão Alargada do Conselho de Ministros:*

O objectivo desta reunião foi: fazer a prestação de contas em relação ao Programa de Tarefas e Prazos das Reuniões de 3 a 6 de Julho e 1 a 4 de Agosto.

O que é que verificámos?

No processo de prestação de contas, constatámos que algumas tarefas foram cumpridas, outras não foram cumpridas, outras ainda em processo de implementação.

Mas o que verificámos essencialmente é que os grandes problemas já detectados nessas reuniões ainda permanecem.

Quais os problemas que permanecem?

— O Aparelho de Estado ainda não conseguiu ser o instrumento para a realização integral das decisões do Partido.

— O Aparelho de Estado ainda não consegue ser um instrumento eficaz de exercício do poder pelo povo. Quer dizer, não está devidamente estruturado, não se organizou para assumir o seu papel histórico.

— Os órgãos de direcção do Estado, quer a nível central quer provincial, ainda não dirigem e nem sequer controlam as actividades económicas e sociais no nosso País. Não se encontram ainda em condições de assumir a grandiosa tarefa que nos foi dada pelo III Congresso da FRELIMO, a construção do Socialismo que significa bem-estar para todos, isto é, eliminar a fome, a nudez, a ignorância, o analfabetismo, a doença, a miséria e o subdesenvolvimento. Esta é a razão de ser da nossa luta. Esta é a tarefa fundamental desta década.

Em resumo o Aparelho de Estado ainda não está em condições de dirigir integralmente o combate contra o subdesenvolvimento. Transporta consigo ainda a carga impura.

O Estado, o Aparelho de Estado não é uma coisa abstracta.

O Aparelho de Estado somos todos nós que estamos aqui reunidos, responsáveis de estruturas bem definidas. São os Ministros, são os Governadores Provinciais, são os Secretários de Estado, são os Directores Nacionais, Provinciais, os dirigentes dos executivos nas cidades, distritos, localidades.

Estamos aqui porque somos responsáveis. Estamos aqui porque merecemos a confiança política do Partido.

Recebemos a tarefa de nos nossos sectores escangalhar as estruturas, os métodos de trabalho e a mentalidade do colonial-capitalismo.

Recebemos a tarefa de edificar um novo Aparelho de Estado, que pela sua natureza, conteúdo e métodos de trabalho, sirva os nossos interesses.

Mas alguns, com certo saudosismo, adutores e admiradores do sistema colonial, acariciam e acarinhos as suas estruturas, em vez de as escangalhar. Isto é característica de mentalidade escrava aos valores decadentes, aos valores negativos; valores contra-revolucionários. Não é por acaso que na ofensiva que desencadeámos, estamos a verificar:

— Falta de direcção: a «força do martelo» não chega à fábrica, ao armazém, ao cais, à loja, à escola, ao hospital.

- O burocratismo instalado como método de trabalho.
- A rotina como modo de vida, a rotina como um valor a preservar.
- A promoção da incompetência.
- O desleixo, o desinteresse, considerados como algo de normal.
- Falta de sentido de organização.
- A indisciplina, o roubo, o alcoolismo, a falta de pontualidade.
- O desperdício.
- O esbanjamento.
- A destruição.
- A falta de higiene e limpeza, falta de cortesia.
- Corrupção, suborno.

A falta de direcção e indisciplina generalizadas, chegaram a tal ponto que face à ofensiva generalizada desencadeada, verificámos já o aparecimento de manifestações de desafio aberto contra as orientações por nós traçadas.

Este desafio é dirigido e orientado por um punhado de elementos infiltrados que encontra campo de acção nos diferentes sectores, porque o nosso poder não está lá, a nossa disciplina não está lá, os nossos interesses não são lá defendidos.

#### QUAIS SÃO AS CAUSAS DESTA SITUAÇÃO?

Demos orientações e lançámos as bases para o escangalhamento do Aparelho de Estado colonial-capitalista.

Definimos medidas, fizemos leis, criámos novos órgãos de poder de Estado, nomeámos responsáveis da nossa confiança até a um certo escalão, por exemplo, Directores Nacionais.

No entanto nas repartições, nos sectores, nas secções, não está assegurada a presença de responsáveis capazes de materializar as orientações definidas.

Quer dizer, a nível da base esses sectores continuam intactos, e mais grave, condicionam as decisões que permanentemente os responsáveis devem tomar.

#### Ainda não rompemos com os métodos de trabalho coloniais.

— Não é possível conhecermos a realidade e sensibilizarmos-nos sobre os problemas da população, se nos limitarmos apenas ao mecanismo burocratizado dos papéis.

— Não contactamos directamente com a realidade. Não vamos às fábricas, não vamos aos armazéns, não vamos ao cais, não vamos às escolas, hospitais, machambas e mesmo às nossas repartições.

— Muitas vezes nem sequer conhecemos a Secretaria do nosso gabinete.

— Na resolução dos problemas não auscultamos a opinião popular, não pedimos a opinião dos sectores directamente envolvidos. Pretendemos conhecer a realidade dos nossos sectores apenas através de despachos, pareceres, informações e memorandos.

Quer dizer, vivemos fechados nos nossos gabinetes mergulhados em papéis.

— E então perdemos o sentido do prioritário, perdemos o sentido do fundamental. Entramos na rotina dos pequenos problemas.

A sucessão destes pequenos problemas passa a conduzir a nossa acção diária.

Perdemos a iniciativa, não dirigimos.

— Constatamos de novo que o princípio da coordenação constante das diversas estruturas não foi assumido.

Todos nós e em todas reuniões falámos de coordenação, inter-relação e interdependência, mas não fazemos esforço sistemático para nos coordenarmos.

Dizemos que os Ministérios devem reunir-se para resolver conjuntamente problemas comuns. Mas isto não acontece. Os problemas continuam a ser resolvidos isoladamente ou ficam por resolver.

Dizemos que os Directores Nacionais devem deslocar-se em grupos às Províncias para aí resolverem problemas concretos.

Isso não acontece.

Dizemos que os Directores Provinciais devem em grupo deslocar-se regularmente aos Distritos para conhecer a realidade concreta e resolver os problemas.

Isso também não acontece.

— As estruturas do Aparelho de Estado estão infiltradas, estão desorganizadas.

Não punimos a indisciplina, toleramos.

Não punimos os sabotadores, coexistimos e ainda pagamos salários.

Não desalojamos, não combatemos os saudosistas das estruturas, dos esquemas e métodos coloniais.

Pelo contrário, utilizamo-los como se fossem bons quadros.

O aprumo, a boa apresentação, a cortesia, a delicadeza, ainda não são regras, ainda não são parte integrante da atitude dos trabalhadores do Aparelho de Estado. Atitude quer em relação ao trabalho quer em relação ao público.

A preocupação pelo estudo, o esforço pela valorização profissional individual, não são assumidos nem encorajados.

Continuamos a não utilizar de uma forma generalizada os concursos como critério de selecção, admissão e promoção dos trabalhadores do Aparelho de Estado.

Em várias estruturas do Aparelho de Estado ainda é fértil o campo para se semearem e crescerem as ideias dos esquerdistas.

Os erros, os desvios, só são detectados meses e anos depois.

As nossas estruturas estão infiltradas de elementos irresponsáveis, negligentes, incompetentes, ladrões, maíandros, bandidos, servidores fiéis do colonialismo.

Nas nossas estruturas abrigam-se os oportunistas e os ambiciosos que sob a bandeira do racismo, tribalismo, regionalismo, lançam a confusão, a divisão e o caos, para satisfazerem os seus interesses pessoais, egoístas, mesquinhos e secundários. Estes

elementos constituem o malope à volta da bota, que importa descalçar e limpar.

É somos nós, que aqui estamos reunidos, que temos a tarefa de criar as condições para que o malope seja limpo, em todos os sectores da Aparelho de Estado e no aparelho de direcção da economia.

Cada um de vocês está aqui, porque tem responsabilidades de direcção a vários níveis no Aparelho de Estado.

Não nos admiramos que as empresas, as fábricas, as machambas, as unidades de prestação de serviços, as escolas, os hospitais estejam à mercê dos sabotadores, dos infiltrados, dos bandidos, ladrões, preguiçosos, marginais, vermes, pequenos animais, roedores, quando isto acontece em particular nas estruturas do Aparelho de Estado que deve dirigir essas unidades.

É preciso tomarmos a iniciativa, estarmos permanentemente na ofensiva. Esta é a batalha da luta de classes. É preciso colocar o inimigo sempre na defensiva passiva.

A acção de Direcção do Estado sobre a economia, sobre todos os sectores produtivos (inclusive Educação, Saúde, Informação)... não se faz só com instruções, ordens e normas; faz-se também pelo exemplo e pela prática quotidiana de organização, disciplina, eficiência e eficácia, rapidez e desembaraço na realização das tarefas, conhecimento profundo e sensibilidade pelos problemas do povo; respeito pelo trabalho; dedicação e entusiasmo pela realização das tarefas.

Em primeiro lugar deve ser o Estado a organizar-se e a assumir integralmente a tarefa de servir os interesses do Povo.

Devemos ter sempre claro que o exemplo vem de cima.

O exemplo do exercício do Poder deve vir de cima. Se isto ainda não acontece completamente é porque nós ainda não utilizamos com acutilância o martelo que temos nas mãos. O prego não penetra, não atinge o coração da madeira. Por isso as nossas estruturas são frágeis, não são sólidas, são permeáveis, não constituem um todo unitário, com todas elas caminhando ombro a ombro ao ritmo cadenciado dos passos em direcção ao mesmo objectivo, em direcção ao desenvolvimento, à consolidação do Socialismo.

## MEDIDAS A TOMAR

Ao concluirmos a nossa reunião, sentimos um consenso geral para que se tomem medidas, incluindo de carácter legislativo, que garantam os pontos seguintes:

1. O complemento das estruturas de direcção, tanto ao nível dos Ministérios, como dos executivos das províncias, distritos, localidades e aldeias comunais.
2. A organização da direcção das empresas e a organização das próprias empresas, dotando-as de estatutos, capitais, fundos de maneio, etc.  
Neste ponto, porque são muito numerosos os casos, tem-se à que fazer um plano organizativo para se resolver todas as questões.
3. Queremos que as direcções dirijam, que não se comportem como bombeiros, reagindo apenas perante as situações urgentes e permitindo que continuamente o urgente impeça de abordar o fundamental.

A direcção tem que organizar, planificar, controlar e exigir prestação de contas.

4. O sistema de informação interna e de coordenação tem que funcionar. Temos que garantir a transmissão das informações.

Neste campo é necessário com urgência:

- a) a articulação correcta das Direcções Nacionais nos Ministérios e entre Ministérios;
- b) o funcionamento regular dos órgãos executivos, provinciais, distritais, de cidade, de localidade;
- c) a articulação correcta e hierárquica entre as Direcções Nacionais e as Direcções Locais;
- d) a articulação correcta entre os órgãos executivos estatais e as empresas, de maneira, por um lado, a garantir que os órgãos executivos estatais exerçam o seu papel de tutela e controle, e, por outro lado, garantir que as empresas sejam geridas pelas suas direcções;
- e) a prestação de contas mensais e semestrais de cada responsável ao superior hierárquico.

5. É indispensável, a exemplo do que já se fez para o Aparelho de Estado, que a lei garanta a disciplina nas empresas e confira poderes às suas direcções para punirem a indisciplina, o desleixo, a negligência, o relaxamento e o mau trabalho e premiar o bom trabalho. O absentismo deve constituir matéria de expulsão.

6. As acções criminosas, o roubo, o desvio de bens, a má manutenção dos bens da empresa, constituem delitos comuns que devem ser reprimidos pelos Tribunais com a maior firmeza.

7. É necessário articular-se as relações entre as empresas na base das leis objectivas da economia socialista e do Direito.

Neste campo, particularmente importa determinar a responsabilidade das unidades de produção, dos grossistas, dos retalhistas, dos transportadores, dos importadores e exportadores.

As relações entre empresas devem ser estabelecidas por contratos que penalizem o não cumprimento dos seus termos.

8. Os vencimentos e salários devem exprimir a realidade do funcionamento económico da empresa; nomeadamente os direitos em relação ao Plano, devem-se reflectir nos salários.

9. Devemos garantir a competência e a seriedade no trabalho. As admissões, as promoções, os aumentos de salários, devem resultar de critérios objectivos, devem-se exigir qualificações adequadas para se ocupar cada posto. Deve ser feita a análise do rendimento e do comportamento do trabalhador antes da promoção, e esta deve-se normalmente operar através de concursos.

10. A admissão de pessoal num sector não se pode fazer em detrimento de outros sectores.

Serviços e empresas não podem estar a fazer concorrência entre si roubando-se quadros, técnicos e trabalhadores. É imperativo que, no nosso país, a trabalho igual corres-

ponda salarial igual.

É imperativo igualmente acabar-se com a tradição de certos privilégios a trabalhadores de determinados sectores.

Se o trabalhador de cervejaria pode levar cervejas para casa, se o trabalhador da Avícola pode levar galinhas para casa, então o taxeirol de uma empresa também poderia utilizar o carro para seu proveito pessoal, o choufer do machimbombo a mesma coisa, e, já agora, o caixa poderia levar o dinheiro para casa.

Isto é roubo, é lesar a empresa, é lesar o público.

11. Em todos os serviços e empresas os trabalhadores devem-se apresentar adequadamente vestidos.

Há sectores em que é obrigatório o uso da farda ou o uniforme de trabalho. Este uniforme de trabalho deve garantir a segurança do trabalhador, e, igualmente, no caso das indústrias alimentares, preservar as medidas sanitárias e higiénicas.

Os trabalhadores administrativos, no Estado, nos Serviços, nas Empresas, devem-se apresentar de fato com gravata ou de balalaica. Apresentar-se em mangas de camisa no serviço, sandálias, com camisolas de reclames e anúncios, blue-jeans, etc., constitui uma falta de respeito para com o local de trabalho, os seus colegas e superiores e, sobretudo, para com o público.

Para além de mau gosto frequente, é um desprestígio, é liberalismo, é indisciplina.

Em relação às senhoras, temos que exigir decência, bom gosto. É inadmissível vir de lenço de cabeça para o serviço. Onde é preciso cobrir a cabeça por uma questão de higiene — caso das indústrias alimentares — então, haverá uma touca fornecida pelo local de trabalho.

12. Os Ministérios, os Serviços, as Empresas, imperativamente devem organizar o sistema de qualificação crescente do seu pessoal, combinando a prática, o estudo e a teoria, formando no local do trabalho, formando em estágios e seminários, utilizando o recurso aos cursos nocturnos, etc.

13. Devemos utilizar ao máximo a solidariedade internacionalista e a cooperação técnica para formar quadros dentro e fora do país.

São dezenas de milhar de pessoas que teremos que formar fora do país para responder às exigências do desenvolvimento.

14. A qualidade dos nossos produtos, a sua apresentação, a nossa publicidade devem ser competitivas.

#### PROBLEMAS DEVEM SER RESOLVIDOS PELAS ESTRUTURAS RESPONSÁVEIS

Terminámos a nossa reunião.

Não queremos criar comissões. Há que lutar contra a proli-

feração de comissões para resolver problemas pontuais ou temporários. Essas proliferações levam a acumular numerosas responsabilidades na mesma pessoa e a desviá-la da sua tarefa principal.

Os problemas devem ser resolvidos pelas estruturas por eles directamente responsáveis.

Não queremos fazer reuniões para vir discutir os mesmos problemas. Desta reunião saem tarefas, nomeadamente os pontos que acabamos de anunciar.

Como dissemos, muitos deles devem ser objecto de matéria legislativa, ou de ordens de serviço internas.

Na próxima reunião os Ministérios devem-nos prestar contas sobre estas tarefas.

A nossa intervenção não foi exaustiva. Ela não se pretende duplicar às intervenções dos 6 grupos de trabalho, que nos apresentaram propostas. Elas devem ser matéria de análise e de trabalho de cada Ministério, e, eventualmente, do Conselho de Ministros.

#### TRANSFORMAREMOS O SONHO EM REALIDADE

Despedimo-nos de todos, recordando o nosso passado.

Em Junho de 1964, reunimo-nos na Frente de Libertação de Moçambique para discutir se era oportuno ou não desencadear a guerra popular de libertação.

Eramos, então, poucos, mas com vontade férrea de decidir a vida do nosso Povo: ou viver livre e feliz ou continuar dominado pela opressão, pela fome, doença, analfabetismo.

Que condições tínhamos? Condições materiais, nenhuma. Mas tínhamos a vontade e determinação firmes de combatermos o colonialismo.

Fizemos um programa de acção, um papel mal elaborado; mas a grande elaboração foi a nossa decisão de desencadear a guerra, a determinação e a convicção de vencer.

O nosso Povo, então, estava condicionado, mas tinha a consciência de ser oprimido.

Os poucos que elaboraram o plano da guerra popular eram considerados sonhadores.

Mas o sonho desses poucos tornou-se realidade que hoje beneficia todo o Povo. Vencemos, derrubámos o colonialismo.

Sonhar não é errado. É preciso sonhar para transformar a realidade.

Hoje, temos o nosso programa, o nosso documento de trabalho, resultado do nosso trabalho, do conhecimento concreto da nossa realidade. O programa de realização dos grandes projectos é o instrumento básico para o nosso desenvolvimento.

Alguns dirão que somos sonhadores, que somos irrealistas.

Nós dizemos: este sonho será uma realidade. Temos, mais uma vez, a determinação, a convicção e a certeza de que venceremos.

Este programa é tarefa de todos nós. É tarefa que deve ser

assumida por cada um. Vai exigir sacrificio, abnegação, convicção, dedicação e certeza da vitória. Conselho de Ministros.

Vai exigir pensamento comum.

Vai exigir que seja contundente a cabeça do martelo, martelo de cabo longo profundamente enraizado na base.

A realização do Programa também irá produzir heróis, heróis do Trabalho. Mas também produzirá traidores, vacilantes, capitulacionistas.

Saudamos todos os participantes desta sessão alargada do

Estamos certos de que saímos daqui mais coesos e determinados a vencer o desafio que lançamos ao subdesenvolvimento. O vento sopra favoravelmente, a direcção tomada é correcta, iceramos as velas, mantenhamos firme o leme nas nossas mãos.

A REVOLUÇÃO VENCERÁ!  
O SOCIALISMO TRIUNFARÁ!  
A LUTA CONTINUA!

(De: "Notícia". Manuto. 1980-02-08)



## ★ **Alocação do Presidente Samora Machel** **ao saudar os combatentes internacionalistas**

Durante a cerimónia que assinalou o regresso dos combatentes internacionalistas moçambicanos que, no Zimbábwe, defenderam a paz e a liberdade, o Presidente do Partido FRELIMO, Presidente da República Popular de Moçambique e Comandante-em-Chefe das FPLM, Samora Moisés Machel, proferiu a seguinte alocação:

**Camaradas membros do Comité Político Permanente**  
**Camaradas membros do Comité Central do Partido**  
**FRELIMO**

**Senhores membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular**

**Senhores membros do Conselho de Ministros**  
**Povo Moçambicano**

**Forças Populares de Libertação de Moçambique**

O Partido FRELIMO, o Povo e o Governo da República Popular de Moçambique, saúdam os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique que acabam de regressar do Zimbábwe.

Regressam com a missão cumprida.

Missão de apoiar o Povo do Zimbábwe na sua justa luta contra a opressão colonial, a humilhação e o racismo.

Missão de neutralizar as bases de lançamento de acções de subversão, de destruição dos bens do Povo, de massacres das populações.

Missão de defender a nossa Independência, soberania e integridade territorial.

Atravessámos a fronteira para confinar no Zimbábwe a contradição antagónica que opunha o Povo ao colonialismo britânico e ao regime rebelde dos colonos.

Atravessámos a fronteira para impedir que o regime ilegal e minoritário transferisse a guerra para o nosso País.

**Soldados das FPLM!**

Somos um Povo pacífico. Nós amamos a paz. A paz justa, que tem por base a liberdade e não a opressão.

Nós lutamos pela paz.

O nosso País é uma base segura na luta pela liberdade e Independência.

O combate libertador do Povo do Zimbábwe criou condições para o estabelecimento do cessar-fogo. Criou condições para a escolha livre e democrática do Governo do Zimbábwe independente.

O Povo moçambicano honra-se de ter participado neste

combate, assumindo conscientemente o seu dever internacionalista.

Através de vós, soldados das FPLM, queremos saudar todos aqueles que contribuíram com o seu esforço, o seu sacrifício e o seu sangue para que, do Rovuma ao Maputo, possamos dizer à África e ao mundo: missão cumprida!

Vocês são uma parte da grande força que é a coragem e a determinação de todo o nosso Povo, das FPLM e de todas as Forças de Defesa e Segurança.

**Soldados das FPLM!**

Alguns dos vossos companheiros caíram no campo da batalha, para que a missão fosse cumprida com êxito.

Deram o seu sangue e a sua vida para consolidar a nossa Independência tão duramente conquistada.

Aceitaram morrer para ampliar a fronteira da liberdade.

A Pátria renasce continuamente no sacrifício dos seus filhos.

Inclinamo-nos com emoção perante a sua memória.

Saibamos todos ser dignos do seu sacrifício e continuadores do seu combate.

Esse combate, a nossa missão principal, hoje e sempre, é consolidar a nossa Independência, é garantir a inviolabilidade das nossas fronteiras, é defender a nossa soberania e a Revolução.

Estamos firmes, estamos prontos, estamos decididos a rechazar qualquer agressão, a enfrentar qualquer ameaça.

Continuaremos a apoiar, com a mesma determinação e a mesma firmeza, a luta dos Povos contra o colonialismo, o racismo, o «apartheid», o sionismo, a exploração, pela independência, pela liberdade, pelo progresso, a luta dos Povos pela paz.

**A LUTA CONTINUA!**

(De: "Notícias", Maputo, 1980-02-17)

DESALOJEMOS O INIMIGO INTERNO DO NOSSO APARELHO  
DE ESTADO

**Texto do discurso proferido pelo  
Presidente Samora Machel no comício popular de 18 de Março.**

**Viva o Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo!**

**Viva a República Popular de Moçambique!  
Viva a FRELIMO nosso Partido de Vanguarda!  
Viva a Assembleia Popular!  
Viva a Justa Luta dos Povos Oprimidos!  
Viva a Vitória do Povo do Zimbabwe!**

**Hoje o Povo do Zimbabwe tem o seu Governo eleito livre e democraticamente.**

- **Governo que é uma conquista da luta armada de Libertação Nacional.**
- **Governo conquistado com os imensos sacrifícios consentidos pelo Povo do Zimbabwe.**
- **Governo eleito pela esmagadora maioria dos zimbabweanos.**
- **Pela primeira vez o Povo fez falhar os computadores internacionais. O imperialismo esperava implantar na África Austral, em particular no Zimbabwe, os seus agentes. O Povo disse não.**
- **Governo com maioria absoluta da ZANU, dirigido pelo Presidente Mugabe.**
- **Governo que honra as forças patrióticas e combatentes do Zimbabwe.**
- **No Zimbabwe, a vontade do povo triunfou.**
- **Triunfou no Zimbabwe a solidariedade dos Países da Linha da Frente, da OUA, da África, das forças progressistas de todo o mundo.**

**Quando nos reunimos no dia 23 de Dezembro para anunciar a assinatura do Acordo de Cessar-Fogo, celebrávamos já a vitória do Povo do Zimbabwe.**

**Por isso dizemos que:**

- **Não há força nenhuma que possa impedir um povo de ser livre e independente.**
- **Não há nenhuma força que possa travar a determinação de um povo de decidir do seu próprio destino.**

**Dissemos sempre que a nossa solidariedade para com a luta do Povo do Zimbabwe era indissociável da nossa luta.**

- **Vivemos como nossa, dia a dia, a luta do Povo do Zimbabwe.**
- **Juntámos o nosso sangue ao sangue do Povo do Zimbabwe.**
- **As nossas armas estavam viradas e concentradas na defesa da integridade e soberania da nossa Pátria agredida.**
- **O nosso sacrifício não foi em vão.**
- **O dever de solidariedade para com a luta do Povo do Zimbabwe reflectiu-se na firmeza e decisão dos nossos combatentes veteranos e novos que marcharam para o Zimbabwe, para apoiar o Povo do Zimbabwe, para deter o crime dentro do Zimbabwe.**

**Povo heróico o nosso que, após 10 anos de luta armada de libertação nacional, aceita mais 4 anos de sacrifícios.**

**Anos difíceis, mas que escrevem mais uma etapa gloriosa na história da nossa libertação, na história da libertação dos povos.**

**Muito obrigado, Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo.**

### SITUAÇÃO COLONIAL

— Lourenço Marques

**Hoje teremos uma conversa que não será agradável. Quando temos matabanha nos pés é preciso agarrar e extrai-la. Mas provoca dor e provoca sangue também.**

**Em breve vamos celebrar o 5.º aniversário da nossa Independência.**

- **Muitos de nós perderam já a imagem real do nosso País colonizado.**
- **Muitos de nós esqueceram já o que era a opressão colonial.**
- **Muitos de nós esqueceram já o que foi Lourenço Marques**
- **Lourenço Marques, a capital do colonialismo no nosso País.**
- **Lourenço Marques, a central difusora da**

opressão colonial,

- da humilhação sem limites
- da discriminação degradante
- Lourenço Marques, laboratório e reduto de todos os males do colonialismo.
- Lourenço Marques, centro de organização de conflitos entre grupos étnicos e raciais
  - entre os pretos: conflito entre xanganas e rongas;
  - conflitos entre xanganas e rongas, que desprezavam os vatshwa;
  - conflitos entre os xanganas, rongas, vatshwa e bitonga, que desprezavam o chope;
  - mas juntavam-se todos os do Sul para desprezar os do Norte; os do Norte, em Lourenço Marques, eram considerados e tratados como estrangeiros;
  - ainda entre os pretos, o punhado de assimilados que desprezavam os indígenas.
- Era esta a vossa Lourenço Marques. Foi isso que nós encontramos aqui.
- Lourenço Marques — cidade dos conflitos raciais
  - os subúrbios — para os pretos e mulatos; quando muito, o Alto Maé como fronteira entre o cimento e o caniço onde residiam alguns mulatos.
  - Havia:
    - bairro dos indianos
    - bairro dos indianos de origem goesa (canecos)
    - bairro dos paquistaneses
    - bairro dos portugueses pobres
    - bairro dos portugueses médios
    - bairro dos portugueses ricos
- Lourenço Marques, centro de despolarização e alienação
  - zonas de prostitutas pretas
  - zonas de prostitutas brancas
- Lourenço Marques, centro de divisão no trabalho
  - gente dos baldes
  - gente para os quintais:
    - moleques, cozinheiros, mainatos
    - serventes dos restaurantes, cafés e hotéis
    - serventes de mercearia
    - serventes de repartições do Estado
- Quem não se lembra das «Feiras para venda de Moleques»?
  - Havia todo um sistema montado:
  - Angariadores iam aos Centros Comerciais da
    - Manhiça
    - Moamba
    - Matutuine
    - Magude
    - Bilene
    - Macia
    - Canicado

Manjacaze

- iam a Gaza, a Inhambane
- aliciavam jovens com promessas de trabalho na grande cidade, promessas de futuro;
  - Traziam-nos como gado, nos camiões, ao sol e à chuva;
  - Chegados a Lourenço Marques, eram postos em armazéns, ao frio e ao calor.
    - Para comer, davam-lhes farinha e amendoim pilado e fervido com sal.
  - Ali ficavam meses armazenados como objectos de feira, à espera de serem comprados.
  - Era ali que os patrões, os colonos ricos, as senhoras de cão na trela, as senhoras da alta burguesia e mesmo algumas pobres, iam comprar. Comprar o quê? Galinha, frango, cabrito ou o quê? iam comprar os seus moleques.
    - Compravam-nos por 300 a 500 escudos aos angariadores e davam-lhes ordenado de 75\$00 por mês. Quer dizer, aos angariadores davam 300 a 500 escudos para o moleque estar no quintal a receber por mês 75 escudos.
  - Com os seus 75\$00 por mês, o moleque tinha de pagar as despesas dos angariadores:
    - pagar o seu transporte e o seu «armazenamento»
  - Com os seus 75\$00 por mês, o moleque tinha de pagar imposto e as despesas de um homem normal que quer casar, organizar o seu futuro.
  - Ai do moleque que não estava habituado a lidar com pratos, copos, vidros!...
    - Se partia uma peça de um jogo de loiça, podia ficar um ano a descontar todo o salário, para pagar o valor de todo o jogo.
    - Mas o jogo de pratos que ficou incompleto fica para o patrão. Não é entregue ao moleque, que o pagou. O patrão fica com dois jogos: um completo e o outro, incompleto.
  - E como é que eram tratados em casa do patrão?
    - A comida para o cão era melhor do que a comida para o moleque;
    - não tinham tratamento médico;
    - enquanto o cão andava no carro do patrão, o moleque ia a pé, ao-sol.
  - Moleques não eram os de Lourenço Marques. Vinham de Gaza, Inhambane e de outras Províncias. Quando o patrão era transferido, como acontecia no caso de ser funcionário, levava a sua mercadoria, que era o moleque, porque já o conhecia bem. Os de Lourenço Marques, esses, eram
    - gente para o Molwene, «a escumalha».
    - gente para aprendizes de mecânico, electricista, bate-chapas, canalizador, estofador, polidor quando muito. Era o trabalho do laurentino

gente que vivia de pequenos negócios das mãos — vendedoras de banana, tomate, couve, pequenas quantidades de carvão

- gente que vivia de negócio de mahanti, mundhe, mabadjiya
- gente que servia para pedreiro e carpinteiro
- Esta era Lourenço Marques, capital da divisão social para enfraquecer a nossa força.
- Lourenço Marques, cidade fragmentada em religiões
  - católica
  - protestante
    - presbiterianos
    - nazarenos
    - metodistas episcopais
    - wegelianos
    - anglicanos
    - muçulmanos

Quando tomámos o poder, Lourenço Marques era a capital

- da criminalidade
- da marginalidade
- do banditismo — os mabandidos — dos roubos, das violações
- cidade de mendicidade
- da prostituição oficializada
- cidade da intranquilidade, dos assassinatos. (Assassinatos que atingiam o auge nos festejos do fim do ano).

Lourenço Marques, cidade de cimento. Erguida para demarcar bem a diferença entre nós e os colonos.

- Quem não se lembra do passe que nos era pedido depois das 9 horas da noite? Vocês passeavam aqui depois das 9 horas?

Lourenço Marques, cidade do caníço e da lata, relegada aos pântanos, armazém de mão-de-obra e sofrimento para construir o luxo do colono.

- Quem não se lembra do seu bairro no subúrbio patrulhado pelos cavalos da polícia montada, e pelos cães da polícia de choque?
- Quem não se lembra do seu bairro no subúrbio? Os Ministros, não se lembram? E os Directores Nacionais que querem cavalgar o Povo, que quando ocupam a APIE parecem javalis, não se lembram do seu subúrbio?

Essa era Lourenço Marques.

- de um lado, o cimento, a opulência, o brilho das ruas asseadas.
- do outro lado, a insegurança, a injustiça social, a discriminação, a pobreza e a escuridão da miséria

Essa era a Lourenço Marques construída para colónos com o sangue e o suor dos trabalhadores moçambicanos.

Quando a FRELIMO tomou o Poder, encontramos as nossas cidades minadas de:

- PIDEs
- OPVs
- ANPs
- Comandos

- Flechas
- GEs
- GEPs
- Movimento Nacional Feminino
- Madrinhas de guerra

Não estão aí no meio de vocês? Mas vocês dizem: «Ah, este Governo de Moçambique...» Nós estamos puros, vocês é que estão impuros. Nós conhecemo-nos. Vocês é que não se conhecem. Nós não coexistimos com os PIDEs. Vocês sim, coexistem com eles. E têm vergonha de os expulsar! Por que «fazem falta»? Fazem falta? A quem? Quem são eles?

Encontrámos ainda os agentes físicos das organizações fantoches criadas pelo colonialismo e pelo imperialismo:

- os MOCONEMO, partido que nasceu depois do 25 de Abril, criado pela PIDE. Esses estão com vocês aí. Estão também nas fábricas. Alguns até ocupam posições altas.
- os FICO
- os FRECOMO
- os GUMO
- os FUMO
- os Convergência Democrática
- os MONIPAMO
- os POPOMO
- os MIMO
- os que participaram no 7 de Setembro e no 21 de Outubro,
- os que tomaram a Rádio. Estão com vocês aí.

Quando a FRELIMO tomou o Poder, encontramos em Lourenço Marques a imagem de todas as cidades do nosso País:

- Cidade do compadrio
- Cidade das orgias
- Cidade das bacanais
- Cidade da corrupção
- Cidade dos compromissos
- Cidade que via embarcar e desembarcar o soldado colonial português, que trazia e deixava as sementes
  - do vício
  - da degradação
  - da imoralidade
  - da bebedeira
  - da doença venérea
  - do crime

As escolas eram símbolo da discriminação racial.

- Eram as oficinas onde se moldava a juventude para servir o colonialismo.
- As poucas crianças moçambicanas que as frequentavam, estavam impedidas de aprender
  - a história do seu Povo
  - a geografia do seu País.
- Encontrámos escolas — autênticos monumentos ao colonialismo
  - Liceu Salazar
  - Colégio D. António Barroso
  - Liceu António Enes

- Quem frequentava estas escolas?
- Quem ensinava nestas escolas?
- O que era ensinado nestas escolas?

Os Hospitais eram centros de discriminação

- racial
- social
- económica

- Quem não se lembra do Hospital Miguel Bombarda e das humilhações que lá sofreu?
- Os consultórios eram minas de dinheiro e fontes de exploração:
  - ali, o médico enriquecia à custa da doença
  - ali, a doença era um instrumento para satisfação das ambições capitalistas dos seus donos.

A morte era também alimento do colonial-capitalismo:

- As agências funerárias procuravam cadáveres como abutres
- Pagavam-se, por um funeral, dezenas de contos.

Nas Administrações e nas esquadras, o lugar dos moçambicanos era, no máximo,

- lugar de cipaio,
- lugar de instrumento subalterno do colonialismo,
- subalterno que pega no chicote e na palmatória para oprimir o seu próprio irmão.

Os colonos tinham os seus instrumentos:

- as suas leis
- os escritórios dos advogados
- os tribunais

- Para os indígenas, havia o chibalo,
  - o trabalho forçado
  - a deportação para S. Tomé e Príncipe
  - a lei da grilheta que amarrava as nossas pernas e as fazia sangrar.

Tudo isto era Lourenço Marques.

Tudo isto era a realidade em todo o País.

Mas era mais ainda:

- Toda a indústria, concentrada nas mãos dos colonos.
- As pequenas e grandes tarefas, concentradas nas mãos dos colonos.

O moçambicano era o empregado subalterno

- simples executor
- produtor desprezado
- servente servil e sem dignidade
- motorista sem categoria
- operário anónimo construtor de riqueza

O comércio, os supermercados, as lojas, as cantinas, as barbearias, as boutiques, os cabeleiros, tudo concentrado nas mãos dos colonos.

- O moçambicano nem sequer tinha lugar no negócio de estacas.
- O moçambicano não tinha o direito de ter uma banca de ovos no bazar.

- Tudo era comprado, vendido, negociado pelos colonos.

As garagens, as oficinas, a construção civil, estavam concentradas nas mãos dos colonos.

- O mestre mecânico era o colono
- o oficial serralheiro era o colono
- o mestre de obras era o colono
  - o colono que chegou como aprendiz ao nosso país e se transformou em mestre;
  - o colono que chegou como camponês e se transformou em agricultor, em proprietário, em latifundiário;
  - o colono que chegou anónimo e ignorante e rapidamente se rodeou de riquezas, de ajudantes, de moleques.

O aluguer do prédio,

- A venda do caniço,
- A venda da chapa de zinco,
- A venda da lata de água,
- A venda da capulana,
- A venda da agulha,
- A venda do copo, do prato, da colher, da panela,
- A venda do cigarro,
- A venda do petróleo, do fósforo,
- A venda do sabão, do açúcar, do óleo,
- A venda do carvão
- Tudo isto estava nas mãos de quem?

- Estava nas mãos daqueles que abandonaram o País quando derrubámos o colonialismo
- Estava nas mãos de um punhado de colonos em todo o País.
  - menos de 100 mil colonos na cidade de Lourenço Marques

- Foram-se embora.

Foi isto que nós encontramos.

É este o significado do colonialismo:

- a exploração
- a opressão
- a humilhação
- a discriminação social e económica
- o racismo
- o tribalismo
- o regionalismo

É este o significado do colonialismo:

- o suborno, a corrupção, a imoralidade
- o roubo
- o nepotismo, o amiguismo, o compadrio
- o individualismo, a ambição
- o servilismo, a subserviência
- a prostituição
- a vagabundagem
- o banditismo
- o desemprego, a marginalidade
- a mendicidade
- a orgia
- o bacanal, a bebedeira
- a droga
- a destruição da família

— a desagregação social, a insegurança, o medo — sinónimo de colonialismo.

Destruiu tudo isto, foi o objectivo da Luta Armada de Libertação Nacional.

Destruiu tudo isto, é o objectivo da luta de classes, da luta contra o inimigo interno, da luta que continuamos e continuaremos a travar no nosso País.

Alguns perguntam-nos: «Porque é que vocês querem o socialismo?» Dizemos. Não temos capacidade para manter e alimentar tudo o que era o colonialismo, que nós conhecemos. Alguns perguntam-nos: «Socialismo é que é, em Moçambique?» Socialismo em Moçambique significa felicidade para nós.

E para o Mundo, Moçambique agora não existe. Mas existia no tempo colonial. Toda a imprensa ocidental falava da «bela cidade de Lourenço Marques». Grandes viagens, grande turismo para vir passear a prostituta. Isso era Moçambique. Existia nessa altura em todo o Mundo. E agora, Moçambique não existe, morreu na data em que fizemos o enterro do colonialismo. Nós estamos aqui, dizemos a esses amigos isso mesmo: aqui estamos.

Façam o que fizerem e o que quiserem, ninguém mudará a posição geográfica do Povo Moçambicano. Ninguém derrubará a independência de Moçambique.

Escolhemos o Socialismo e construiremos o Socialismo. Ninguém virá de fora construir por nós.

Não importa que nos ignorem lá no Ocidente. Não existimos por causa deles. Não foram eles que nos produziram. Não foram eles que nos deram a independência. Falem ou não falem, que importa? Nós falamos, temos as nossas bocas.

Falavam disto. Era belo para eles. A civilização Ocidental estava aqui, estava nisto que caracterizámos como colonialismo. Difusão da cristandade. Era isto. Esta é que era a civilização.

## AS CONQUISTAS DA INDEPENDENCIA

Após a independência, prosseguimos o nosso combate libertador.

- Combate para nos devolver a dignidade, a personalidade e a cultura moçambicana.
- Combate para construirmos:
  - uma nova sociedade
  - uma nova mentalidade
  - um homem novo.
- Combate para destruímos a exploração.
- Combate para edificarmos o socialismo.

Liberámos a terra.

Nacionalizámos a Educação:

- a escola deixou de ser um privilégio
- eliminámos as escolas privadas, os explicadores particulares.

Nacionalizámos a Saúde:

- o hospital abriu-se para todo o Povo
- eliminámos os consultórios e os médicos privados.

Extinguimos a actividade privada:

a justiça deixou de ser uma mercadoria.

Nacionalizámos as agências funerárias:

- dignificámos o funeral de qualquer cidadão.

Nacionalizámos os prédios:

- as cidades passaram a pertencer àqueles que as construíram
- as cidades de cimento, pela primeira vez na nossa história, ganharam uma face moçambicana.

Penso que antes o imperialismo estava contente. O Ocidente estava contente. Queriam estar lá e o dinheiro a chegar-lhes depois de atravessar montanhas, oceanos e lagos. Quer estivessem na Suíça, em Portugal, na Alemanha Federal, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Brasil, em qualquer sítio, o dinheiro da nossa cidade iria lá ter...

Eu não conheço nenhuma cidade no Mundo que seja estrangeira. Bona é capital da Alemanha Federal. Berlim, da Alemanha Democrática. Moscovo, da União Soviética. Sófia, da Bulgária. Bucareste, da Roménia. Pequim, da China. Brasília, capital dos brasileiros. Nova Iorque e Washington, dos americanos. Mas queriam que nós tivéssemos uma cidade capital portuguesa.

E porque nós tomámos a cidade e a cidade tomou a face moçambicana, disseram que somos radicais, irresponsáveis, intransigentes, irrealistas. Somos irrealistas quando valorizamos as nossas conquistas? Não queremos que sejam eles a valorizar as nossas conquistas. Seremos nós e mais ninguém.

Estas são conquistas revolucionárias do nosso Povo;

- Foram os primeiros passos para a edificação da nova sociedade, a sociedade socialista.

Sociedade socialista que significa o bem-estar de todos:

- o direito ao trabalho
- o direito à escola, à saúde, sem discriminação;
- o direito de cada cidadão ter uma habitação condigna,
- ter transporte decente,
- ter manteiga, ovos para os nossos filhos, para todos nós;
- o direito de andar decentemente vestido,
- ter possibilidade de comer galinha, coelho, peixe, carne,
- todos terem sabão para andarem limpos. Terem sabonetes, terem lâminas, máquina de barbear, é isso que queremos.

Mas os nossos amigos do Ocidente dizem que se nós andarmos bem vestidos e se nós fizermos a barba, se nós tivermos uma casa condigna, perderemos as características africanas

Sabem quais são as características africanas? Usar pele, tanga, capulana atravessada, um pau na mão atrás do rebanho, ser magrinho com costelas para contar uma a uma, feridas nos pés, nas pernas, com uma folha de cajueiro a tapar a ferida que vai gotejando, matequenha nos pés — este é o africano. Para eles, estas são as características dos africanos.

Então, quando vêm turistas procuram este africano que está vestido desta maneira. Porque este é o «real africano».

Agora, encontram-nos vestidos de balaláica, calçados — já não é africano. Não tiram fotografia.

Para eles é preciso que a África não tenha indústria, que continue a enviar matérias-primas. Não tenha siderurgia. Porque é luxo para o africano.

É preciso que a África não tenha barragens, pontes, estradas, fábricas de tecidos para confeccionar roupa para os homens e senhoras, roupa para as crianças. Fábrica de calçado de luxo? — Não, o africano não merece isso. Ter uma casa com piscina, um hotel de luxo? — Não, já não é para africanos.

Para nós, sociedade socialista significa:

- ter lugares de repouso para os trabalhadores
- festejar as festas, bebendo um copo de cerveja, de vinho, de laranjada, comendo bolos bem confeccionados
- produzir brinquedos para oferecer às nossas crianças nos seus aniversários
- produzir flores para oferecermos às nossas mulheres, mães dos continuadores da Revolução
- ter as ruas das nossas cidades limpas
- criar parques e jardins para descanso e alegria dos adultos e crianças

Temos que avançar para concretizar estes objectivos.

Mas sentimos que há feridas no nosso corpo que sangram constantemente.

Sentimos que o corpo jovem do nosso país tem doenças que impedem o crescimento.

Sentimos que os agentes do inimigo se aproveitaram da nossa condescendência e benevolência para se instalarem no nosso seio.

Tudo isto impede o nosso avanço. É o matope que torna pesadas as nossas botas. Decidimos descaçar a bota e tirar o matope.

## A OFENSIVA

### — O que encontramos

Desencadeámos a ofensiva.

O nosso corpo não estava são para poder crescer depressa e sem obstáculos.

Por isso:

- fomos tirar a temperatura
- fomos fazer análise ao sangue
- fomos tirar a radiografia

Por isso:

- procurámos as feridas que infectam o nosso corpo
- procurámos os parasitas agarrados à nossa pele
- procurámos os micróbios infiltrados no nosso sangue

E viemos aqui para entregar ao povo a radiografia da situação no nosso país.

Viemos aqui para encontrarmos o tratamento adequado.

Viemos aqui para dar novas tarefas, tarefas de uma fase aguda da luta contra o inimigo que nos ataca e desafia o nosso poder.

Definimos a década de 80 como a década da vitória sobre o subdesenvolvimento.

Definimos:

- o ritmo do nosso crescimento
- os grandes objectivos a alcançar
- as grandes metas a atingir nestes dez anos
- os grandes projectos a realizar

Definimos a grande batalha a travar liquidar, nesta década,

- a fome
- a nudez
- a doença
- o analfabetismo
- a ignorância
- o obscurantismo
- o desemprego
- o subdesenvolvimento

Em síntese

- a pobreza
- a miséria

As condições para atingirmos estes objectivos são favoráveis:

- o Povo quer a Revolução
- o Povo quer o progresso
- o Povo está engajado na luta contra a fome, a nudez, a ignorância, o subdesenvolvimento
- o Povo tem a força, a força das lutas que já travou e venceu, a força da certeza da vitória nos novos combates.
- A vitória do Povo do Zimbabwe permite que viremos as nossas armas principalmente para dentro do nosso país.

Por isso dizemos:

- o vento sopra com força
- devemos içar as velas para o nosso barco avançar com rapidez. Para isso, temos que aproveitar integralmente a força desse vento que é o nosso Povo. O vento, neste caso, é o nosso Povo, do Rovuma ao Maputo.

Ao desencadearmos a ofensiva fomos visitar:

- os portos
- os aeroportos
- os armazéns
- as lojas
- os serviços da APIF
- os hospitais
- visitámos as fábricas:
  - a FASOL
- produz óleo alimentar e tem capacidade de moer 160 toneladas diárias. Mas não faz.

As suas máquinas estão velhas. Param constantemente por falta de sobressalentes.

a **SABOREL**

— é uma fábrica de sabão e sabonetes. Uma das linhas de fabrico estava parada. Foram pedidas peças há mais de 2 anos e não chegaram. Estava a produzir metade do que poderia produzir.

• a **FACOBOL**

— produz sapatilhas e botas de borracha, câmaras de ar para bicicletas e outros tipos de artigos de borracha.

Tem capacidade para produzir 3 mil pares por dia mas só produz 1 200. Deixou de produzir vários tipos de sapatilhas porque a ENCATEX disse que o «Povo não gosta».

Quer dizer que o Povo não gosta dos modelos bonitos...

• a **UFA**

— também produz sapatilhas e outros artigos de borracha.

Vimos ausência total de Direcção correcta. Desorganização completa. Indisciplina — atrasos de mais de meia hora. Suspendemos a Direcção.

• fomos a **PROTAL**

— é uma fábrica de leite condensado, manteiga e queijo. A fábrica estava com dificuldades de matéria-prima, mas havia leite em pó amontoado nos armazéns.

É uma fábrica organizada.

• na **SOGERE** (são várias fábricas de cerveja e refrigerantes)

— Visitámos a fábrica de cerveja 2M e a fábrica Vitória. Encontrámos roubos, bebedeira, desorganização, faltas, atrasos, baixa sistemática de produção, sujidade, falta de aprumo, ausência de Direcção.

— A fábrica de cerveja 2M pode produzir 30 milhões de litros de cerveja por ano, mas só produziu 20 milhões em 1979.

— A fábrica de refrigerantes da Machava pode produzir 119 000 caixas e só produziu, no ano passado, 60 000, metade portanto. Por isso vocês passaram as festas do Natal, as celebrações do 25 de Setembro, do 25 de Junho, passaram o fim do ano sem refrescos.

— Pusemos as FPLM a ajudar a organizar. Reestruturámos a Direcção.

• **FABRICA DE ALUMINIOS**

— Produz loiça e uma grande variedade de utensílios de alumínio.

Encontrámos muita loiça em armazém. Muitas estruturas do Estado não iam lá levantar a tempo as suas encomendas. Neste caso a Cogropa.

Vimos muita loiça para a COGROPA, destinada ao mercado. Havia falta de loiça e a COGROPA não ia levantar.

• fomos à **COMPANHIA INDUSTRIAL DA MATOLA**

— Produz toda a espécie de bolachas, massas alimentícias e farinhas. Tem moagem de trigo, milho e fábrica de chocolates.

O Director da fábrica desconhecia totalmente os problemas da fábrica. Não foi capaz de fornecer qualquer informação útil.

• visitámos a **FABRICA DE CIMENTOS**

— Tem capacidade para 600 000 toneladas e em 1979 só atingiu 240 000 toneladas (pouco mais de um terço da capacidade). Por isso vocês não conseguem comprar cimento. Notámos boa organização.

• fomos à fábrica **PROLAR**

— É a única fábrica do país para fabrico de escovas, pincéis, utensílios de limpeza.

Verificámos que é uma pequena fabriqueta artesanal. Totalmente dependente de matéria-prima importada. Até importam sisal do México e tolnas de palmeira da Índia.

— E as folhas de palmeiras de Moçambique não servem. Dizem que não servem: mentalidade colonialista. O sisal de Moçambique e da Tanzania não serve. Tem de vir do México porque é um sisal especial, dizem. Sisal é sisal. Petróleo é Petróleo. Óleo de girassol é óleo de girassol em toda a parte. Azeite de oliveira em toda a parte é azeite de oliveira. Não sei porque é que as palmeiras de Moçambique não podem dar para fazer escovas. Não sei porque é que o sisal daqui não serve para fazer pincéis. Tem de vir do México...

• **MABOR**

— É a única fábrica do país de pneus para tractores, camiões, carrinhas e turismos.

O armazém estava cheio de pneus. Não deixavam a fábrica vender. Era preciso requerimento para comprar um pneu.

Encontrámos muito bom nível de organização. E os trabalhadores competentíssimos.

• **TEXLOM**

— Produz tecidos.

Já não procuram conhecer o gosto do consumidor. Dizem que os seus desenhos são «tradicionalmente africanos» e com isto justificam os maus padrões.

— Encontrámos nas capulanas jacarés,

caranguejos, peixes, lagartixas, caracóis, cágados. Nas nossas capulanas, encontramos o caju, a palmeira, quando muito. Já não há bom gosto: flores, bons padrões para cerimónias. Dizem que é difícil. Não sei como vamos passear neste País. Já desenharam todos os modelos que vamos vestir em 1980 e já estão a começar para o ano de 1981. Não custa desenhar caranguejos, camaleões, nas nossas capulanas. Só não vi tubarão... É isto que nós queremos? É isto que vocês querem?

• **CARMOG**

— É uma fábrica de malas e de embalagens de cartão. Encontrámos interesse e boa organização. É necessário ampliá-la.

• **Fomos também a uma das fábricas da CAJU DE MOÇAMBIQUE, a fábrica do Chamanculo.**

**Desenhecámos a Ofensiva:**

- na Beira
- em Maputo
- no Xai-Xai
- em Inhambane
- em Chimoio
- em Tete
- em Quelimane
- em Nacala
- em Nampula
- em Lichinga
- em Pemba

**O que encontramos em todos esses lugares do nosso País?**

• **Nos portos, encontramos:**

- ausência de direcção
- desorganização
- incompetência
- indisciplina instalada
- burocratismo
- desleixo
- espírito de rotina
- preguiça
- métodos de trabalho errados
- roubo
- sabotagem e destruição de mercadorias e de equipamento.

• **Encontrámos toneladas de produtos que foram deixados apodrecer, que foram deixados de qualquer maneira, ao sol, à humidade e à chuva, e se estragaram.**

• **Encontrámos o burocratismo organizado, o burocratismo transformado em sistema para fazer paralisar a nossa economia:**

- Por causa de um papel a máquina ficava retida no armazém do porto e a fábrica não trabalhava.
- Por causa de um carimbo a matéria-prima estava no porto e a fábrica parada.
- Porque ninguém se preocupava em tomar a iniciativa, apodrecia a copra em Quelimane e a fábrica de óleo e sabão não

tinha matéria-prima.

• **Encontrámos a Indisciplina, a preguiça, a greve de braços caídos.**

— Um navio que pode ser descarregado em dois dias, era descarregado em 10 dias, em 15 dias.

• **Encontrámos a confusão, a desorganização, a anarquia, a ausência de poder.**

— Todos eram chefes e ninguém dirigia

— Todos eram chefes e ninguém tinha a responsabilidade

— não havia hierarquia, não havia definição clara das funções de cada um

— todos seguravam o cabo do martelo; por isso, a cabeça do martelo não tinha força.

• **Encontrámos o roubo organizado, roubo que desde a época colonial era uma coisa normal.**

**Esta era a situação dos nossos portos.**

**Esta era uma situação num local tão sensível, num ponto tão estratégico da nossa economia como é o porto.**

**E os portos são os pulmões do nosso País.**

• **Por eles chega o tractor, a máquina, o camião, o automóvel que importamos.**

• **Por eles chega o adubo, o fertilizante, o pesticida que utilizamos na machamba.**

• **Por eles passa o trigo, o milho, o arroz, a carne que compramos para alimentação do nosso Povo.**

• **Por eles chega a capulana, a lâmina de barbear, o leite para as crianças, a agulha de coser, o candeeiro, a lanterna, a lâmpada, o brinco, o botão.**

• **Pelos portos sai a castanha de caju, o algodão, o carvão, a madeira, os citrinos — através dos quais obtemos divisas.**

• **Os portos são também a cara, a montra do País.**

• **O navio chega, descarrega a mercadoria, torna a partir, mas esteve em Moçambique. Só porque esteve no Porto de Maputo, no Porto da Beira, no Porto de Nacala, esteve em Moçambique.**

— o que os tripulantes viram de Moçambique foi o porto;

— a ideia que fazem do nosso País, é através do porto.

• **Quando o porto funciona mal, a vida de todo o nosso Povo é afectada.**

• **Quando voltámos a visitar os portos de Maputo e da Beira, verificámos já profundas transformações; as melhorias eram visíveis.**

• **Os estivadores em todo o Mundo são conhecidos como ladrões. Estes aqui também roubavam muito. Eu sei. Mas garantiram-me que agora não vão roubar nem sequer uma agulha. Se roubarem, vamos punir. Não queremos ladrões neste País. Nós não lutámos para transformar o nosso País em País de ladrões. Não lutámos para transformar o nosso País em País de indisciplinados, País de preguiçosos, desleixados, sujos. Não era isso. Era para conquistarmos a nossa dignidade, a**

nossa personalidade.

Visitámos o aeroporto de Mavalane.

• Ouvimos falar do aeroporto

- da falta de cortesia dos seus trabalhadores.
- da falta de higiene,
- da falta de preocupação por um passageiro que não encontra a sua mala,
- das longas bichas de espera,
- da água que escorre dos tectos.
- das paredes manchadas,
- dos armazéns desorganizados,
- do matagal à volta das pistas.

• O que é um aeroporto?

O aeroporto é uma sala de visitas. O aeroporto é o primeiro cartão de visita para o estrangeiro que chega a Moçambique.

— O visitante chega ao nosso País depois de muitas horas de viagem — vem da Europa, vem da Ásia, vem de todo o mundo.

— A primeira impressão que colhe sobre Moçambique é a que lhe é transmitida pelo aeroporto.

- se o aeroporto está sujo, desorganizado,
- se não encontra aberto o restaurante para tomar café ou refresco,
- se tem de esperar longas horas na bicha da migração, na bicha da bagagem,
- se não é atendido com delicadeza e apuro...

é essa a primeira impressão com que o visitante fica de Moçambique. Impressão de sujidade, desorganização, desleixo, apatia e absentismo.

• O aeroporto é um símbolo de unidade nacional.

— A ele chegam homens, mulheres e crianças de todo o País.

Todos se encontram no aeroporto.

— O habitante de Cabo Delgado que vem visitar a capital, a primeira coisa que encontra é o Aeroporto de Maputo.

É aí que forma a primeira imagem da nossa capital.

Visitámos os armazéns:

- do Comércio Interno
- do Comércio Externo
- da Saúde
- da Educação
- de outros sectores

• Encontrámos nos armazéns:

- a desorganização
- a inércia, o imobilismo
- o desleixo
- o roubo
- a sabotagem

• Encontramos grandes quantidades de produtos que estavam lá desde 1975, desde 1976, desde 1977, desde 1978 — e faltavam nas lojas.

• Encontrámos, em armazéns de Maputo:

- 59 000 metros de tecido para capulana e lenços de cabeça, armazenados desde 1976;
- 4800 metros de tecidos armazenados desde 1977;
- 35 000 sacos de leite em pó, correspondentes a 700 toneladas, armazenados desde 1978

• e as mães não tinham leite para amamentar os seus bebés. Estavam nas bichas desidratadas as crianças por causa do sol. Gripes por causa da humidade e das chuvas. E eles, com leite nos armazéns.

— 38 220 fraldas de bebé, armazenadas há mais de um ano;

— 112 500 toalhas de rosto e de banho, de variados tipos

• postas à venda, em poucos dias esgotaram-se no mercado. Havia falta de toalhas:

— milhares de latas de castanha de caju no valor de 8 mil contos, que apodreceram nos armazéns e não foram exportadas;

— mais de 100 000 pratos e chávenas, armazenados desde Setembro de 1979;

— 132 000 garrafas e 7000 garrações de vinho, encontrados num só armazém e que se estavam a acumular desde 1975. E o nosso Povo gosta de vinho, não é? Vinho com lagosta, com camarão, não gosta? Peixe com vinho branco, não gosta? Disseram que vocês não gostavam. Por isso guardaram nos armazéns. Sabotadores, agentes do inimigo!

— mais de 12 000 maços de cigarros de luxo armazenados há vários anos nos armazéns da DETA e estragados pela humidade;

— 16 000 pneus armazenados na MABOR e que não saíam porque era necessário fazer um requerimento que demorava semanas a ser despachado.

Em armazéns de outras Províncias, entre muitos produtos, encontrámos armazenados há mais de um ano:

• mais de 100 mil lápis de carvão e de cor

— isto só num armazém

• 6000 toneladas de castanha de caju

• 2400 toneladas de girassol

• 1000 toneladas de amendoim

• cerca de 1000 toneladas de copra

• 9000 toneladas de açúcar

• 177 toneladas de mandioca

• 60 toneladas de sal

• 58 mil litros de óleo alimentar

• mais de 150 toneladas de leite em pó

- cerca de 40 mil enxadas, pás, machados e catanas
- 1 milhão e 600 mil latas de tomate
- grandes quantidades de calçado, roupa, brinquedos para crianças
- grandes quantidades de mantas, e muitos não têm mantas.

Encontrámos já deteriorados:

- 90 toneladas de sal
- milhares de metros de tecidos
- toneladas e toneladas de semente de trigo, amendoim e algodão
- dezenas de toneladas de adubos
- mais de 10 mil latas de sardinha em conserva
- dezenas de toneladas de arroz, de milho, de feijão
- dezenas de relógios e rádios, já estragados.

Tudo isto encontrámos armazenado.

- Está longe de ser lista exaustiva.
- Do que estava armazenado há um ano, há dois anos, há vários anos, muito tem sido despachado à pressa para venda ao público.
- Tudo o que foi enterrado, tudo o que foi queimado, para não constituir prova de crime, quem o poderá saber?
- esta ofensiva ganhou o entusiasmo do Povo, fez agudizar a sua vigilância;
- aqueles que enterraram e queimaram produtos acabarão por cair nas mãos da justiça popular — já conhecemos muitos casos em todo o País;
- o que enterraram e queimaram não pode esconder o crime que cometeram.
- E ainda temos que cavar mais fundo. O Povo descobrirá mais armazéns clandestinos, como fez em Maputo e noutras Províncias.
- Encontrámos a desorganização no armazém.

— os produtos amontoados de qualquer maneira;

— os produtos mergulhados em sujidade;

— ninguém sabia

- que produtos havia no armazém,
- de onde tinham vindo,
- para onde se destinavam,
- que quantidade tinha entrado,
- que quantidade tinha saído.

- Mas os armazéns são pontos importantes de organização da produção

— é no armazém que está a matéria-prima para a fábrica;

— é no armazém que estão os sobressalentes para as máquinas;

— desorganizado o armazém — está desorganizada a produção agrícola e industrial.

- Os armazéns são pontos importantes para a distribuição dos produtos e para o abastecimento.

- Pelos armazéns passam as nossas exportações.
- Nos armazéns guardamos os produtos acabados das nossas fábricas e os produtos que importamos para o abastecimento do Povo.
- Aquilo que viram na exposição, é apenas uma pequena parte do que encontrámos nos armazéns.

Em muitas fábricas, locais onde se forja a classe operária, classe dirigente, os trabalhadores não estão correctamente organizados. Vive-se o liberalismo, a anarquia, a indisciplina.

— o trabalhador apresenta-se tarde, nada acontece;

— o trabalhador chega bêbado, nada acontece;

— o trabalhador é preguiçoso, nada acontece;

— o trabalhador falta, nada acontece.

- A direcção não dirige. As estruturas lutam entre si, os chefes disputam o poder. Resultado: ninguém exerce o poder.
- Chegamos a uma empresa e perguntamos: «Quem é o responsável?» E, à nossa frente, um grupo de pessoas desorganizadas, sem hierarquia definida, responde: «Somos nós.»

— Um conjunto de serventes constitui agora a direcção da empresa. Encontrámos isso na Octávio R. Lobo e em muitos outros lugares. Quando reparei, não vi senão «javalis» em frente de mim, são «javalis» colocados na direcção das empresas.

- São «javalis» que foram colocados na direcção de muitas empresas.
- Chegamos a uma empresa e, depois de fazermos algumas perguntas ao responsável, verificamos que

— não conhece a empresa;

— não tem plano de produção;

— não sabe qual é o nível de produtividade;

— desconhece todo o processo de produção.

- Vimos isto na Companhia Industrial da Matola. Mas estava lá o «senhor engenheiro»...

- Chegamos a uma empresa e vemos que os chefes são pessoas que se autopromoveram, aproveitando a fuga dos patrões:

— era dactilógrafo, agora é chefe do serviço de compras;

— era servente, agora é gerente de vendas;

— era contínuo, agora é tesoureiro.

- não fizeram nenhum esforço para aprender a dirigir;
- não adquiriram nenhuma competência;

— só aprenderam a ganhar mais dinheiro;

— só aprenderam a comprometer-se uns com os outros para terem salários altos;

— só aprenderam a não produzir o seu salário.

rio.

Não contentes com isto, roubam descaradamente dinheiro, roubam produtos.

- A empresa não produz. Mas todos recebem salário.

- a empresa só produz prejuízos;
- no fim do mês vai ao Banco de Moçambique pedir empréstimo para pagar os salários;
- é o Povo que, através do Banco, paga todos os meses estes salários.

- Nas fábricas e nas empresas encontramos

- indisciplina
- falta de pontualidade
- falta de assiduidade, absentismo generalizado
- desorganização
- ausência de direcção
- paralisação ou baixa de produção por falta de matéria-prima
- máquinas paradas por falta de uma peça
- roubos
- privilégios abusivos
- sabotagem

- Nas padarias, abandonadas pelos donos e controladas pelos trabalhadores, assistimos ao aumento incontrolado de salários e à admissão exagerada de pessoal.

- 23 padarias de Maputo, que tinham até à proclamação da Independência 500 trabalhadores têm agora 1800.

- admitiram os irmãos
- admitiram os primos
- admitiram os cunhados
- admitiram os amigos
- admitiram aqueles com quem praticam a corrupção

- Os salários subiram dez a quinze vezes. Padeiros que recebiam 1200, 1300 escudos sabem quanto recebem hoje? Cinco contos, seis contos. Donde vem o dinheiro?
- Entretanto, a produção baixou.

- Nas empresas, desenvolveu-se e institucionalizou-se uma prática que vinha do tempo colonial:

- o trabalhador da fábrica leva para casa o produto;
- o trabalhador da loja, primeiro abastece-se e só depois vende ao público.

- Assistimos a isto:

- na SOGERE, cada trabalhador podia levar, para casa duas grades de cerveja, ao fim da semana.
- se forem mil trabalhadores a levar, são:

- duas mil grades por semana
- 8 mil grades por mês
- 96 mil grades no fim do ano

Isto significa cerca de 2 milhões de garrafas por ano.

Mas a população não tem cerveja. Isto deve acabar hoje mesmo.

- Na Companhia Industrial da Matola, ao fim do mês, cada trabalhador levava para casa 48 pacotes de bolachas.

- se forem 500 trabalhadores a levar, são 24 mil pacotes de bolacha em cada mês, cerca de 300 mil pacotes por ano;

- no fim do ano, são 288 mil pacotes de bolachas que não chegam à população.

Mas a população, para obter bolachas, tem de formar bicha.

- Na PROTAL, havia o hábito de vender queijo e manteiga aos trabalhadores. No entanto, a manteiga e o queijo faltam no mercado.

- Na AVICOLA, os ovos partidos são dados aos trabalhadores.

- há trabalhadores que partem ovos, para poderem levá-los para casa;
- cortam as asas das galinhas para serem retiradas da venda e levá-las para casa;
- organizam-se assim as perdas;
- organizava-se a baixa de produção.

E as galinhas e os ovos não chegam à população.

- Em muitas Lojas, é hábito generalizado os empregados abastecerem-se antes dos clientes.

- chega a batata — cada empregado carrega dez quilos;
- chega o arroz — vinte quilos para cada um;
- chega a farinha — cada um serve-se de 30 quilos.

O que fica — os restos — é para a população que espera longas horas na bicha. A população dizem: «Um quilo só para cada pessoa.» Mas eles levam dez, vinte, trinta quilos.

- Para quê? Para depois venderem cá fora, cinco vezes mais caro. A isto chamamos: vocação exploradora.

— A isto chamamos: acção inimiga. Isto acaba também hoje mesmo.

- Encontramos isto principalmente nas Lojas do Povo.

- A estes privilégios e abusos junta-se o roubo.

- Em muitas fábricas encontramos a sabotagem.

- são máquinas que ficam inutilizadas quando ainda deviam estar praticamente novas;
- são máquinas que ficam paralisadas porque alguém aparentemente se esqueceu de deitar o óleo;
- é matéria-prima que se deixa deteriorar;
- são produtos que ficam armazenados para além do seu tempo de utilização;
- é o deficiente engarramento ou embalagem dos produtos, que leva a que se estraguem.

\* Como não há organização, como não há direcção, como não há definição clara de funções e competências, quando perguntamos: «de quem é a responsabilidade?», responde-se: «de ninguém.» Aconteceu... Foi azar!

\* Não temos sortel... Aconteceu!... É azar!... E a máquina está destruída. Custou 20 000 contos. Com 20 000 contos quantos hospitais distritais construímos? Quatro ou cinco. No entanto, a máquina foi destruída. Aconteceu!...

Toda esta desorganização nos portos, nos armazéns, nas fábricas, nos transportes, faz com que o abastecimento às populações seja afectado.

Nas próprias estruturas do abastecimento, como a ENCATEX e a COGROPA, nos armazéns e nas Lojas do Povo, encontramos problemas graves:

- \* Incompetência — não sabem o que é a actividade comercial;
- \* Irresponsabilidade — a sua vida não está ligada à vida da loja, está ligada ao salário que levantam no Banco;
- \* Falta de respeito pelo público — ignoram que é o cliente que lhes paga o salário;
- \* Arrogância — pensam que é a população que depende deles e não eles que dependem da população;
- \* Grosseria — reproduzem a atitude de antigo patrão para com o nosso Povo;
- \* Inércia — desinteresse total pelos problemas da população, espírito do «deixa andar»;
- \* Falta de higiene — pensam que a higiene era privilégio do colono, que o Povo não precisa de higiene.

Mas de onde vem a comida que comemos?

- \* Sejam claros: a comida tem de ser produzida. Não cai do céu.
- \* A roupa, o calçado, vêm da fábrica. Têm de ser produzidos. Somos nós que temos de os produzir.
- \* Só resolveremos os problemas do abastecimento aumentando a produção e a produtividade.
- \* A situação é esta: produzimos menos do que aquilo que comemos.
- \* Mais grave ainda: o pouco que temos fica nos armazéns sem ser escoado.
  - fica nos armazéns a apodrecer;
  - fica «esquecido» porque alguém diz que a população não gosta;
  - fica sem ser vendido na Loja do Povo por-

que falta um papel, porque falta um carimbo.

Passámos a ver a bicha como coisa normal.

\* A bicha

- passou a ser organizada
- passou a ser fomentada
- passou a ser preparada deliberadamente
- \* Foram marcados dias certos de venda de produtos para haver bicha

- à segunda-feira para o arroz,
- bicha à terça-feira para o açúcar,
- bicha à quarta-feira para a farinha,
- bicha à quinta-feira para o sabão,
- bicha à sexta-feira para a batata.

Até parece uma repartição do Estado, em que há dias marcados para os registos...

\* Nas lojas

- Os empregados não pesam nem embalam os produtos com antecedência.

Porquê?

- \* para que a bicha seja mais longa e demore mais tempo.

- Fomentaram a bicha para que o Povo ficasse descontente com o Governo.

- Fomentaram a bicha para:

- \* promover a imortalidade
- \* promover a violação de menores
- \* produzir criminosos
- \* baixar a produção

- o trabalhador já não produz: está na bicha do arroz, está na bicha da carne
- quando chega a casa, não encontra o jantar feito

- \* porque a esposa foi para a bicha
- \* porque as filhas foram para a bicha
- \* as crianças perdem a noite na bicha

- \* Em muitas lojas, hoje, organiza-se a falta de produtos:

- não há o cuidado de encomendar antes de acabar
- a loja recebe cinquenta sacos de farinha, trinta sacos de açúcar, trinta sacos de arroz, recebe sabão, óleo, batata. Vai vender até acabar

- \* acaba primeiro o açúcar, depois o arroz, depois o sabão, depois a batata, depois o óleo, depois a farinha.

Quando já não tem nada, quando as prateleiras já estão vazias, o responsável vai ao armazém e diz:

— «Já vendi tudo. Como já vendi tudo, senhor chefe, missão cumprida!»

é como a vendedeira de hortaliças no bazar do Xipamanine. Chegou de manhã, sentou-se. Pôs a sua hortaliça. Vende até acabar. Depois regressa a casa.

Outros não se mexem. Ficam à espera que os produtos lá cheguem. Isto passa-se com muitas Lojas do Povo.

Entrei numa Loja do Povo onde encontrei um regimento de empregados. Um acompanhou-me, peguei numa das peças à venda, uma máquina especial de barbear e perguntei: «De onde vem esta máquina?» Não sabia. Quando acabar, como há-de mandar vir mais? «Ah, quem sabe é o senhor director das Lojas do Povo.» Perguntei onde fica, disse-me: «Não sei em que prédio.» E ele é que é o chefe da Loja do Povo. Isto são «javalis» nas Lojas do Povo...

• Encontrámos a improvisação, a falta de planificação, o desconhecimento das necessidades do Povo.

— mandámos feijão enlatado para onde a população produz feijão que fica a apodrecer porque não foi escoado;

— mandámos o amendoim para trocar pelo caju

A população tempera o caril com a própria castanha. Tem interesse para ela trocar amendoim pela castanha? Por uma lata de castanha recebe dois ou três quilos de amendoim: Não aceita.

— Mas não mandamos aquilo que a população quer:

- não mandamos a capulana, os fósforos, o petróleo, a agulha, a catana, o machado;
- não mandamos a enxada, o lenço de cabeça, a pulseira, a panela, a fralda para a criança, a camisa, a calça, o açúcar, o sal, os brincos, a ntehe;
- não mandamos aquilo de que a população precisa;
- não temos sensibilidade para os seus gostos, para as suas necessidades.

Encontrámos em Niassa centenas de vidros de candeeiros sem os respectivos candeeiros: em Pemba, encontrámos os candeeiros sem vidros.

• Encontrámos em Cabo Delgado e em Niassa centenas de bicicletas novas incompletas que já estão enferrujadas. Mas a população anda a pé distâncias longas.

• Encontrámos a lentidão organizada, encontrámos o immobilismo.

— O pano chega à capital da Província e não é vendido durante semanas ou meses porque não tem preço. Mas a população não

tem roupa e sabe que o tecido está lá.

— O milho chega à capital da Província e fica meses no armazém, à espera de ser decidida a sua distribuição. Dizem: «Estamos a estudar o preço!»... Mas a população tem fome.

— Outras vezes, é o arroz que fica a estragar-se nos armazéns, por falta de transporte. Mas os camiões circulam vazios.

— Quando chega a época de comprar a castanha de caju, os produtos para vender ao camponês não estão nos Distritos — estão armazenados na capital da Província.

• Encontrámos nos armazéns tecidos destinados à campanha de 1978 e depois dizem que a baixa de produção foi provocada pelo mau tempo... Não fizeram nada para trocar a castanha, mas dizem que foi mau tempo...

• Mas os responsáveis por isto são pagos por nós. Recebem salários do Estado.

• Nisso são pontuais. Nisso são dinâmicos. Se o salário atrasa uma semana, temos agitação.

— Não se agitam por verem a comida do Povo a apodrecer nos armazéns.

— Não se agitam para resolver os problemas da população.

• A população passou o Natal, passou as Festas sem vinho — mas o vinho existia nos armazéns.

• Vieram roupas para o Ano Internacional da Criança — grandes quantidades ficaram nos armazéns.

• Chegaram lâminas para a barba, graxa para os sapatos e muitas outras coisas de que a população necessita — mas não foram postos à venda.

Isto é organizado por quem? Pela rede do Povo.

• Por aqueles que tiram prazer do sofrimento do Povo.

• Por aqueles que se comprazem em ver crianças na bicha, ao sol ou à chuva.

• Por aqueles que ficam contentes quando o Povo não tem comida, não tem roupa, não tem calçado.

#### APIE

• Na habitação, encontramos a mesma situação.

Quando nacionalizámos os prédios dissemos:

• Em cada casa, em cada parede, em cada palmo de terra está o suor, está o sangue de um moçambicano.

Mas fomos entregar a defesa dessa conquista àqueles que queriam banhar-se no sangue do Povo! Entramos na APIE e o que é que encontramos?

— encontramos um covil de bandidos;

— um antro de corrupção, um centro de humilhação do Povo;

- encontramos uma base do inimigo para destruir as nossas conquistas;
- encontramos um centro difusor de boatos para denegrir a Revolução.
- A APIE está entregue a agentes, a lacaios dos antigos donos dos prédios,
  - entregue a boçais, a selvagens, a marginais que se comportam como porcos. Entregue a uma minoria de sanguessugas.
- Pusemos esses lacaios a administrar os prédios conquistados pelo Povo.
- E o resultado qual é?
  - prédios sem luzes
  - elevadores avariados
  - canalização entupida
  - torneira que deita água
  - infiltração de água no prédio
- O objectivo final é:
  - destruição dos prédios — são pagos para destruir, recebem salário para destruir
  - destruição das nossas conquistas
- A população procura casa e dizem: «Está ocupada.» Houve até alguém que foi lá e indicou um número de casa. Disseram que estava ocupada. Mas o número indicado era o número do cemitério... É verdade, essa está ocupada...
  - Mas eles têm 4, 5 casas
    - casas que transformaram em «boites»
    - casas que transformaram em «cabarets»
    - casas para alojar as suas amantes
    - casas para satisfazer os seus interesses mesquinhos, secundários e egoístas.
- A população procura casa e não encontra.
- Quando trabalhadores são transferidos, são obrigados a pôr uma cama na repartição porque na APIE dizem: «não há casa»
  - mas existem casas vagas.
- Os cooperantes ficam meses nos hotéis com as suas crianças, com as suas mulheres, porque não há casas em Maputo.
  - mas existem casas vagas.
- Tivemos de anular contratos com médicos, com engenheiros, especialistas de vários domínios, com técnicos competentes, por não termos lugar para os alojar.
  - mas existem casas vagas.
- O aluguer de casas torna-se uma forma de suborno, torna-se instrumento de compromisso.
- Responsáveis e trabalhadores da APIE não pagam renda.

— Não sabem o que é ser guarda, o que é ser servente.  
 — Ocupam casas, não pagam renda, e pensam que é um direito.

- Mobílias encontradas nas casas — as melhores iam mobilar as casas dos responsáveis da APIE.
  - outras eram oferecidas aos amigos;
  - outras eram vendidas particularmente;
  - as que ficavam, iam para o armazém, a monte, para se estragarem depressa.
- A APIE protegia e promovia a ocupação ilegal de casas. Eram eles a dizer: «Arrombe a porta e ocupe, que nós depois legalizamos.»
- Organizaram a ilegalidade, organizaram o caos, organizaram a anarquia.
- Nunca fizeram ficheiro das casas
  - para que não pudesse haver contróle;
  - para ser mais difícil detectar as irregularidades;
  - para esconder o roubo e a corrupção (mas o gato é gato e deixou o rabo de fora).
- Ocupantes legítimos eram expulsos, aqueles que pagam, cumprem bem os seus deveres, eram expulsos para darem lugar aos amigos e «compadres» dos senhores da APIE. «Compadres» e «comadres»! Quando há compadre há também comadre. E onde há compadres e comadres há afilhados também. Por isso consideraram-se donos da APIE, senhores da APIE.
- Foi isto que encontrámos na APIE.

#### DETA

Todos se queixam da DETA.

- queixam-se aqueles que têm que dormir à noite nos aeroportos para tentarem um lugar no dia seguinte;
- queixam-se aqueles que têm OK no bilhete e chegam ao aeroporto e não conseguem viajar;
- queixam-se aqueles que viajam de Lichinga e Pemba para Maputo, e não têm sequer uma refeição;
- queixam-se as mães que a bordo do avião não têm água para dar às suas crianças;
- queixam-se aqueles que têm de se apresentar no aeroporto três horas antes do voo.

Hoje, na DETA:

- não comemos nos aviões;
- não temos manta para nos cobrir;
- não há copos para servir refresco;
- não há uma chávena de chá, não há café;
- não há lenços para refrescar;
- não há sacos de enjoo;
- não há uma aspirina para uma dor de cabeça;
- não há almofadas para conforto do passageiro;

- não há berços para crianças;
- não há whisky, não há champanhe, não há vinho, não há cerveja, não há limonada, não há cigarros, não há perfume.

Que avião é este? É um camião? O camião ao menos tem estações para os passageiros comerem, não é verdade? Agora que camião é este? Sair de Roma até Maputo sem vinho, sem champanhe, sem whisky. As pessoas gostam de beber, gostam de comprar qualquer coisa. Gostam de comprar lembranças para os seus amigos. Não, não há na DETA! Que camião é este? Até o machimbombo expresso tem estas coisas. Agora que tipo de camião é este? O piloto sente-se bem neste camião? A assistente de bordo sente-se bem? Não, porque conhecem as regras internacionais!

#### Porquê?

- dizem que não recebem abastecimento;
- dizem que não têm mantas;
- dizem que o lenço para refrescar, o saco de enjoo, são luxo;
- dizem ser dificuldades do socialismo.
- Mas os aviões que vêm dos países socialistas têm vodka, brandy, rum...

#### • Mas o que vimos nos armazéns da DETA?

- perfumes e isqueiros de luxo;
- os melhores cigarros já estragados pela humidade;
- milhares de saquinhos de leite-creme para o café, o chá — tudo estragado;
- milhares de toalhas e lenços já em deterioração;
- peças para aviões da DETA que não eram levantadas;
- tapetes e alcatifas que não são levantados;
- centenas de peças de tecido para lardamento;
- centenas de fardas para trabalhadores e assistentes de bordo;
- mantas a serem cortadas para servirem de panos de limpeza.

#### • O que vimos na DETA foi a desorganização organizada

- foi o desprestígio da empresa;
- foi o desprestígio da República Popular de Moçambique;
- foi o conflito pessoal e o departamentalismo;
- foi a sabotagem planeada;
- foi todo um processo para liquidar a DETA.

### O INIMIGO INTERNO

Há pouco falámos da herança colonial.

Mas agora isto é nosso produto. Produto desta nova fase. Não podemos dizer que é produto do colonialismo.

Deixámos que uma minoria se infiltrasse nas nossas estruturas

- são uma minoria no Aparelho de Estado;
- são uma minoria nas empresas, nas fábricas,

cas, nos armazéns;

- são uma minoria nos Portos, nos Aeroportos, na DETA;
- são uma minoria nas Lojas de Povo, na APIE.

- São uma minoria de reaccionários, de agentes do inimigo que ocupam tarefas de Direcção e lugares de chefia.

Deixámos que os agentes do inimigo ocupassem posições-chave.

Esta é a nossa realidade actual

- é necessário encontrarmos a sua raiz;
- é necessário determinarmos as suas causas;
- é necessário detectar e punir os responsáveis.

Não é por acaso que estes problemas surgem em todos os sectores, em todas as Províncias.

Não é por acaso que eles aparecem como uma cadeia de problemas, ligados uns aos outros.

- não são questões isoladas
- não são problemas pontuais
- não são pequenas irregularidades

São o resultado de uma acção vasta. Acção com objectivos precisos:

- contra o processo revolucionário
- contra o poder popular
- contra a nossa independência económica
- contra a construção do socialismo em Moçambique

Não é por acaso que essa acção corresponde à propaganda feita pela «Voz da Quizumba».

É uma acção deliberada, organizada, coordenada e dirigida do exterior. A cabeça está fora! Cá dentro só temos o corpo, mas a cabeça está fora! Estes são simples executores. Simples instrumentos.

Estes são lacaios, cortados do exterior. São filhos abandonados, são filhos bastardos.

O inimigo actua no nosso País. Infiltrou-se e instalou-se. Ele está:

- em pontos estratégicos da nossa economia
- nos portos
- nos transportes
  - rodoviários
  - ferroviários
  - marítimos
  - e aéreos
- nas empresas
- nas fábricas
- nos hospitais
- nas lojas
- nos diversos sectores da nossa sociedade

#### O inimigo instalou-se

- nos sectores mais sensíveis do Aparelho de Estado
- nos Ministérios e nos Governos Provinciais

## Porquê?

- Porque alguns responsáveis se deixaram embalar por relatórios falsos

- Relatórios triunfalistas
- Relatórios que escamoteiam a realidade

- Porque alguns responsáveis são sensíveis à adulação

- sensíveis ao servilismo
- sensíveis aos lambe-botas
- sensíveis ao beija-mão

- Perderam a sensibilidade para os problemas do Povo.
- Ficam insensíveis às queixas do Povo.
- Comprometem-se.
- Perdem o martelo. Abandonam o leme.
- Perdem o controle. Não dirigem. Não exercem o Poder que o Povo lhes confiou.

Principalmente desde o III Congresso do Partido FRELIMO o inimigo passou a actuar a dois níveis:

- a partir do exterior, principalmente através das agressões criminosas do regime racista da Rodésia e da infiltração de bandidos armados;
- no interior, através dos seus agentes, lacaios, com o objectivo de, por dentro, impedir a realização dos objectivos traçados pelo III Congresso e destruir as conquistas populares. E destruir a solidariedade internacionalista de que somos objecto por parte dos países socialistas.

O seu alvo fundamental, ao nível interno, é o Aparelho de Estado, as estruturas que têm a tarefa de garantir a implementação das decisões do III Congresso.

A sua missão é desorganizar o nosso Partido e o nosso Estado Popular. A sua missão é instalar:

- a indisciplina
- o liberalismo
- a anarquia
- a corrupção
- o tribalismo
- o regionalismo
- o racismo

A sua missão é:

- promover a incapacidade e o desinteresse em resolver os problemas
- promover a incompetência
- promover e garantir a negligência
- deturpar sistematicamente as orientações
- o desprezo pelo Povo
- a insensibilidade para com os problemas do Povo
- o parasitismo
- o burocratismo

Os agentes físicos do inimigo infiltram-se no Aparelho de Estado. Quem são eles?

- são PIDEs
- os ANPs
- os GEPs
- os GUMOs
- os FUMOs
- os FICOs
- os POPOMOs
- os MOCONEMOs
- os Convergência Democrática
- os FRECOMOs
- os que fizeram o 7 de Setembro e o 21 de Outubro
- as comadres do Movimento Nacional Feminino
- são as madrinhas de guerra
- aqueles que foram preparados pelo colonialismo para os substituir, que ficaram cá como minas retardadas para explodir a longo termo.

Os grandes fugiram, mas ficaram os pequenos. Fomos condescendentes para com eles. E eles aproveitaram-se disso. Tomam a nossa bondade por fraqueza.

Agora surgem como encarregados de aplicar a nossa política.

- surgem como executores das decisões do Estado;
- aparecem revestidos do nosso poder;
- disfarçam-se utilizando a nossa linguagem;
- destroem os bens do Povo, os bens do Estado, as conquistas da Revolução — e nós ainda lhes pagamos salários. Coexistimos com eles.

Para desorganizar as estruturas do Aparelho de Estado, utilizam as mais diversas táticas.

- generalizam a indisciplina:
- procuram isolar os bons trabalhadores, através da calúnia e do boato;
- usam o populismo e o paternalismo para promover os incompetentes e incapazes;
- usam ultra-esquerdismo para minarem o exercício do poder;
- utilizam o amiguismo e o nepotismo para criarem a rede do comprometimento;
- instalam o suborno e a corrupção generalizados;
- usam o burocratismo para organizarem a lentidão na resolução dos problemas;
- utilizam o tribalismo, o racismo e o regionalismo para fomentarem a divisão;
- recorrem ao autoritarismo para disfarçarem a incompetência e impedir a discussão dos problemas;
- preservam e defendem os métodos de trabalho do Aparelho de Estado colonial, para impedirem que as nossas estruturas sejam revolucionárias.

A acção do inimigo concentrou-se em particular nas estruturas do Aparelho de Estado que estão mais ligadas ao desenvolvimento da nossa economia e à satisfação das necessidades do Povo. Os seus alvos principais:

- abastecimento do Povo
- habitação
- transportes
- saúde
- sectores produtivos

Um dos seus objectivos essenciais é impedir o Aparelho de Estado de dirigir a economia.

Por isso, a sua actuação dentro do Aparelho de Estado é subtil. Não surgem abertamente contra a nossa política. Executam-na na aparência, mas deturpam-na na realidade.

### ANÁLISE DA SITUAÇÃO

No III Congresso definimos a função social da actividade privada: do comércio privado, do agricultor privado, do industrial.

Depois da Independência, o nosso Estado interveio diversas empresas.

- para garantir o seu funcionamento
- para combater a fuga dos seus donos
- para combater a sabotagem que eles próprios desencadeavam
- para combater a fraude

Definimos a estatização dos sectores estratégicos da nossa economia.

Mas que verificamos hoje?

Houve um desvio esquerdista que levou o Estado a controlar:

- pequenas machambas
- pequenos negócios
- boutiques
- barbearias
- cabeleireiros
- sapatarias
- mercearias
- charcutarias
- cantinas
- pequenas lojas
- restaurantes, cafés, pastelarias, bares, salões de chá
- padarias
- talhos
- garagens e bombas de gasolina

Após a Independência, a fuga dos colonos levou à destruição da rede comercial no nosso País. Muitas lojas e cantinas foram abandonadas.

- Era necessário preencher rapidamente o vazio; nessa tentativa cometemos alguns erros.
- O Inimigo aproveitou as condições que lhe eram favoráveis neste sector. Utilizou o ultra-esquerdismo.
- Para levar comerciantes privados a fechar lojas;
- para multiplicar a abertura de Lojas do Povo;
- para criar nelas o parasitismo institucionalizado;
- para que a definição da função social do comerciante privado fosse negada.

Este desvio deu origem à actual situação das Lojas do Povo:

• Através das Lojas do Povo, o Estado encarrega-se directamente de vender tudo:

- agulhas
- botões
- alfinetes
- amendoim a escudo
- petróleo a quinhenta
- o lenço
- a capulana
- o quilo de arroz
- a garrafa de óleo
- a barra de sabão
- o corte de cabelo
- o arranjo das unhas

A transformação duma loja privada em Loja do Povo significava:

- Pôr o letreiro «Loja do Povo» na montra;
- vender a mercadoria que estava dentro da loja até acabar;
- manter a loja depois sem mercadorias;
- fazer defas focos de corrupção, centro de boçalismo.

Hoje as Lojas do Povo têm 7 mil empregados. Comportam-se como funcionários do Estado. Não têm a preocupação de servir o Povo, não têm a preocupação de vender mais e melhor, mas ganham seis contos, onze contos, até 18 contos.

- Enquanto o professor, que educa, que transmite o conhecimento científico, que liquida a ignorância, o obscurantismo, a superstição, o analfabetismo; o professor que nos abre os horizontes, que nos faz ver e conhecer o mundo, que tem à sua responsabilidade 200 alunos —, esse ganha 4, 3 contos e até menos.
- Enquanto o enfermeiro, que combate a doença que salva vidas, com dois anos, com três anos de curso, com 20 anos de serviço, ganha 7, 8 contos.
- Operários de sectores que produzem para a exportação, mineiros que produzem as nossas divisas, ganham salários ainda mais baixos que os empregados das Lojas do Povo.

Vamos pôr cobro a esta situação.

- É inadmissível. É desumana esta situação.

O Estado, hoje, tem empresas

- Para vender agulhas
- para fazer a barba
- para arranjar o cabelo das senhoras

Vamos acabar com isso! Devolver aos donos! Algumas senhoras já nem ficam nos cabeleireiros. Quando é fim do ano têm férias: vão para a Inhaca, para Pomene, mas não saíam naquele tempo em que eram donos desses estabelecimentos. Queriam ganhar! Agora, não. Têm o vencimento garantido de cabeleireira. Parasitas! Não tratam o cliente com delicadeza, nem se preocupam em arranjar os produtos para as nossas senhoras se sentirem bem. Já não! Os cabeleireiros cortam com canivetes os cabelos das pessoas, fazem a barba com canivete. Já não têm delicadeza.

O Estado paga salários a pessoas que não trabalham, não produzem.

Generalizou-se o parasitismo à custa do Estado.

- Generalizou-se o parasitismo à custa do suor do Povo.
- Encontramos o burocratismo — forma de sabotagem a nível do Aparelho de Estado.
  - Pedidos de importações essenciais arrastam-se meses e anos pelas gavetas das secretárias;
  - a fábrica paralisa, baixa a produção porque falta matéria-prima, porque falta uma peça. No entanto, os papéis necessários estão na gaveta da secretária.
- A acção do inimigo infiltrado no Aparelho de Estado, nos pontos estratégicos, nos centros nevrálgicos, é uma acção com objectivos precisos.

Pretende:

- Levar o Povo ao descontentamento generalizado contra o seu próprio Poder;
- Levar o Povo a pensar que o seu Governo é incapaz;
- Levar o Povo a combater o seu poder, a lutar contra si mesmo;
- Agitar o Povo, para transformá-lo em cavalo de assalto e o inimigo ser o cavaleiro.
- Actuam no sentido de deturpar e denegrir a imagem do socialismo que estamos a construir. Querem provar que o socialismo é uma coisa má.
  - Quando o Povo produz e a sua produção apodrece — dizem que é o socialismo;
  - O Estado tomou as empresas e elas não produzem — dizem que é o socialismo;
  - O Estado criou a COGROPA e ela não distribui os bens essenciais — dizem que é o socialismo;
  - Recebemos ajuda para apoiar as vítimas das calamidades naturais e os nossos armazéns transformam-se em calamidades — dizem que é o socialismo;
  - Negligência, esbanjamento, destruição de bens essenciais, falta de sentido de responsabilidade, incompetência — dizem que é o socialismo, que são características do socialismo;
    - Falta de interesse pela defesa dos bens do Povo — dizem que é o socialismo;
    - Gerir barbearias, cabeleireiros, táxis — dizem que é o socialismo;
    - Produzir sapatos sem atacadores, fazer o casaco com linha que destoa da cor do tecido, com maus acabamentos — dizem que é o socialismo;
    - Viver na bicha — dizem que é o socialismo.
- Foram ao ponto de ordenar a paragem das linhas de produção nas fábricas, dizendo: «O Povo não gosta disto...» Eu fui ver e

eram bonitos sapatos! Bonitos padrões nas fábricas, como a Textáfrica — agora produz coisas feias, porque é para o socialismo.

- Quiseram condicionar o gosto do Povo;
- Então encontramos tecidos com padrões iguais, padrões feios;
- Tecido para capulana é igual a tecido para vestido — é socialismo! Incapacidade deles!
- Pano para vestido é igual a pano para camisa — dizem que é socialismo;
- Pano para camisa é igual a pano para calça;
- Pano de forro é igual a pano de robe, é igual a pano de vestido ou de camisa — dizem que é socialismo, esses alfaiates!
- Já não há diferença, não há gosto — dizem que é o socialismo.
- Hoje, no desenho das capulanas, vemos o javali, o macaco, a palmeira, o coco...
  - Dizem que o Povo não gosta de flores, não gosta de cores bonitas...
- Fazem tudo em nome do socialismo. É sabotagem. É acção do inimigo.
- A acção do inimigo é uma acção global, interligada.
  - Ela tem por objectivo
    - afastar o Povo da Direcção
    - organizar a contra-revolução
    - fazer regressar o capitalismo
- O inimigo desafiou o nosso poder.
- Agora, que desencadeámos a ofensiva, ele procura organizar a contra-ofensiva.
  - Quadros honestos são ameaçados, agora nas fábricas;
  - Intimidam-se os trabalhadores bons, os trabalhadores conscientes;
  - Procura-se camuflar o grau da infiltração, o grau da sabotagem
    - Mercadorias foram levadas para armazéns clandestinos
  - Deturpam-se as orientações que demos no decurso da ofensiva;
  - Bandidos são avisados de que vão ser detidos, para poderem fugir.
- O inimigo sente que está a ser desalojado, sabe que está a ser detectado.
- Por isso, procura disfarçar-se melhor
  - Tenta desviar a nossa atenção das questões fundamentais;
  - Tenta pôr-se à cabeça da nossa ofensiva para poder desviá-la;
  - Lança campanhas de boatos e calúnias para transformar os quadros honestos nos alvos da ofensiva.

— Há Províncias em que o inimigo desafia abertamente o nosso poder.

- Intimida directamente o Povo;
- Prende aqueles que têm coragem de falar — esta não é nossa tradição. Nós somos o Povo, pelo Povo, para o Povo.

— Criam-se condições favoráveis ao inimigo quando:

- Se coloca o inimigo na direcção da APIE;
- Quando as empresas do Estado assumem a responsabilidade de vender agulhas, fósforos, pilhas, botões;
- Quando permitimos que os esquerdistas se instalem no sistema de abastecimento e o controlem;
- Quando aceitamos a bicha como uma coisa normal;
- Quando atribuímos ao inimigo a nossa própria passividade, a nossa desorganização;
- Quando perdemos a sensibilidade para com os problemas do Povo. Estão aí as condições para o inimigo agir.

— Criam-se condições favoráveis à acção inimiga:

- Quando não exigimos responsabilidades e não pedimos contas das tarefas atribuídas;
- Quando nos escudamos nas dificuldades dos outros;
- Quando pensamos que o Ministério, a Direcção Nacional, o Hospital, a fábrica, podem avançar sozinhos.

— Criam-se condições favoráveis à acção inimiga:

- Quando assumimos a tradição colonial-capitalista, de ficar comodamente sentados no gabinete a fazer despachos, só na base de papéis e informações;
- Quando assistimos passivamente à destruição dos bens do Estado;
- Quando ignoramos o sentimento do Povo, as críticas da população;
- Quando ficamos surdos ao apelo da voz justa do Povo;
- Quando perdemos a sensibilidade humana;
- Quando perdemos a sensibilidade de dirigentes;
- Quando perdemos o sentido do inimigo.

— Criam-se condições favoráveis à acção inimiga:

- Quando assistimos passivamente à indisciplina, à falta de pontualidade, ao desrespeito pelo Povo, à grosseria, à corrupção, ao roubo, ao suborno;
- Quando promovemos a incompetência e a incapacidade;
- Quando a negligência passa a ser modo de vida e organização.

— Criam-se condições favoráveis à acção do inimigo:

- Quando fazemos do imobilismo um modo de vida;
- Quando fazemos do burocratismo um método nosso;
- Quando permitimos que se fizesse da diluição do poder, da irresponsabilidade, um sistema de organização.

— Qual o resultado?

- Transformou a APIE em associação de malfeitores;
- Introduziu a desorganização e sabotagem nas estruturas do Estado;
- Utilizou o espírito de rotina para tentar impedir a inovação e camuflar a incompetência;
- Ameaçou os comerciantes para que eles deixassem de realizar a sua função social;
- Desviou a atenção das estruturas do Estado para pequenos negócios;
- Tentou transformar o hospital em centro de liberalismo, desleixo, falta de higiene e desprezo pelo Povo;
- Transportou para as fábricas a irresponsabilidade, a sabotagem, a indisciplina, o roubo, a desorganização;
- Transformou os portos, que deviam ser centros de dinamização da vida económica, em nós de estrangulamento, em centros de roubos, de desorganização, de destruição de produtos;
- Transformou os armazéns em cemitérios de produtos

- onde o milho apodrece
- onde o leite apodrece
- onde o sabão, as bolachas, a roupa, o calçado se estragam e perdem a utilidade

- Transformou a DETA num centro de desorganização e desprezo pelo público

- num centro de descrédito, num centro de desprestígio para o nosso Povo, para a RPM.

— Este método do inimigo não é novo

- Foi utilizado no Chile, para desorganizar a vida económica. Para preparar o caminho do golpe de estado fascista;
- Foi utilizado na República Popular do Congo, até ao assassinato do Presidente Marien N'Gouabi;
- Foi utilizado na República Popular de Angola para preparar o golpe contra-revolucionário dos fraccionistas. Por isso o método é velho, conhecemos.

### COMO VAMOS DESTRUIR O INIMIGO

- Nós vamos destruir o inimigo. O Povo está determinado. Ele é a força principal.

Temos as armas, vamos utilizá-las sem hesita-

ções. Não vamos combater com rebuçados. Não vamos combater com balas açucaradas, balas falsas. Vamos utilizar as mesmas balas que derrotaram o colonialismo português em Moçambique.

O inimigo é o mesmo! Pode ter cor preta, amarela, branca, o inimigo é o inimigo, o inimigo precisa do mesmo tratamento. E neste caso são as balonetas. Só temos pena porque a cabeça está fora! Queríamos a cabeça aqui dentro. Para a esmagar, pulverizar, cilindrar!

- \* Contra os implicados nesta situação utilizaremos a violência revolucionária.
  - \* Vamos tomar medidas rigorosas para esmagar a contra-revolução.
  - \* Vamos amputar o membro atingido pela gangrena.
  - \* Vamos desalojar o inimigo infiltrado no nosso seio.
  - \* Vamos cortar o cordão umbilical que os liga aos antigos patrões, se necessário com catana, com machado. Normalmente é com tesoura que se corta o cordão umbilical, não é verdade? Neste caso, catana ou machado.
  - \* Vamos ser implacáveis para com eles.
  - \* Vamos instalar no nosso seio uma disciplina de ferro.
- Imediatamente, sem vacilações.

Declaramos aqui solenemente guerra ao inimigo interno.

Em 25 de Setembro de 1964 declaramos guerra ao inimigo estrangeiro — o colonialismo português. Hoje, aqui, 18 de Março de 1966, declaramos guerra ao inimigo interno. E vamos limpá-lo até ao fim deste ano. Será limpo em toda a parte. Vamos varrer.

Não haverá tréguas. As nossas armas estão preparadas. O inimigo colocou-se à frente dos canos das nossas armas.

- \* Vamos disparar.

Este é um combate decisivo. É o combate da luta de classes. Não compartilhamos o poder com o inimigo.

- \* Aqui não haverá complacência. Não haverá condescendência, sentimentalismo.

Aqueles que toleram, protegem e condescendem, são cúmplices do inimigo, são nossos inimigos.

A Revolução é irreversível. Ela é o cilindro compressor que esmaga tudo à sua passagem para abrir e consolidar a larga estrada do Socialismo.

A Revolução é o Povo em marcha construindo o seu futuro, decidindo o seu destino.

Por isso, viemos aqui dizer:

— O nosso Aparelho de Estado está corrompido, está doente. Cheio de parasitas, alguns desses parasitas agarrados à pele e outros intestinais.

— É no Povo que encontramos a força. É no Povo organizado e dirigido pelo Partido FRELIMO que encontramos as soluções correctas.

Nós queremos o Socialismo.

- \* Queremos a felicidade, a prosperidade, o

bem-estar.

Vamos tomar medidas.

- \* Medidas radicais. Medidas profundas.
- \* Medidas para cortar o passo à marcha da contra-revolução.

Vamos definir as tarefas que todos devem executar.

Vamos ser implacáveis com:

- \* os indisciplinados
- \* os incompetentes
- \* os preguiçosos
- \* os negligentes
- \* os desleixados
- \* os corruptos
- \* os que praticam o burocratismo
- \* os que praticam a inércia
- \* os que cultivam o espírito de rotina
- \* os que desprezam o Povo
- \* os que desviam os bens do Estado
- \* os esbanjadores dos bens do Povo

Nos casos disciplinares, aplicaremos medidas de acordo com a gravidade da falta. Medidas severas.

- \* Nos casos graves, nas fábricas, aplicaremos a expulsão.
- Sem contemplações.

Outras situações constituem crime:

- \* roubo é crime
  - \* sabotagem é crime
  - \* negligência é crime
  - \* a mentira, a informação falsa que leva a soluções erradas, é crime.
- Devem ser punidos.

O responsável que deixa apodrecer no armazém o arroz, o milho, o leite, as pilhas, o feijão, tecidos, amêndoa de caju destinados à população, é um criminoso.

Chamamos: Negligência criminosa. É acção do inimigo. Deve ser punida.

- \* O operário que estraga a máquina por desleixo, comete um crime contra a nossa economia. Deve ser punido.
- \* O motorista que estraga o camião por má condução, por excesso de velocidade, comete um crime contra a nossa economia. Deve ser punido.

Crime não é só roubar ou matar.

A máquina, o camião, o tractor, o gerador, a máquina de soldar, o serrote, foram comprados com dinheiro produzido pelo Povo.

- \* Representam o suor do Povo, o seu sacrifício.
- \* São instrumentos essenciais na batalha da produção.
- \* Destruir esses instrumentos, por negligência ou desleixo, constitui um crime contra a economia.

**Crime contra a economia é crime contra os interesses do Povo.**

- Temos leis para punir esses crimes. Vamos aplicá-las.
- Temos o SNASP, temos as FPLM, temos as Forças Policiais, o Tribunal Militar Revolucionário, os Tribunais Populares. E vão funcionar.

### MEDIDAS A TOMAR

**Vamos tomar medidas.**

- no Aparelho de Estado
- nas fábricas
- nas empresas
- em todos os locais de produção

**Vamos implantar em todos os locais a disciplina de ferro.**

- Aprendemos durante a luta armada o valor da disciplina.

— Os nossos combatentes venceram porque eram disciplinados.

— O nosso Povo venceu porque assumiu o valor da disciplina.

— Foi com organização, disciplina e luta que vencemos o colonialismo.

— Foi com unidade, foi com trabalho, foi com vigilância que consolidámos e construímos o Poder Popular.

— É com trabalho, disciplina e organização que venceremos a batalha contra o subdesenvolvimento.

- Em primeiro lugar, vamos purificar as nossas fileiras, vamos limpar o Aparelho de Estado.

— Vamos varrer a nossa casa.

— Vamos passar a vassoura por todos os cantos da casa.

- Vamos começar pelo Aparelho de Estado, porque é o instrumento fundamental da política do Partido.

— O nosso Aparelho de Estado tem de se libertar:

- de todos os infiltrados
- de todos os indisciplinados
- de todos os incapazes
- de todos os preguiçosos
- de todos os negligentes

- O nosso Estado é um Estado de operários e camponeses, não é um Estado de inúteis, preguiçosos e reaccionários.

- Vamos dar a tarefa, a todos os Ministros, de fazerem a limpeza dos respectivos Ministérios.

— Cada Ministro deve, no prazo de três meses, assegurar que o seu Ministério é uma estrutura sã.

- O Povo tem a tarefa de participar nesta purificação.

— O Povo, mais uma vez, será o filtrador.

- Como nas eleições para as Assembleias do Povo;
- Como na Estruturação do Partido.

— O Povo deve:

- denunciar os infiltrados
- apontar os indisciplinados
- desmascarar os incompetentes
- atacar os arrogantes
- desalojar os malfeitores

— Vamos criar condições para a participação do Povo nesta tarefa.

• Em cada Ministério vai ser criado um Gabinete de Controlo e Disciplina, dirigido pessoalmente pelo Ministro.

• A população poderá dirigir-se directamente ou por carta a esse Gabinete.

— Deverá comunicar os casos de Infiltração, indisciplina e incompetência de que seja vítima ou que conheça.

• Todos os casos serão cuidadosamente investigados.

• Os resultados da investigação serão anunciados ou directamente às pessoas que alertaram para a situação, ou, quando se justificar, através dos órgãos de Informação.

- Este é um combate permanente e contínuo.

— Em todas as províncias, brigadas desencadearão um processo idêntico nos Governos Provinciais.

— Essas brigadas serão chefiadas por membros do Conselho de Ministros.

- O Povo é chamado a pronunciar-se sobre os trabalhadores do Aparelho de Estado. O Povo é a nossa força.

- Só deverão ser trabalhadores do Estado aqueles que reunirem as condições necessárias.

— Ser trabalhador do Estado antes de tudo é ser servidor do Povo.

— É uma honra e uma grande responsabilidade, ser trabalhador do Aparelho de Estado.

— Temos de ser exigentes.

— Só podem ser trabalhadores do Estado os que revelem:

- Patriotismo
- Disciplina
- Competência
- Honestidade
- Sentido de responsabilidade
- Respeito e cortesia no trato com o público
- Dinamismo e iniciativa
- Pontualidade
- Espírito de apreender
- Espírito criador

— São qualidades que devemos exigir de qualquer trabalhador para ser servidor do Aparelho de Estado.

- O Estado não pode ser o asilo dos inúteis e dos incompetentes.

— O Estado não pode ser o refúgio dos indisciplinados e dos corruptos.

- Para ser trabalhador do Aparelho de Estado é preciso fazer concurso.

— Para ser promovido no Estado, é preciso

fazer concurso.

- A qualquer cidadão deve ser reconhecido o direito de reclamação nestes concursos.
- Os critérios de admissão e de promoção devem ser rigorosos e objectivos. Devem estar fixados em normas e regulamentos.
- O Aparelho de Estado é o instrumento fundamental do nosso poder, do poder dos operários e camponeses.
  - \* Não podemos permitir que ele continue infiltrado e corrompido.
- \* É o Aparelho de Estado que tem de dirigir a economia.
  - É o Aparelho de Estado que tem de pedir contas às empresas pela execução do Plano, pelo cumprimento das metas.
  - É o Aparelho de Estado que tem de exigir eficiência, rapidez e qualidade em todos os sectores de actividade.
  - O Aparelho de Estado tem de ser, ele próprio, altamente eficiente, dinâmico e operativo.
    - \* Para podermos exigir a disciplina, temos que ser disciplinados.
    - \* Para podermos exigir a pontualidade, temos que ser pontuais.
    - \* Para podermos exigir a honestidade, temos de ser incorruptíveis.
- \* Transformemos o nosso Aparelho de Estado na arma fundamental para o combate ao subdesenvolvimento.

#### Ao nível das EMPRESAS

- \* Vamos exigir:
  - elevado grau de disciplina
  - alta pontualidade
  - alta qualidade dos produtos e dos serviços prestados
- \* Queremos que as fábricas atinjam a capacidade instalada.
- \* Queremos que as fábricas sejam melhoradas.

As empresas estatais e privadas, devem produzir lucros.

- \* Cada trabalhador tem de produzir:
  - o salário — pois assim se justifica que continue a ocupar o posto de trabalho
  - o lucro da empresa
- \* É com lucros assim obtidos que vamos reallzar os grandes projectos, as grandes obras para beneficiar toda a população:
  - que vamos construir novos hospitais
  - que vamos abrir novas escolas
  - que vamos fazer novas barragens, novas estradas, novas fábricas
  - que vamos melhorar a nossa vida
- O Estado não vai continuar a distribuir salários a pessoas que não produzem, a empresas que só produzem prejuízos.
- \* O dinheiro do Estado vem do Povo, é fruto do suor do Povo.

- \* O dinheiro do Estado não pode servir para pagar a inúteis e parasitas.

Outra questão central que detectámos nas empresas foi a questão da direcção. Encontrámos a direcção diluída, o poder disperso. Vamos dizer claramente:

- \* Ao nível de cada empresa, o poder é exercido pelo Director.
  - É o Director quem organiza, dirige e controla a produção.
  - É o Director quem decide.
  - É o Director quem tem autoridade para punir. É ele o responsável pela disciplina na empresa.
- \* O poder tem de estar concentrado, não pode ser dividido.
- \* É preciso acabarmos com os conflitos e a confusão de tarefas entre a Direcção e as outras estruturas da empresa.
- \* Cada estrutura tem a sua tarefa definida, tem a sua área de actuação.
- \* A tarefa central da Direcção, das outras estruturas e de todos os trabalhadores é assegurar que é cumprido o Plano de Produção da empresa.
- \* Todos devem empenhar-se em criar condições para o cumprimento das metas de produção, pois a batalha económica é o nosso combate principal.
- \* Ao Director pedimos contas pelo cumprimento do Plano.
- \* É ao Director que pedimos contas pela empresa.
- \* Nas grandes empresas, a Direcção deve ser devidamente estruturada. Então:
  - haverá uma definição clara de responsabilidades em cada sector;
  - haverá um correcto exercício de autoridade em cada área específica.
- \* Nas empresas, onde se justificar, deverá existir além do Director-Geral:
  - o director da produção
  - o director do aprovisionamento
  - o director do pessoal
  - directores por cada sector
  - chefes de secções e vários outros

Nos Portos, Aeroportos e nos Transportes em geral, encontrámos o mesmo problema da diluição do poder.

- \* Vamos tomar medidas para ultrapassar esta situação:
  - no Porto, deve haver um Director da confiança do Partido, ao qual se subordinam todas, repito, todas as estruturas que actuam no Porto.
  - O mesmo princípio deve ser aplicado nos aeroportos e em todas as estruturas dos transportes.
- \* O sector dos Transportes e, em especial, os Portos, assumem, neste momento, uma grande importância para a nossa economia.
- \* Com a libertação do Zimbabue, os nossos Portos e Transportes vão servir muitos países

da nossa zona. Isso constitui uma grande responsabilidade para o nosso país e será uma poderosa alavanca para o nosso desenvolvimento.

- Para isso, é necessário que os nossos Portos sejam altamente eficientes e operativos.
- Nestes sectores, vamos exigir alta disciplina.
- Vamos exigir que os nossos Portos sejam:
  - os mais eficientes
  - os mais funcionais
  - os mais organizados.

Ainda no domínio dos Transportes quero referir-me ao grave problema dos acidentes de viação.

- Encontramos a incompetência, a irresponsabilidade, a falta de brio profissional.
- Nas escolas de condução
  - Já não é preciso saber guiar para ter carta
  - Já não se ensina a conhecer o motor, a cuidar dos carros.
  - Vamos acabar com isto!
- Hoje os condutores já não sabem o que significa respeitar as normas de segurança e as leis de velocidade
  - destroem vidas humanas, todos os dias!
  - destroem bens do Povo,
  - conduzem a grandes velocidades, conduzem embriagados, conduzem como se transportassem gado ou lenha. Não respeitam os sinais de trânsito.
- Muitos condutores já não se preocupam em manter a sua viatura limpa e em bom estado de funcionamento.
  - Já não se preocupam com a verificação diária da viatura
  - limitam-se a pegar na chave, ligar o motor, pôr o motor em funcionamento e andar com a viatura até ela parar por avaria. Isto até o macaco pode fazer.
- Nas estradas, nas garagens, na sucata, encontramos centenas e centenas de carros destruídos. São muitos milhares de contos em divisas que o nosso Estado perde.
- Nas ruas vemos muros e postes de iluminação destruídos.
  - Na cidade de Maputo, só no ano passado, gastámos cerca de 2 mil contos na reconstrução de postes de electricidade, destruídos por viaturas.
- Nas ruas das cidades, já não se pode passear a pé tranquilamente, corremos o risco de ser atropelados em pleno passeio.
  - Nas cidades não é permitido ultrapassar a velocidade de 60 quilómetros por hora, mas conduz-se a 80, a 100 quilómetros por hora;
  - Fora das cidades não é permitido andar a mais de 80 quilómetros por hora, mas conduz-se a 120, a 150 quilómetros por hora.
- Isto é negligência criminosa.
  - É crime que vamos punir severamente:
    - As brigadas de trânsito serão reforçadas e terão orientações rigorosas

- para punir os criminosos do volante.
- Vamos exigir rigor na concessão de uma carta de condução.
- De imediato, vamos começar por reexaminar os condutores do Aparelho de Estado.

Os problemas de abastecimento que enfrentamos exigem medidas radicais.

- O nosso objectivo imediato é criar condições para que, ao nível das grandes cidades:
    - sejam distribuídos de forma justa e racional os produtos de primeira necessidade
    - seja eliminada a maior parte das bichas.
  - Para conseguirmos estes grandes objectivos, é necessário que todo o Povo participe no controle do abastecimento.
  - Cada trabalhador, cada família, deve receber uma parte justa dos produtos de primeira necessidade sem precisar de ir para a bicha.
    - Como vamos conseguir isto?
      - Temos a experiência das cooperativas de consumo organizadas. Sublinho, organizadas, onde cada membro se abastece através de um Cartão de Abastecimento.
      - Cada agregado familiar tem assim assegurada uma quota de produtos de primeira necessidade, correspondente ao número de pessoas que o constitui.
      - A distribuição é controlada através do Cartão de Abastecimento.
      - Criaremos condições para que cada família tenha cartão numa loja perto da sua casa e possa comprar aí o arroz, o açúcar, a farinha, o sabão.
        - Os comerciantes privados serão envolvidos neste processo.
      - Outros produtos poderão ser comprados em qualquer loja.
  - Assim vamos criar condições para que cada família receba uma parte justa dos produtos existentes.
  - Não vamos ainda eliminar todas as bichas, — mas vamos eliminar a maior parte delas.
  - Todos vão beneficiar com esta medida.
- O inimigo vai tentar desvirtuar esta medida, porque ela vai beneficiar o Povo.
- É preciso que o Povo esteja vigilante.
  - É preciso que o Povo participe com entusiasmo nesta tarefa.
  - Para implementar esta medida, temos de estar organizados. Temos de conhecer:
    - quantas pessoas moram em cada bairro
    - quantas casas há no bairro
    - quantas lojas
    - qual é a sua capacidade
    - quantas pessoas moram em cada casa
    - quantas pessoas trabalham em cada casa.
  - Só assim podemos planejar a distribuição correcta dos produtos para cada zona.
  - Vamos desencadear primeiro a nível de Maputo, Beira e Nampula, uma grande campanha de levantamento da situação que depois será estendida a outras cidades.
  - Formaremos brigadas populares em cada bairro, que irão percorrer casa por casa,

sabe quem lá vive, fazer ficheiro.

— Cada bairro deverá ter o ficheiro completo dos seus moradores.

— Qualquer pessoa nova que chegue ao bairro deve apresentar-se ao Grupo Dinamizador para ficar registada no ficheiro.

— Esta campanha será um passo fundamental no processo de organização das Cidades e Bairros Comunitários.

— Esta campanha vai nos permitir também detectar e neutralizar:

- os criminosos
- os marginais
- os vagabundos
- as prostitutas

Nesta campanha deverão engajar-se, enquadrando o Povo:

- as estruturas do Partido
- os órgãos do Poder Popular, as Assembleias do Povo
- as organizações democráticas de massas — OMM, OJM, ONJ, Conselhos de Produção
- os Grupos Dinamizadores dos bairros
- as Forças Populares de Libertação de Moçambique e as Forças de Defesa e Segurança

No processo de distribuição dos produtos deverão participar:

- as cooperativas de consumo
- os comerciantes privados

Através das suas estruturas, o Povo exercerá vigilância para impedir os desvios e os abusos.

Desde já, vamos acabar com os abusos e os privilégios nas bichas. Na bicha ninguém tem prioridade:

- Não há prioridade por ser do Grupo Dinamizador
- Não há prioridade por ser Milícia
- Não há prioridade por ser do Grupo de Vigilância
- Não há prioridade por ser das FPLM
- Não há prioridade por ser da Polícia Popular de Moçambique

O Estado não pode continuar a pagar salários a milhares de trabalhadores das Lojas do Povo, muitos dos quais nada produzem.

- As actuais Lojas do Povo deverão ser transformadas ou entregues
  - a cooperativas de consumo
  - a comerciantes privados
- Algumas deverão ser encerradas por não haver clientes, por não haver proprietários para alugar.
  - Vamos fazer um plano para transformar as Lojas do Povo.

• A actividade privada tem um papel importante a desempenhar no nosso País.

- Isto foi definido claramente pelo III Congresso da FRELIMO.
- O Estado não pode continuar a ocupar-se

de centenas e centenas de Lojas do Povo.

— O Estado não pode continuar a gerir pequenos negócios.

• O Estado deve ocupar-se com a direcção da nossa economia, com a realização dos grandes projectos de desenvolvimento.

— O Estado deve ocupar-se de dinamizar o processo das Aldeias Comunitárias, que permitirão acelerar o desenvolvimento do campo.

— Deve dirigir acções para o desenvolvimento da agricultura

• desenvolvimento das grandes culturas de rendimento.

Culturas que trazem divisas para o País (como o caju, o chá, o algodão, a copra, o sisal, o girassol...).

— O Estado deve ocupar-se da materialização dos grandes projectos de desenvolvimento dos Vales do Limpopo e Incomati, e da Angónia.

• Produzirão comida (arroz, milho, trigo, fruta, sumos, carne, leite, manteiga, queijo, hortícolas...).

• Produzirão empregos.

• Produzirão riqueza.

— O Estado deve ocupar-se com a construção das grandes barragens e regadios (Pequenos Libombos, Moamba, Mapai...).

— Deve ocupar-se da electrificação do País

• linha Centro-Norte

• electrificação do campo

— Deve aprofundar o conhecimento dos nossos recursos agrários, pesqueiros, mineiros

• fazer prospecções

• fazer a inventariação das nossas riquezas

— O Estado deve construir mais fábricas

• para produzir tecidos, calçado, electrodomésticos

• fábricas para produzir alfaias agrícolas, tractores, camiões, carrinhas

— O Estado deve criar a indústria pesada para vencermos o subdesenvolvimento.

• Criar:

— a indústria do papel

— a siderurgia do ferro e do aço

— a siderurgia do alumínio

— O Estado deve ocupar-se dos grandes sectores sociais

— da Educação

— da Saúde

— da Habitação

— da Justiça.

O Aparelho de Estado deve assegurar as condições para o aumento da produção e melhoria da qualidade dos produtos. Examinar bem os produtos que são produzidos nas fábricas. Deve assegurar que não faltem as matérias-primas ou os sobressalentes às fábricas essenciais ao nosso desenvolvimento e à produção para abastecimento do Povo.

Para isso, repetimos, o Estado não pode estar absorvido, não pode dispersar as suas forças com a gestão:

- da loja
- da cantina
- do bar
- da boutique

- da sapataria
- da pequena oficina
- da garagem
- do cabeleireiro, etc., etc., etc.

O Estado vai criar condições para apoiar os comerciantes, agricultores e industriais privados cuja actividade se enquadra nos nossos objectivos.

O Estado vai apoiá-los na sua organização e facultar-lhes os meios necessários para trabalharem.

Tenho recebido muitas cartas de moçambicanos residentes na Africa do Sul, na Suazilândia e na Rodésia, que querem saber se podem vir investir no comércio, nos restaurantes, agricultura e outras actividades.

Trata-se de moçambicanos patriotas, que querem contribuir para o progresso da sua Pátria. Estão à espera que o Estado os apoie e crie condições para o seu regresso.

E nós dizemos: bem-vindos! Compre lá e tragam! Compre carros na Africa do Sul, compre fogões e geléiras, compre toda a loiça, venham para cá e abram lojas, até supermercados de luxo, onde descalços não entramos. Rotos nesses restaurantes não entramos, com bebês nas costas não podemos sentar ali também.

Haverá hotéis de 1.º, de 2.º, de 3.º e se for preciso há de haver de 4.º também. É necessário. Haverá restaurantes de 1.º, de 2.º e de 3.º. Não é toda a gente que val lá. Mas o restaurante de luxo é uma necessidade, uma exigência. A Impecabilidade dos seus trabalhadores, a loiça que está lá é de alto valor, a qualidade das coisas que estão lá. Só um copo de cerveja custará 20 escudos, 30 escudos. Tem o ar condicionado, tem as luzes bem afinadas, não entram moscas ali.

Regressem. Vamos apoiá-los na aplicação das suas economias na agricultura, na indústria ou no comércio, para o desenvolvimento do nosso País.

**ZONAS VERDES**

Falámos do que encontramos nos armazéns. Daquilo que não era distribuído e ficava a estragar-se. Daquilo que não era vendido enquanto as populações sofrem nas bichas.

Mas agora que esses produtos estão a sair dos armazéns significa que as bichas vão desaparecer? Significa que temos os problemas resolvidos?

- Não. E vocês sabem que não é assim.

Nós perguntámos qual é a solução — e o Povo respondeu:

- A solução é produzir — foi isto que vocês me disseram nos vários encontros que tivemos durante esta ofensiva.

Onde é que vamos produzir?

- Nas zonas verdes.

Aqui em Maputo existia antes uma extensa zona verde. Eram os colonos que ali produziam. E quando eles abandonaram as machambas, a produção parou. O que é que devemos fazer? Temos terra para cultivar. Aqui no Infulene, em Marracuene, na Manhica,

em Matutuíne, em Boane, na Moamba, na Namaacha, onde antes estavam os colonos e lá produziam.

- Mão-de-obra teños.
- Nesta cidade de Maputo só uma minoria da população é que trabalha.
- O resto da população está nas bichas, nada produz.

Quando nós proclamámos a Independência, ocupámos os lugares dos colonos. Os lugares e os vencimentos. A maior parte dos operários, particularmente aqueles que vêm de Gaza, de Inhambane, particularmente os que vêm da Manhica, da Moamba, Matutuíne, Namaacha, Magude, tinham as suas mulheres lá. Tinham os filhos lá. Ganhavam 500 escudos. Como é que ia manter os filhos e a mulher aqui?

Tiveram aumento de vencimento e foram buscar a mulher para aqui, para vir ficar, foram buscar os filhos, já não estudam lá fora, vieram estudar aqui. Não satisfeitos com as mulheres e os filhos, foram buscar os irmãos, trouxeram para aqui. Não satisfeitos ainda, foram buscar a mãe, está aqui em Maputo. Não contentes ainda, foram buscar a sogra para vir aqui. Não contentes ainda, não satisfeitos, foram buscar os cunhados e as cunhadas para virem viver à custa de um homem só! Alguns são ministros e também fizeram isso! Foram buscar em Cabo Delgado, em Nampula, à Beira. Nas Forças Populares, na Polícia, basta ser comandante, prontos! Para mostrar que é "gente grande" tem de ter esse regimento em casa. Pelo menos um pelotão para ele poder mandar. Pelo menos assim tem autoridade no serviço, onde é chefe, e quando volta para casa também é chefe, tem lá um pelotão!

Vamos acabar com isto! Todos fizeram isto. Cabo Delgado, Niassa, Tete, Zambézia, Nampula, Sofala, Manica, Inhambane, Gaza, Maputo — todos fizeram isto. Por isso Maputo está cheio! A comida não chega!

São os que produziam o milho que vieram para aqui. A mandioca que vinha para aqui; o feijão, a pesca, uma série de coisas, eram eles que produziam. Agora não produzem, vieram ficar aqui. Mas vocês querem comer.

- A Independência significou descerem para a cidade!
- Portanto, mão-de-obra temos!
- Primeiro são aqueles inúteis que estão no Aparelho de Estado. Vamos reduzir o pessoal em todos os Ministérios, em todos os sectores. Vamos estabelecer um número certo, o resto vai à produção!
- Depois vamos às empresas: os preguiçosos e indisciplinados vão para a produção. Alguém nos trava, foi por isso que eu aqui perguntei: O exército está pronto para nova batalha? A batalha não é somente contra aqueles que andaram a sabotar, é também contra os preguiçosos, marginais, criminosos, vagabundos. Há famílias com vinte pessoas, mas quem trabalha é uma pessoa só. E são aditos! A quantidade do que comem é grande.

O que é que precisamos então?

- Vamos dar enxada e tractor a esta gente desempregada, e subempregada para produzir,

- no vale do Infulene

- na Manhica
- em Matutine
- na Moamba
- na Namaacha

De todas estas zonas vinha dantes o tomate, a cebola, o repolho, a batata, o arroz, o milho, o feijão, a mandioca, a alface, a banana, tudo aquilo que esta cidade consumia. É isto mesmo que vamos produzir.

Dessas zonas vinha a carne, o leite, os frangos, os coelhos e os porcos.

Vamos produzir tudo isso de novo.

O Estado vai apolar através do Banco.

Concederemos empréstimos para aquisição dos meios de produção: tractores, enxadas, sementes, fertilizantes.

Não os abandonamos. Mas não queremos que vivam como piólhos, que vivam como gafanhotos!

Vamos rever os preços dos produtos de forma a que o produtor seja beneficiado e tenha interesse em produzir cada vez mais.

Alguns agricultores vieram dizer-me: «Sr. Presidente, nós vamos abandonar a machamba. O pesticida custa muito dinheiro, o fertilizante custa muito dinheiro, os adubos custam muito dinheiro, os cuidados necessários custam muito tempo e o preço não compensa. É melhor abandonarmos a produção». Por isso, é preciso revermos os preços dos produtos.

Desta forma vamos acabar com a falta daqueles produtos que sempre foram produzidos nesta região

- Produtos que por vezes somos obrigados a importar.

Aqui nos arredores da cidade existem muitas quintas onde dantes os colonos produziam legumes, fruta, criavam pequenas espécies. Significa que houve investimento para criar infra-estruturas,

- poços, coelheiras, pocilgas, capoeiras, bombas de água.

É o caso da Matola, Machava, Benfica, Mahotas, Catembe.

Com a debandada dos colonos e a nacionalização do parque imobiliário, essas quintas passaram a ser arrendadas a moçambicanos.

Hoje essas infra-estruturas estão em abandono, o capim cresce pelos quintais e pelos jardins. O inquilino limita-se a habitar a residência. Não aproveita o poço, a coelheira, a bomba de água.

Vamos rever esta situação.

- Aqueles que ocupam as residências têm que aproveitar integralmente as condições que lá existem.
- Se não, têm que abandonar.
- Vamos arrendá-las àqueles que forem capazes de as aproveitar.
- Esta é também uma forma de valorizar as nossas conquistas.

Mas no centro da cidade não queremos machamba. Não queremos machamba de cacana, de feijão cafre, feijão branco, não queremos machamba de mandioca, de milho, de amendoim, não queremos machamba de batata doce, não queremos machamba de nadal

No centro da cidade queremos jardins e parques infantis, queremos flores que a embelezem, queremos beleza.

- Queremos árvores bem tratadas, bem podadas.

Estamos aqui mas a orientação é para todo o País: Não queremos que as árvores sejam assassinadas, como fazem com catanas e machados dentro da cidade. Devemos podar com tesouras especiais as árvores da cidade. Está aqui o Governador de Maputo, o de Nampula e os outros estão a ouvir neste momento. Andam a fazer assassinato das cidades, assassinato de árvores. Árvores são o pulmão da cidade, a cidade respira através destas árvores.

Na presente ofensiva, detectámos 3 categorias de pessoas que deverão ser integradas na produção nas zonas verdes.

— Primeira categoria: os criminosos que estão neste momento detidos. Para estes, trabalho duro.

- São elementos que roubaram o Estado

- que deixaram apodrecer os produtos do Povo;
- que cometeram diversos crimes.

- Não queremos manter esses criminosos na prisão, comendo a comida que o Povo produz. Serão julgados, condenados e mandados para os campos de produção.
- Vamos mandá-los produzir:

- primeiro produzir o seu próprio sustento;
- segundo, indemnizar o Povo daquilo que roubaram.

Não vão para o Niassa. Vão ser instalados aqui em Maputo, estarão aqui em Maputo. Serão guardados pela tropa. Cinco, seis anos, até produzirem o dinheiro que roubaram! Até indemnizarem o produto que deixaram apodrecer. Esta é a primeira categoria para a zona verde.

— Segunda categoria: trabalhadores subempregados, trabalhadores improdutos.

- Vimos durante esta ofensiva, que muitos trabalhadores não produzem o seu salário:

- vimos a Loja do Povo vazia mas com 20 empregados que nada fazem;
- vimos a padaria que antigamente tinha 10 trabalhadores e hoje tem vinte, para produzir metade do que produzia;
- vimos empresas com excesso de trabalhadores que nada produzem. Levantam salário no Banco;
- vimos no Aparelho de Estado servente que não têm nada que fazer. Só para fazer chá para o chefe tomar.

- Vamos acabar com esta situação.
- Dinheiro do Banco é dinheiro do Povo.

— Não pode servir para pagar:

- a inúteis
- a preguiçosos
- a bêbados
- a faltosos
- a desleixados
- a indisciplinados
- aos que praticam a vagabundice

— Terceira categoria: desempregados e marginais.

Na sociedade nova que estamos a construir, só tem direito a comer quem trabalha.

Quem não produz não tem direito a salário.

Não podemos permitir que os parasitas continuem a sugar o nosso sangue.

Vamos criar condições para todos esses elementos produzirem.

Vamos entregar-lhes terra e tractor.

O Banco de Solidariedade vai conceder empréstimos

- Estabeleceremos as normas para o seu reembolso.

Eles vão produzir para pagar.

Vão produzir para terem o direito de comer.

Assim vão poder organizar as suas famílias, ter alojamento decente, educação para os filhos, assumir a sua responsabilidade de chefes de família.

## CONCLUSÃO

A ofensiva que agora iniciámos é o início de uma nova guerra.

- Guerra contra o subdesenvolvimento;
- Guerra pela edificação de uma sociedade avançada no nosso País;
- Guerra que nos permitirá fazer de Moçambique um País forte, desenvolvido e próspero;
- Um País onde cada moçambicano tenha

- trabalho
- boa alimentação
- assistência médica adequada
- educação correcta
- habitação condigna

- Um País onde floresçam a liberdade, a dignidade e o amor entre os homens.
- Um País onde os nossos filhos possam crescer saudáveis e felizes.

- Foi por estes objectivos que o nosso Povo lutou desde sempre;
- Foi por estes objectivos que de novo aceitámos sacrifícios;
- Foi por estes objectivos que tomaram os melhores filhos do nosso Povo.

O combate agora desencadeado é o prolongamento da Luta Armada de Libertação Nacional. Também nesta fase teremos Heróis:

- Heróis da produção
- Heróis da disciplina

- Heróis do estudo
- Heróis do combate ideológico
- Heróis da construção do Socialismo

Mas haverá também traidores e vacilantes.

Durante a presente ofensiva já detectámos alguns.

A purificação permanente das nossas fileiras não é apenas uma questão de princípios:

- É uma exigência do combate, é uma condição para a vitória.

Vimos que ainda transportamos uma grande carga impura.

Isso não nos surpreende: acontece sempre assim nas fases de crescimento da nossa luta.

Quando há cheias no Limpopo, o rio cresce impetuosamente e arrasta consigo as impurezas, a água fica turva com a sujidade que vem das montanhas.

Mas quando a cheia acaba, a sujidade fica depositada nas margens, o leito do rio fica limpo e a água volta a correr cristalina.

A cheia fertiliza a terra, o arroz volta a crescer vigorosamente, e o rio retoma a pureza das suas águas.

Também é assim a nossa Revolução.

Sairemos desta batalha mais fortes e revigorados, depois de nos libertarmos da carga impura.

No próximo mês vamos iniciar as eleições para as Assembleias do Povo ao nível do Distrito, da Localidade, da Cidade.

- Façamos das eleições

- um momento de prestação de contas;
- um momento de engajamento dos nossos deputados;
- uma ofensiva de organização;
- uma ofensiva contra a irresponsabilidade, a rotina, a desorganização.

Operários, camponeses, soldados, intelectuais revolucionários, trabalhadores de todos os sectores, cidadãos da R.P.M.

- Entrámos numa fase decisiva da luta pelo desenvolvimento da nossa Pátria socialista.

- Esta fase será uma fase de luta de classes aguda
- de um lado, a esmagadora maioria dos trabalhadores moçambicanos, que querem o socialismo
- do outro lado, um punhado de burocratas, de agentes do inimigo.

- A nossa determinação, a certeza da nossa vitória, a certeza da vitória do socialismo são invencíveis:

- Sallentamos aqui com particular relevo:

- A alegria dos trabalhadores das fábricas que visitámos e que é a expressão do sentimento de todo o Povo;

- O seu vigor na denúncia dos reaccionários;
- A sua determinação em cerrar as fileiras da nossa unidade;
- A sua determinação de produzir mais e melhor, a sua determinação de defender a fábrica;
- A sua determinação de fazer do socialismo a bandeira vermelha que cobrirá o nosso País de felicidade e alegria cada vez maiores.

A ofensiva que desencadeámos é a ofensiva de todos os trabalhadores moçambicanos

— dos operários das fábricas

— dos camponeses

— É a ofensiva de todos os trabalhadores moçambicanos para liquidar:

- uma minoria de agentes infiltrados, que quer destruir a nossa revolução;
- uma minoria de reaccionários que quer que o nosso País deixe de ser dirigido pela classe operária;
- Uma minoria de agentes infiltrados que quer destruir as conquistas revolucionárias da aliança operário-camponesa;
- uma minoria de reaccionários que quer devolver o nosso País ao capitalismo, ao colonialismo, à opressão, à humilhação, à pobreza, ao racismo, à divisão, à dependência do imperialismo;
- uma minoria de reaccionários que quer conservar os seus privilégios, que quer manter como sistema a fome, a nudez, a pobreza, a miséria, que quer manter o Povo nas bichas;
- uma minoria de reaccionários que quer que o nosso País deixe de ser uma sólida base de apoio à justa luta dos povos oprimidos.

Saudamos todo o Povo, do Rovuma ao Maputo que:

- soube fazer da ofensiva uma onda impetuosa que vai destruir o punhado de contra-revolucionários;
- soube distinguir a acção do inimigo das nossas insulsiências.

Saudamos em particular os operários moçambicanos

- nas fábricas
- nos portos e caminhos de ferro
- nas machambas, nas empresas agrícolas
- nas minas
- nas empresas

Saudamos a sua determinação firme em manter alta a vigilância revolucionária.

Saudamo-los porque mantêm sempre alta a chama da Revolução;

a chama que desmascara e aniquila sempre a meia-dúzia de reaccionários internos — os parasitas (piolhos, percevejos, pulgões, cãrrças), os sanguessugas — que querem fazer do nosso corpo uma base de exploração dos seus patrões colonialistas e capitalistas.

Saudamos as gloriosas Forças Populares de Libertação de Moçambique, braço armado do Povo; saudamos as Forças de Defesa e Segurança

- a sua tarefa principal continuará a ser a defesa intransigente e a consolidação contínua das conquistas revolucionárias do nosso Povo;
- lado a lado, com os trabalhadores moçambicanos, as Forças de Defesa e Segurança demonstraram mais uma vez que não são um exército exclusivamente de caserna;
- demonstraram mais uma vez, durante a presente ofensiva, que mantêm viva a sua tradição: a tradição de ser um Exército com espírito de trabalho árduo, espírito de trabalho duro, engajado no combate, no estudo, na produção.

O nosso Povo vai vencer o subdesenvolvimento. O nosso Povo quer a Revolução e vai fazê-la. O nosso Povo quer o Socialismo. E construiremos.

Não podemos avançar infiltrados.

Por isso estamos a vaffer a nossa casa. Vamos continuar a varré-la.

Ataquemos continuamente o inimigo infiltrado. Desmascaremos, desalojemos o inimigo das posições que usurpou.

Vamos criar condições para a vitória sobre o subdesenvolvimento.

Construiremos o socialismo na República Popular de Moçambique.

**A REVOLUÇÃO VENCERÁ!  
O SOCIALISMO TRIUNFARÁ!  
A LUTA CONTINUA!**

(De: "Noticias", Maputo, 1980-03-22)

Não estamos a corrigir um sistema nosso

A PRESENTE OFENSIVA É CONTRA O SISTEMA DEIXADO PELO  
COLONIALISMO

-presidente Samora Machel, na Conferência de Imprensa concedida à Informação internacional

"A ofensiva iniciada na República Popular de Moçambique é uma parte da luta contra o sistema deixado pelo colonialismo"- disse o Presidente Samora Machel durante a conferência de Imprensa concedida ontem em Maputo, tendo prosseguido:

«É a continuação da luta armada de libertação nacional. Então, era a luta contra o colonialismo fisicamente instalado em Moçambique — ao nível económico, político, cultural, administrativo e das mentalidades

«A nossa ofensiva não é para corrigir um sistema nosso, para corrigir o sistema que escolhemos como via para o nosso desenvolvimento. Não está em contradição com a nossa política. A nossa ofensiva é contra a estrutura deixada pelo colonialismo — contra as ideias, a mentalidade e os métodos de trabalho».

Mais adiante, o Presidente Samora Machel disse:

«Em fevereiro de 1976, nós declaramos guerra ao Aparelho do Estado colonial. Primeiro, estruturámos o Partido, o que significa a consolidação da nossa política ao nível popular, e elegemos as Assembleias do Povo, que representam o exercício do poder pelo Povo. O Povo não precisa da burocracia. O Povo realiza, e a sua teoria é a síntese da prática.

«O que estamos a fazer agora é combater o burocratismo, a negligência, o individualismo, a arrogância, o liberalismo. Repito:

Não estamos a corrigir o nosso sistema. Estamos, sim, a destruir o sistema deixado pelo colonialismo em Moçambique, para instalarmos não só um novo método de trabalho como uma nova concepção do que é o Aparelho de

Estado. A burocracia impede a participação popular — por isso a combatemos».

**SÓ HÁ UM MARXISMO**

Uma jornalista da Televisão dinamarquesa perguntou como se caracterizará a via original moçambicana para o socialismo.

«Não podemos falar de originalidade» — respondeu o Presidente Samora Machel. — «Só há um marxismo. É uma ciência. Não há marxismo africano, latino-americano ou asiático. Há um único marxismo, e quando falamos de marxismo falamos de uma teoria que deve ser aplicada às condições específicas de cada região, de cada país». O Presidente Samora Machel prosseguiu:

«O marxismo, no nosso país, é o produto da guerra de libertação nacional. Não proclamámos o marxismo depois da independência. A guerra, no seu processo de desenvolvimento, transformou-se numa guerra popular revolucionária. E foi ela que permitiu que a Frente de Libertação de Moçambique se transformasse num Partido marxista-leninista».

«Alguns pensam que a política socialista de Moçambique é produto de um pequeno grupo. Queremos dizer que não é assim. O grupo faz a síntese das aspirações, a síntese da prática. Não foi um pequeno grupo que fez a guerra popular em Moçambique. Foi todo o Povo».

Noutro ponto da sua resposta, o Presy-

dente Samora Machel salientou que as condições para a construção do socialismo em Moçambique são favoráveis. No entanto, em muitos países europeus não se acredita que seja possível construir o socialismo em Moçambique. Porquê?

«Porque construir o socialismo exige inteligência, e eles acham que os pretos não são inteligentes. Não acham possível, porque o africano acredita nas forças sobrenaturais, acredita na superstição. Então perguntam: Como é possível construir o socialismo em Moçambique? E dizem que construir o socialismo seria, para os moçambicanos, destruir a sua personalidade, adoptar uma teoria estrangeira» — disse o Presidente Samora, acrescentando:

«Mas o marxismo não é uma teoria estrangeira, é o desenvolvimento da ciência em benefício das classes desfavorecidas, enquanto que a filosofia capitalista visa beneficiar um punhado. Por isso o Povo identifica-se com a nossa filosofia, com a nossa política. A nossa política resulta da prática, do conhecimento profundo que temos do nosso Povo. Sabemos o que o nosso Povo quer. Não quer o capitalismo, não quer ser explorado, não quer ser discriminado. Quer a paz, quer o bem-estar.

#### O ESTADO E A ACTIVIDADE PRIVADA

Um jornalista brasileiro colocou a seguinte questão: Será que o papel atribuído à actividade privada representa uma revisão da teoria marxista por parte da FRELIMO? O Presidente Samora Machel respondeu:

«O fundamento essencial do marxismo-leninismo é a resolução dos problemas de um país, de um Povo — é aí onde se aplica o marxismo. Fazer a análise desses problemas e como resolvê-los. O segundo aspecto é o internacionalismo. A teoria marxista dedica a sua maior parte ao desenvolvimento económico, ao progresso e à paz. A luta contra a exploração do homem pelo homem, à luta pelo estabelecimento do poder popular.

«No nosso país, estamos agudizando a luta de classes para liquidar a exploração. O marxismo define o princípio de «a cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas capacidades». O marxismo não promove preguiçosos, não produz parasitas. O que estamos a fazer é seguir as directrizes traçadas pelo III Congresso da FRELIMO, estamos a materializá-las».

«O marxismo não diz que o Estado deve ocupar-se de vender agulhas e alfinetes, ovos e couves no mercado. O papel do Estado é ocupar-se dos grandes projectos, da direcção da economia».

#### O PARTIDO DIRIGE A OFENSIVA

O correspondente em Maputo da agência ADN, da República Democrática Alemã, perguntou: De que forma está o Partido FRELIMO a dirigir a presente Ofensiva Política e Organizacional?

O Presidente Samora Machel respondeu:

«O Partido dirige o Estado e a Sociedade. O comício do dia 18 foi convocado pelo Partido, para explicar à população que o Governo estava a cometer desvios às suas orientações. O Partido dirige e controla de perto a actividade do Governo, acompanha-a passo a passo.

«A seguir ao comício, reuniu-se o Comité Político Permanente para tomar medidas, e tomou-as. O Comité Político Permanente estudou também as formas de implementar as medidas anunciadas para transmitir ao Governo orientações nesse sentido».

#### OS GRANDES PROJECTOS PORÃO TERMO ÀS BICHAS

A uma pergunta sobre as bichas que ainda se encontram nas nossas cidades, o Presidente Samora Machel respondeu:

«As bichas não podem continuar por muito tempo. O nosso país é rico do ponto de vista agrícola e dos recursos minerais. O que é necessário é definir e organizar os grandes projectos que permitam utilizar a mão-de-obra que nós temos e que neste momento vai para a África do Sul trabalhar nas minas de ferro ou de carvão. Encontrámos lá moçambicanos na siderurgia, nas grandes fábricas de artigos electrodomésticos, na indústria de construção. Os homens estão lá e as mulheres estão cá — são elas que estão na bicha.

«Frutos e outros produtos agrícolas são produzidos por moçambicanos na África do Sul, e nós aqui somos obrigados a importá-los. Quando toda esta mão-de-obra ficar a trabalhar em Moçambique, não haverá mais bichas. Pensamos que os grandes projectos, especialmente os agrícolas, resolverão o problema das bichas.

«Até aqui, a nossa preocupação é resolver os problemas de fundo: criar uma unidade

nacional sólida, destruir o tribalismo e o racismo, a discriminação racial, que atrasaram o nosso País. A preocupação do nosso Partido e do nosso Governo é o bem-estar social, é criar postos de trabalho para todos. Não pensamos resolver problemas económicos através de slogans ou de comícios».

#### UMA REVOLUÇÃO CULTURAL?

Um jornalista português colocou a questão se a presente ofensiva política e organizacional no nosso País se podia considerar uma revolução cultural. O Presidente Samora Machel respondeu:

«Não é uma revolução cultural. Para fazer a revolução cultural, não é preciso desencadear uma campanha. A revolução cultural é um processo integrado, geral, global». Prosseguiu:

«Fomos muito claros. O Aparelho de Estado está infiltrado. Estando infiltrado, deturpa todas as orientações que o Partido traça. Estando infiltrado, serve os interesses dos nossos inimigos, não serve os interesses do Povo.

«O nosso Aparelho de Estado está corrompido, está a transformar-se num refúgio de inúteis. Está doente, precisa de tratamento. Precisa de oxigénio. Esta campanha significa purificação, valorização daqueles que têm qualidades para servirem no Aparelho de Estado. Significa disciplinar o Aparelho de Estado para ele ser o instrumento fundamental da direcção da economia nacional».

#### O PAPEL DE MOÇAMBIQUE NA LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE

Uma jornalista da «Afrique-Asie» pediu ao Presidente Samora Machel que falasse do papel desempenhado por Moçambique na libertação do Zimbabue. O Presidente da R. P. M. disse a este propósito:

«O nosso papel foi ser a base para a luta no Zimbabue. Foi um papel importante mas não decisivo. Papel decisivo desempenharam as forças combatentes do Zimbabue. A força decisiva foi o Povo do Zimbabue. E, a seguir, a solidariedade internacional, o apoio internacional.

«Moçambique simplesmente cumpriu o seu dever internacionalista, que era fazer da luta do Zimbabue a luta de Moçambique. Moçambique foi a base, aplicou as sanções decretadas pela comunidade internacional, participou

em todas as cimeiras de chefes de Estado da Linha da Frente na procura da solução, participou na conferência de Lancaster House, assistiu ao processo eleitoral. Foi este o nosso papel».

#### APOIAMOS O AFGANISTÃO

Na parte da conferência de imprensa dedicada a questões internacionais, um jornalista português perguntou se a posição assumida pela República Popular de Moçambique relativamente ao Afeganistão não representava um desvio em relação à nossa política de não-alinhamento.

O Presidente Samora Machel respondeu que, ao tomar aquela posição nas Nações Unidas, agimos de acordo com os nossos princípios. Da mesma forma que apoiámos quando Angola pediu apoio exterior contra a invasão sul-africana, apoiámos agora quando o Afeganistão pediu o apoio soviético e este lhe foi dado.

«Apoiámos o Afeganistão e não a União Soviética» — salientou o Presidente Samora Machel, perguntando por sua vez:

«Por que se fala tanto do Afeganistão e não se fala, por exemplo, das intervenções armadas francesas em vários países africanos?»

#### O FUTURO DA LINHA DA FRENTE

No próximo dia 1 de Abril os países da Linha da Frente estarão reunidos em Lusaka para discutirem o seu futuro — anunciou o Presidente Samora Machel em resposta à pergunta do correspondente em Maputo dos «Cadernos do Terceiro Mundo» sobre qual seria o futuro da Linha da Frente, agora que terminou a guerra no Zimbabue.

O Presidente Samora Machel acrescentou que, do apoio à luta armada, a Linha da Frente passará ao combate económico, pois o seu objectivo final foi sempre a libertação económica.

Revelou também que no encontro de Lusaka deverão participar, além dos cinco países da Linha da Frente, o Lesoto, a Suazilândia e o Malawi.

## A QUESTÃO SUL-AFRICANA

— Tendo em vista o papel desempenhado por Moçambique no Zimbabwe, irá a R. P. M. desempenhar o mesmo papel em relação à África do Sul? — foi a questão colocada por um jornalista sul-africano, tendo o Presidente Samora respondido:

«Os problemas da África do Sul são problemas internos, contradições internas, do próprio sistema. Nós reconhecemos a África do Sul como um país independente, mas condenamos a sua política de «apartheid». Todo o mundo a condena.

«A luta de libertação não pode ser conduzida de fora. A História mostra isso. A China libertou-se e não foram preciso reforços de fora. A Rússia teve uma luta interna e transformou-se na União Soviética. Não foi preciso uma força exterior. Hoje, assistimos às contradições na África do Sul, onde uma minoria oprime a grande maioria da população...».

## Renascemos mais fortes agora que a guerra terminou

«Quando aplicámos as sanções à Rodésia, alguns disseram que seriam o colapso para Moçambique. Mas estamos mais fortes agora. Renascemos mais fortes agora que a guerra terminou» — disse o Presidente Samora Machel, em resposta à pergunta de um jornalista, durante a conferência de Imprensa ontem concedida em Maputo.

O dirigente máximo moçambicano frisou que houve estagnação na nossa economia, durante estes quatro anos, mas que, em contrapartida, se consolidaram importantes conquistas políticas.

«Consolidámos a unidade nacional e destruímos o racismo. Isto constitui uma base para avançarmos» — acrescentou o Presidente Samora Machel, salientando que, neste momento, o combate fundamental é o combate económico, a luta contra o subdesenvolvimento. «Isto exige a liquidação da fome, da nudez, da ignorância, do analfabetismo, do obscurantismo».

O Presidente Samora Machel respondia à pergunta formulada pelo representante em Maputo da agência soviética TASS, sobre os futuros passos a dar pela República Popular de Moçambique na sequência dos grandes avanços já registados desde a Independência. O nosso dirigente máximo disse também que, nesta nova fase, desenvolvemos as nossas relações com outros povos mais avançados, «num pé de igualdade, de igual para igual», como frisou.

(De: "Noticias", Maputo, 1980-03-23)

Tal como nos libertámos da opressão

TEMOS DE LIBERTAR OS NOSSOS PAÍSES DO ATRASO ECONÓMICO  
EM QUE SE ENCONTRAM

-Discurso do Presidente Samora Machel na abertura da Cimeira

Ao abrir a reunião dos Chefes de Estado de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, o Presidente Samora Machel proferiu o seguinte discurso:

A República Popular de Moçambique, seu Povo, Partido e Governo, sentem-se honrados com a presença amiga dos representantes máximos dos Povos, Partidos e Governos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Sejam bem-vindos a esta terra libertada, sejam bem-vindos a esta trincheira da luta anti-imperialista no nosso continente.

Esta segunda cimeira dos nossos Estados realiza-se sem a presença física daquela que foi o seu grande impulsionador e dirigente querido dos nossos povos na luta e vitória comum contra o colonialismo português.

A memória do Presidente Agostinho Neto, filho querido da África e nosso companheiro de armas, rendemos sentida homenagem.

Neste ponto, o Presidente Samora Machel pediu um minuto de silêncio em homenagem a Agostinho Neto, depois de observado o qual prosseguiu:

Senhores Presidentes

Para além de vos expressar o calor sempre renovado da nossa amizade e a alegria de vos receber nesta capital, seja-me permitido situar este encontro, no quadro das relações entre os nossos Povos e Estados.

Esta reunião é sequência da Cimeira que realizámos em Luanda, em Junho de 1979. Foi ao tentar aprofundar a natureza das nossas relações que decidimos de novo unir as nossas forças na batalha pela emancipação económica dos nossos povos.

Fomos dominados e explorados pela mesma potência colonial. Para o conjunto dos nossos povos viveram o mesmo resto e assumiram os mesmos pormenores, a humilhação, a brutalização quotidiana, a tortura, o massacre.

As relações forjadas entre nós desde os duros anos da resistência à ocupação colonial e luta armada de libertação nacional, foram por isso, exigência do próprio processo emancipador. Contra o Inimigo comum, o combate era comum, e a coordenação, por mínima que fosse, foi condição essencial e fundamental para o triunfo.

Conjuntamente planeámos a estratégia da nossa libertação e coordenámos as acções tácticas nos diversos campos. Desta unidade saiu fortalecida a decisão dos nossos povos de se libertarem.

Deste passado de luta comum temos que tirar experiência.

Tal como coordenada e planeadamente libertámos da opressão a terra e os homens, temos agora que, também coordenada e planeadamente, libertar os nossos países do atraso económico em que se encontram.

Hoje, conquistada a independência, somos confrontados com a mesma necessidade de reconstruir os nossos países devastados pela exploração colonial. Encontramos nos nossos países problemas idênticos que resultam da mesma herança de miséria, doença, nudez, fome, ignorância e obscurantismo.

Temos que saber colocar as nossas riquezas ao serviço dos nossos povos. Temos de transformar os nossos recursos naturais em instrumentos de luta pela emancipação económica.

Para melhor servir os nossos povos devemos concretizar na prática do desenvolvimento económico a unidade que conseguimos alcançar a outros níveis, nomeadamente nas exemplares relações políticas que estabelecemos entre os nossos Partidos e Estados.

Unindo-nos, suprimindo as nossas falhas neste e naquele domínio, cooperando com os nossos conhecimentos técnicos e científicos, com as nossas experiências organizativas, com a nossa prática de cinco anos de independência, estamos certos de que alcançaremos também a vitória sobre o subdesenvolvimento.

Todavia esta unidade não pode nem deve ignorar as especificidades dos nossos países, fruto das grandes opções decididas pelos nossos respectivos Partidos e Governos.

Não pude ignorar também as distâncias que nos separam no espaço. Mas, tal como no passado essa distância não foi obstáculo para a nossa unidade na luta anticolonial também ela não deve no presente impedir-nos de caminhar juntos, na luta

contra o subdesenvolvimento.

Senhores Presidentes,

Em Luanda, na primeira Cimeira, e nas reuniões ministeriais subsequentes, foram inventariados os problemas, foram estabelecidos e elaborados os temas a debater. Foram delineadas as linhas de acção conjunta e demarcadas as áreas de responsabilidade.

Considerou-se extensamente a necessidade de desenvolver as trocas comerciais entre os nossos países.

No entanto, para que essas trocas comerciais se possam concretizar, devemos concertar esforços para rompermos o bloqueio no campo dos transportes.

A grande via do mar, que no passado serviu a exploração, deve ser a via da libertação económica.

Temos de criar as nossas próprias estruturas de transporte marítimo e aéreo para tornar viável o exercício do comércio, quer entre os nossos países, quer com outros.

Achou-se também necessário estabelecer uma política no campo dos seguros e financiamento das operações comerciais.

Para accionar correctamente todos os mecanismos de cooperação necessitamos de formar os nossos próprios quadros.

Esta formação é, também em si, uma grande área de cooperação que se nos abre e que é extremamente facilitada pelo facto de falarmos uma língua comum.

Com efeito, a forma animadora como têm decorrido as nossas iniciativas multilaterais, nos campos da Saúde, Informação e Justiça, deve-se em grande parte à correcta utilização da língua portuguesa como instrumento de luta para a construção da nossa unidade. Por maioria de razões, a vantagem oferecida pela língua comum deveria ser sistematicamente explorada no desenvolvimento das nossas relações culturais.

Este sentimento levou a que se fizesse insistente referência à necessidade de um maior intercâmbio e cooperação no domínio artístico e educativo.

Estas relações de que somos promotores deverão, todavia, estar abertas aos outros países africanos que, em determinadas áreas, se queiram juntar a nós na luta pela emancipação económica. Ao conseguir que um número cada vez maior de países concerte connosco as suas posições nas relações económicas internacionais, garantimos e reforçamos as nossas independências e reforçamos a frente de luta anti-imperialista.

Senhores Presidentes,

Compe-nos, agora, durante a presente Cimeira, decidir sobre as prioridades e as acções concretas a realizar, para avançarmos na via da solução correcta dos problemas que acabamos de enumerar.

Esperamos que os resultados e conclusões que as nossas conversações atingirem respondam aos objectivos que nos propusemos. Quais! — servir melhor os nossos povos.

A LUTA CONTINUA!

A VITÓRIA É CERTA!

(De: "Notícias", Maputo, 1980-03-30)

## Reduzir a dependência da África do Sul

### UNIDADE E FORÇA-NUCLEO NA NOVA BATALHA

-Presidente Samora Machel ao intervir na Cimeira de Lusaka

Após a inauguração solene dos trabalhos da Cimeira de Lusaka, com a intervenção inicial do Presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia e o discurso do Presidente da Conferência, o Chefe de Estado do Botswana Seretse Khama, o dirigente Máximo da República Popular de Moçambique usou da palavra, na sessão que debateu as propostas das delegações ministeriais. Analisando o sentido da Cooperação e da unidade necessária para que os nove países possam ultrapassar a dependência relativamente à África do Sul, o Presidente Samora Machel pontuou várias outras questões.

Pela sua importância, passamos a transcrever esta intervenção do Presidente da R.P.M. na íntegra:

«Ao iniciarmos esta reunião queremos saudar Sua Excelência Sir Seretse Khama pela contribuição que deu aos países da Linha da Frente em reforçarem a sua luta estendendo-a ao campo da libertação económica. Sob a sua sábia direcção, estamos seguros que os nossos objectivos serão alcançados.

Queremos também manifestar o nosso apreço pela generosa hospitalidade que nos é dispensada pelo Povo e pelo Governo da Zâmbia. Tornou-se para nós uma tradição ter a Zâmbia como uma das nossas retaguardas seguras para a conquista da Independência política. Não nos surpreendemos, pois, que estejamos de novo reunidos em Lusaka para desencadear acções que irão acelerar o processo da nossa libertação económica.

Saudamos os Chefes de Estado e de Governo que aqui se reúnem hoje, porque a vossa presença testemunha a nossa identidade e a nossa comum determinação no combate pela libertação da nossa região e do nosso Continente do colonialismo, do racismo, da opressão, da dependência, e da exploração.

Saudamos o Povo irmão do Zimbabwe que, através da Luta Armada de Libertação Nacional conduzida pela Frente Patriótica, derrotou o regime ilegal e racista da Rodésia e obrigou a potência colonizadora a reconhecer o direito inalienável do Povo zimbabweano à Independência. Não obstante as manobras do imperia-

lismo para instalar os seus fantoches e agentes no Zimbabwe, o Povo zimbabweano soube tomar nas suas mãos o seu destino, soube escolher os seus legítimos representantes. Por isso, queremos saudar fraternalmente a presença no nosso seio do Presidente da ZANU-Frente Patriótica e Primeiro-Ministro do Zimbabwe, Robert Gabriel Mugabe. A vitória do Povo do Zimbabwe é também uma vitória dos países da Linha da Frente que, desde a primeira hora, fizeram sua, a luta dos irmãos zimbabweanos. Ela é uma vitória da Organização da Unidade Africana, e de todas as forças progressistas do mundo.

Os países da Linha da Frente, desde sempre consideraram que a nossa liberdade só seria inteiramente conseguida com a libertação dos povos ainda submetidos ao jugo do colonialismo, do racismo, da opressão, e da humilhação. Esse foi o factor fundamental da nossa Unidade. Esta Unidade consolidou-se através dos sacrifícios consentidos pelos nossos povos, pelas acções que empreendemos em conjunto e pelas medidas concretas que fomos capazes de levar a cabo em apoio à luta do Povo do Zimbabwe.

Senhor Presidente  
Excelências

A nossa tarefa não está porém concluída.

A luta política e o apoio dos países da Linha da Frente deve continuar. A Namíbia ocupada, o regime racista e do «apartheid» continuam a existir.

Importa agora, que a experiência de Unidade e coesão vivida no seio dos países da Linha da Frente pela luta de libertação política dos povos seja também estendida a todos os países e governos de maioria da África Austral na luta pela libertação económica.

Trata-se agora da luta pela libertação económica dos nossos países em particular de reduzir a dependência em relação à África do Sul. Não devemos ter receio em dizer que queremos reduzir a dependência em relação à África do Sul. No entanto, clarificamos que não estamos a declarar guerra à África do Sul.

Essa luta requer Unidade entre os nossos países, Unidade que deve ser assente nos princípios do respeito pela soberania, não-ingêrência e procura de soluções mutuamente vantajosas.

Esta Unidade é fundamental para superarmos a situação económica que nos foi legada pelas potências colonizadoras que vieram, e continuam a ver em nós, os eternos produtores e exportadores de matérias-primas e de mão-de-obra barata. Esta Unidade é fundamental para conseguirmos impor relações económicas justas com os países desenvolvidos que nos impõem preços cada vez mais altos de equipamento e tecnologia que temos de importar.

Podemos mesmo dizer que a maior parte do esforço do nosso desenvolvimento é absorvida pela elevação de preços a nível mundial.

Desta forma se nos queremos libertar da miséria, da fome e da dependência crónica em que nos encontramos temos que reunir a nossa capacidade criadora, as nossas riquezas para fazer um combate decisivo contra o subdesenvolvimento e contra a dependência.

Esta Unidade tem de ser conquistada e cimentada no dia-a-dia e através de acções concretas. Para cimentarmos a nossa Unidade temos de saber qual é o nosso objectivo principal em cada momento.

No seio dos países da Linha da Frente, a Unidade teve como base fundamental o apoio ao Povo do Zimbabwe e da Namíbia na sua luta contra o regime ilegal de Smith e contra o regime da África do Sul. Queríamos e derrotámos o regime de Smith.

Agora o nosso objectivo principal é reduzir a dependência da África do Sul. É em torno deste objectivo que devemos consolidar e desenvolver a nossa unidade.

Nós temos experiência de cooperação com a Zâmbia e a Tanzânia. Constatámos que a nossa gente está alienada. Recusamos um produto só porque traz «Made in Zambia» ou Tanzania, mas compramos o mesmo produto se trazer a marca «Made in South Africa». É nossa obrigação libertar a mentalidade daqueles que vão executar as nossas decisões. Libertar a mentalidade dos tecnocratas que estão escravizados à África do Sul. Sem esta libertação de mentalidades, não podemos avançar.

Esta prática consequente vai permitir o alargamento constante das áreas de cooperação entre os nossos Estados. Isto porque, aumentar a cooperação entre os Estados da região significa reduzir a dependência da África do Sul e, consequentemente, do imperialismo. Por isso, os planos económicos têm de ser preparados e concebidos por nós. Ninguém melhor do que nós conhece as nossas prioridades e necessidades. Não podemos aceitar o hábito de planos feitos fora da região.

Os nossos povos querem paz, querem progresso material e cultural. Somos trabalhadores incansáveis mas queremos beneficiar dos resultados dos nossos esforços. Os nossos povos tem consciência que a cooperação é fundamental para a construção de um destino melhor para os nossos filhos.

Senhor Presidente  
Excelências

A cooperação que pretendemos iniciar depende da nossa vontade política e do nosso engajamento na sua implementação. Queremos insistir neste ponto porque podemos fazer uma bela declaração mas falta a implementação. Para esse efeito, temos de nos libertar de ciúmes e tomar o avanço de qualquer país como sendo o nosso. Se a Zâmbia progride, significa que Tanzânia e Malawi estão a progredir também.

A cooperação significa o desenvolvimento de todos os países da região em benefício dos respectivos povos. Significa ainda um aproveitamento nacional das especificidades

de cada um dos países em particular, das riquezas naturais e da localização geográfica.

Durante a reunião em Maputo das antigas colónias portuguesas, constatámos que não há ajuda nem caridade e nós também não a queremos. O que existe são interesses. Por isso, não devemos falar em ajuda mas sim de cooperação. A Tanzania vai comemorar 20 anos de independência mas nunca recebeu ajuda. O mesmo se pode dizer da Zâmbia. Os interesses económicos é que movem os diferentes países. Vão a Angola porque pretendem petróleo, diamantes e café. No Zimbábwe, querem crómio e ouro. Na Suazilândia pretendem ferro e carvão.

As nossas riquezas naturais são os alvos e por isso são também nossos instrumentos para cooperação e não para ajuda. Por isso, não devemos esperar ajuda mas sim cooperação.

O incremento da cooperação e em particular a coordenação dos esforços de desenvolvimento não é uma tarefa simples nem fácil. Muitas tentativas foram feitas em diferentes regiões e em diferentes momentos.

A História da África é infelizmente rica em exemplos que não foram bem sucedidos.

Temos de tirar lições dessas iniciativas e aproveitar a nossa própria experiência. Por isso temos de ser humildes nos nossos objectivos imediatos e ambiciosos nos objectivos a longo prazo. Devemos ter consciência que não estamos em condições de criar de imediato uma comunidade económica para a região mas podemos desde já dar passos seguros em algumas áreas já identificadas: agricultura, indústria, comércio e energia.

O desenvolvimento da cooperação nessas áreas dependerá de um sistema adequado de transportes e comunicações porque sem ele essa cooperação tornar-se-á impraticável. Estamos certos que os empreendimentos que levarmos a cabo nos diversos domínios de actividade económica, desde que controlados por nós próprios, se traduzirão em benefícios directos para os nossos povos e consequentemente para a melhoria das nossas condições materiais e sociais.

Serão também esses benefícios directos que irão incrementar o nosso desenvolvimento e cooperação económica, tendo em vista a satisfação das necessidades elementares dos nossos povos.

Nesta fase inicial, torna-se pois fundamen-

tal que realizemos acções concretas, que ganhem a experiência para definirmos melhor as modalidades e áreas de cooperação. Não é pela criação de instituições que desenvolveremos a cooperação multilateral.

Alguns de nós têm experiência da ineficácia da criação de estruturas pesadas e dispendiosas que pouco ou nada contribuíram para que os objectivos principais fossem alcançados. As instituições devem surgir para responder a necessidades objectivas, não devendo ser concebidas como um fim em si.

Façamos nossa a experiência que já existe, construamos o edifício da nossa cooperação começando pelos alicerces e não pelo telhado. Aprendamos e valorizemos pois da experiência que já existe dos trabalhos dos países da Linha da Frente; não criámos nenhuma organização nem instituições pomposas, mas fomos eficientes e operativos.

Senhor Presidente  
Excelências

A experiência dos países da Linha da Frente na luta pelo apoio à libertação dos povos oprimidos e explorados da África Austral ensinou-nos que a cada uma das nossas iniciativas e vitórias o imperialismo responde com novas manobras.

Depois desta reunião haverá muitas intrigas, haverá muitas manobras para nos dividir e enfraquecer, para assim continuarmos a depender deles. Por isso devemos uma vez mais estar vigilantes para fazer face às manobras divisionistas que o imperialismo tentará de novo desenvolver, reforçando a cada passo a nossa unidade, força-núcleo que nos permitirá poder vencer a nova batalha contra o subdesenvolvimento e dependência».

(De: "Notícias", Maputo, 1980-04-03)